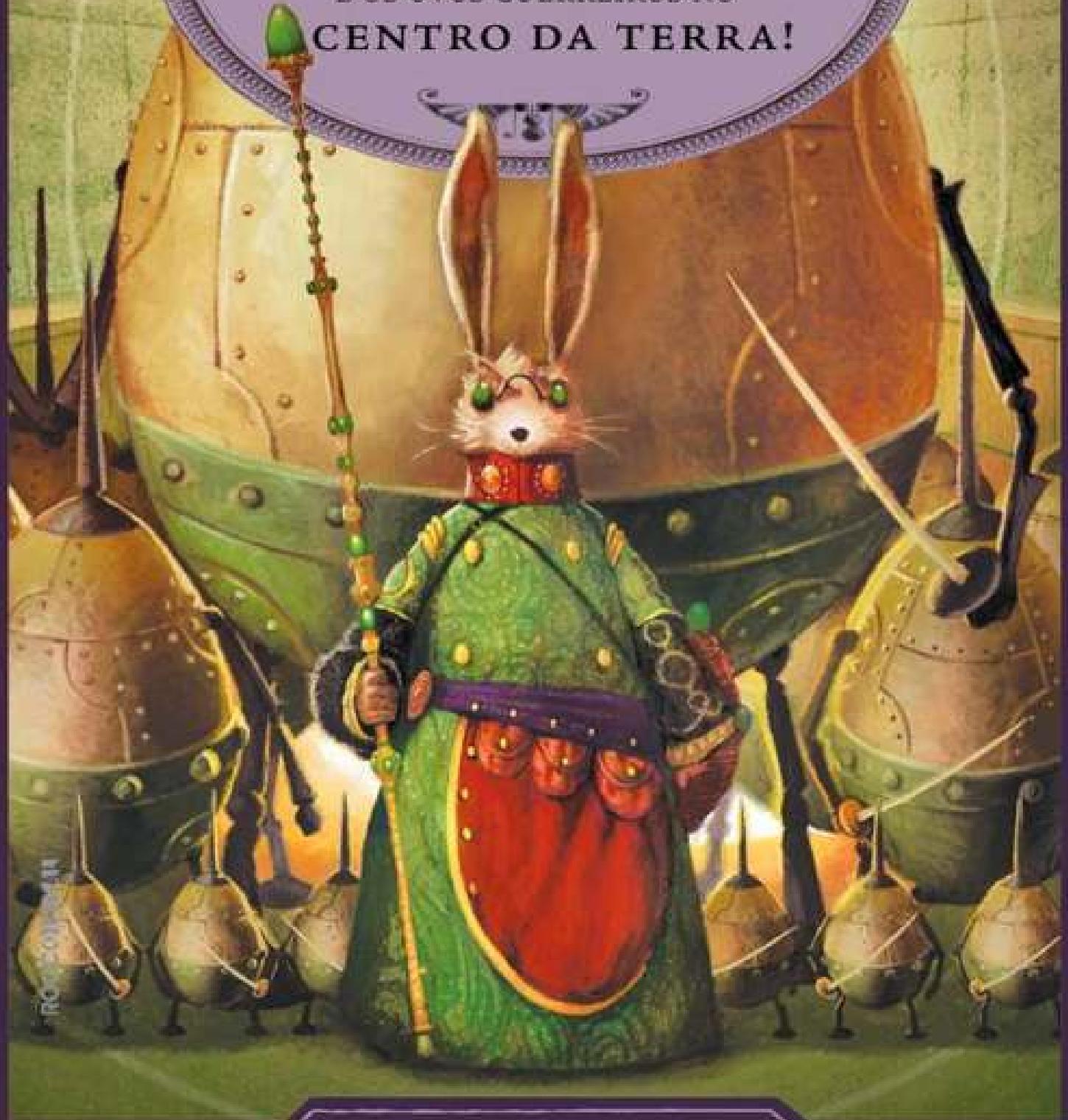


OS GUARDIOES

LIVRO DOIS

COELHOBERTO PASCOAL

E OS OVOS GUERREIROS NO
CENTRO DA TERRA!



WILLIAM JOYCE

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

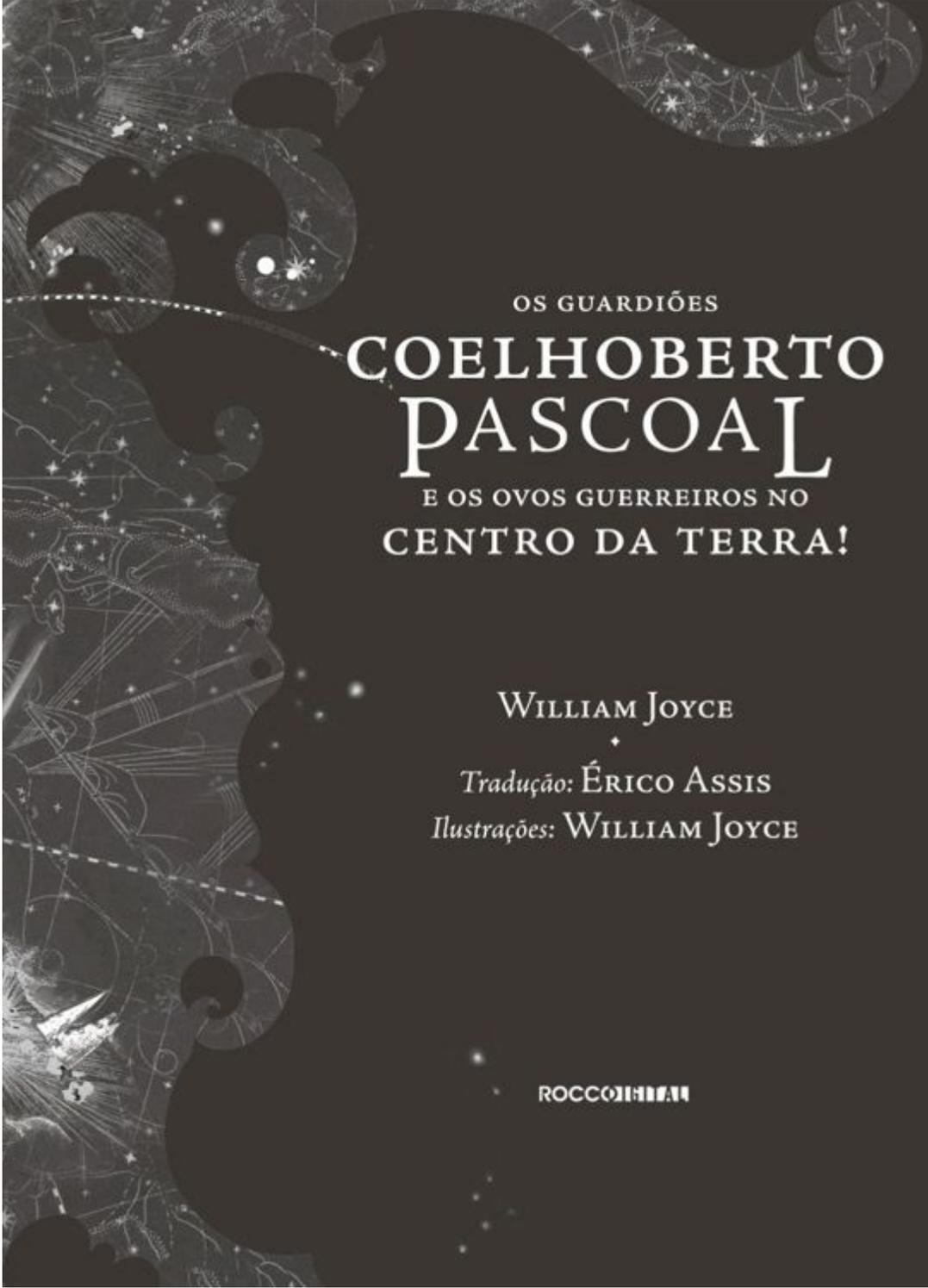


Visite-nos!

www.tocadacoruja.net

O presente e-book foi compartilhado gratuitamente com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas, bem como para o simples teste de qualidade da obra, tendo em vista uma compra futura.

É expressamente proibido e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou cobrança de assinatura para acessar este e-book.



OS GUARDIÕES
**COELHOBERTO
PASCOAL**
E OS OVOS GUERREIROS NO
CENTRO DA TERRA!

WILLIAM JOYCE

Tradução: ÉRICO ASSIS

Ilustrações: WILLIAM JOYCE

ROCCO EDITORA



Coelhoberto Pascoal, o último dos Pookas



Para minha adorável esposa
Elizabeth,
a dama mais sublime de todo o cosmos



Sumário



Antes do Capítulo Um

Recapitulação, Prelúdio e Pressentimentos de Terror

Capítulo Um

Começamos Nossa História com uma História

Capítulo Dois

No Qual Velhos Amigos se Reencontram

Capítulo Três

O Relato de Katherine Sobre as Últimas Aventuras

Capítulo Quatro

Em Veloz Folia Planetária

Capítulo Cinco

Uma História de Ninar que Inclui uma Menina, uma Gansa e Homens das Neves Não Tão Abomináveis Assim

Capítulo Seis

Descobertas Fantásticas e Antigas Magias

Capítulo Sete

Um Coelho Sem Igual

Capítulo Oito

Saltos, Pulos e Piruetas pelo Tempo

Capítulo Nove

O Segredo da Espada

Capítulo Dez

Revelações, Terrores e Feitos Audaciosos

Capítulo Onze

Enquanto Voa a Torre

Capítulo Doze

Delicadas Trevas

Capítulo Treze

O Raio Lunar Relata Seus Infortúnios

Capítulo Catorze

Um Raio Lunar, um Mistério e uma Dúvida

Capítulo Quinze

No Qual os Amigos São Forçados a se Separar

Capítulo Dezesseis

O Enrosco se Enrosca

Capítulo Dezessete

No Qual Breu Aprecia o Talento de Norte, Mas Prova Ser um Ardiloso Enganador

Capítulo Dezoito

Reviravolta Surpreendente com Recheio de Chocolate

Capítulo Dezenove

Noiteluz Está se Apagando

Capítulo Vinte

No Qual Encontramos Algumas Marcas Misteriosas

Capítulo Vinte e Um

Um Ovocástico Interlúdio

Capítulo Vinte e Dois

Um Mistério Leva a Outro

Capítulo Vinte e Três
O Grasnar do Destino

Capítulo Vinte e Quatro
No Qual Faz-se uma Terrível Descoberta e Há uma Ponta de Esperança

Capítulo Vinte e Cinco
A Ovoarmada

Capítulo Vinte e Seis
O Centro Apodrecido

Capítulo Vinte e Sete
O Poder do Pooka Interior

Capítulo Vinte e Oito
Começa a Batalha

Capítulo Vinte e Nove
A Voz

Capítulo Trinta
No Qual Tudo se Interliga Graças a um Antigo Truque Telepático Cujas Origens
É Surpreendente

Capítulo Trinta e Um
A Louca Disputa

Capítulo Trinta e Dois
Norte Ferido

Capítulo Trinta e Três
A Transformação da Lagarta

Créditos

autor



ANTES DO CAPÍTULO UM



Recapitulação, Prelúdio e Pressentimentos de Terror

DESDE QUE A Batalha contra o Rei dos Pesadelos tinha sido vencida, o planeta aparentava relativa tranquilidade.

Katherine, Norte e Ombric haviam permanecido nas montanhas do Himalaia junto aos Lamas Lunares. Sabiam que Breu e seus exércitos sombrios voltariam a atacar. Breu tinha escapado usando a armadura do robô djinni e havia jurado se vingar de todos.

Mas o Homem da Lua dera a Norte a espada mágica que pertencera a seu pai. Contara a eles sobre quatro outras relíquias da Era de Ouro que poderiam ser de grande auxílio, talvez até essenciais, para derrotar o Rei dos Pesadelos de uma vez por todas. Mas onde Breu havia se escondido e o que deveriam fazer agora ninguém sabia.

Dúvidas similares estavam sendo ponderadas numa ilha distante, em uma região isolada do Oceano Pacífico. Naquela ilha residia a criatura mais antiga, misteriosa e peculiar que o mundo já conhecera. Ou não conhecera, no caso. Embora fosse dotado de poder e sabedoria extraordinários, ele havia abandonado o ir e vir da história da humanidade. Não há memória viva da última vez que permitiu que o vissem. Este ser, contudo, sabia que havia algo no ar. Sabia da batalha contra o Rei dos Pesadelos e sabia de Ombric e de Breu. Já se relacionara com eles num passado distante. Podia ver e sentir sinais deveras indesejáveis. Nas profundezas da Terra (onde ficava seu lar), ouviu sons sinistros. Levava uma vida reservada e estava satisfeito com isso, mas seus instintos animais lhe diziam que, quer ele gostasse ou não, voltaria a ser chamado para salvar o mundo do qual havia se distanciado com tanto cuidado.

Seu focinho se mexeu. Suas orelhas gigantes se retraíram.

Ficou pensando nas batalhas terríveis que estavam por vir e em qual seria sua participação nelas, se é que teria alguma.

Zossos Heróis

Zorte



Petrov



Zoiteluz

Ombric



Urso



Katherine

CAPÍTULO UM



Começamos Nossa História com uma História

OS CONFINS DO LESTE siberiano ficava o vilarejo que Katherine, Norte e Ombric chamavam de lar. O vilarejo de Papoff Noelen parecia um pouco solitário sem eles, mas aproximadamente uma dezena de intrépidas crianças brincava na floresta encantada que protegia seus lares do mundo exterior. Os carvalhos que cercavam o lugar estavam entre os maiores do mundo. Seus troncos e galhos maciços eram o paraíso para escaladas.

Petter, garoto forte de doze anos que se imaginava um ousado herói, catapultou-se para a soleira de sua casa na árvore predileta. Aterrissou pouco antes de sua irmãzinha, Sascha. Ela testava sua última invenção: luvas e sapatos que permitiam escalar árvores como um esquilo. Mas a catapulta de Petter era mais rápida.

— Da próxima vez eu ganho — disse Sascha, pensando em colocar um motorzinho na sola de cada sapato.

Ela espiou a clareira, dezenas de metros abaixo. O urso do vilarejo, uma enorme criatura, trotava pelo perímetro da clareira ao lado de Petrov, o cavalo de Nicolau São Norte. Sascha estava imaginando se algum dia poderia cavalgar Petrov quando avistou William Alto, primogênito do Velho William, agachado, conversando com um grupo de centopeias. As crianças de Papoff Noelen haviam começado a aprender os idiomas mais simples (o formiguês, o minhoquês, o caracolês), mas William Alto era o primeiro a tentar o linguajar mais complexo do centopeiês. Sascha pressionou ao ouvido um amplificador de som em forma de corneta.

William Alto relatou o que as centopeias diziam, que tudo estava bem — Breu, o Rei dos Pesadelos, havia sumido de vista. Era um dia quente de verão, mas a lembrança daquela época terrível em que Breu aparecera em Papoff Noelen fez Sascha tremer como se fosse a noite mais escura do inverno mais rigoroso.

Breu já fora herói da Era de Ouro, num período antigo em que as Constelações governavam o universo. Seu nome naquele tempo distante era General Kozmotis Breuner, e ele comandara os Exércitos Dourados na captura dos Medonhos e dos Piratas dos Sonhos que assolavam aquela era. Esses vilões eram terríveis criaturas das trevas. Ao fugirem, devoraram a alma do general — que, daquele momento em diante, passou a desejar os sonhos de crianças inocentes e a ser conhecido apenas como “Breu”. Ele estava determinado a arrancar tudo de bom que havia nos sonhos até tornarem-se pesadelos, para que as crianças da Terra e de outros mundos vivessem assustadas. E os sonhos das crianças de Papoff Noelen — que nunca haviam conhecido medo ou maldade — eram os prêmios pelos quais mais ansiava.

Sascha, assim como as outras crianças de Papoff Noelen, sobrevivera à noite horripilante na qual os Medonhos de Breu quase as haviam capturado na floresta encantada graças ao garoto reluzente e seu cajado de luz lunar que fez os predadores obscuros baterem em retirada.

Agora ela havia escalado um galho e estava pendurada pelos joelhos, ainda segurando sua corneta de ouvido. *O mundo fica diferente de cabeça para baixo, mas o som é o mesmo*, pensou ela.

Sascha escutou mais uma vez, então abaixou seu amplificador de sons. As centopeias haviam dito que estava tudo bem. *Mesmo assim, e se Breu e os Medonhos reaparecessem?* Ela franziu o cenho, mas antes que aquela ideia pudesse preocupá-la, Petter chamou-a para um novo desafio.

— Vamos ver quem chega primeiro à clareira? — berrou, pulando para o galho ao lado.

Para descer da árvore, os sapatos e luvas de Sascha agora lhe davam vantagem. Ela aterrissou com orgulho em frente a William Alto e seu irmão William-Quase-O-Mais-Novos. O irmão de Sascha ainda estava meia árvore atrás.

Ela estava prestes a gabar-se de sua vitória quando avistou os elfos de pedra agachados entre as árvores e trepadeiras. Eram pelo menos dez estátuas, e formavam uma visão sinistra e inquietante. Algumas estavam de braços erguidos, as espadas de prontidão; outras, congeladas em meio a um grito.

As estátuas eram o bando de foras da lei de Nicolau São Norte, transformado em pedra pela Alma da Floresta. A Alma poupou Norte porque apenas ele tinha o coração puro. Norte havia rejeitado as riquezas que ela oferecia e saíra ao resgate do vilarejo quando Breu atacara de novo. Decidira então permanecer em Papoff Noelen e tornara-se aprendiz do mago Ombric Shalazar.

A Alma da Floresta era apenas uma das barreiras mágicas que o mago havia projetado para proteger o vilarejo quando o criara. Ele também criara uma cerca viva com trinta metros de altura, o grande urso negro do tamanho de uma casa e os majestosos carvalhos que bloqueavam a entrada de qualquer um que chegasse a Papoff Noelen com intento vil. Mas nada disso fora suficiente para proteger as crianças das sombras e dos Medonhos enviados por Breu.

Petter e seu amigo Fog começaram a cruzar espadas de madeira, encenando a batalha que ocorrera quando Nicolau São Norte ficara frente a frente com Breu.

Tudo que eles conheciam e amavam parecia perdido até que Norte chegara a galope, em cima de Petrov, para o resgate. Embora muito ferido, Norte conseguira afugentar Breu, mas as crianças temiam que o Rei dos Pesadelos pudesse voltar. Naquele exato momento, Ombric, Norte e sua amiga Katherine estavam distantes de Papoff Noelen, em busca da arma — uma espécie de relíquia — que poderia derrotar Breu de uma vez por todas.

William-O-Caçula estava quase às lágrimas.

— Estou com medo. Breu disse para nós que voltaria.

— Norte, Ombric e Katherine vão descobrir uma maneira de detê-lo — disse Petter para consolá-lo.

William-O-Caçula não estava completamente convencido.

— Mas a magia de Breu é muito forte. E se for maior que a de Ombric?

— O que Ombric sempre diz? — questionou Petter.

William-O-Caçula parou para pensar, então seus olhos se iluminaram.

— Que o verdadeiro poder da magia está em acreditar — declarou, contente em ter lembrado a primeiríssima lição de Ombric.

E então começou a recitar:

— Acredito! Acredito! Acredito!

Sascha o acompanhou:

— Acredito! Acredito! Acredito que Katherine, Norte e Ombric vão voltar para casa!

CAPÍTULO DOIS



No Qual Velhos Amigos se Reencontram

ENQUANTO WILLIAM-O-CAÇULA E SASCHA entoavam aquelas palavras com fervor, as luzes ao redor das crianças começaram a tremeluzir. A Alma da Floresta estava chegando! Em meio a um redemoinho de véus reluzentes decorados com pedrinhas preciosas, ela surgiu diante deles.

— Hora de aprender — sussurrou ela, a voz suave como sempre reanimando as crianças. E sua beleza luminosa, sobrenatural, afugentava qualquer preocupação. — Hoje vocês terão uma surpresa especial.

As aulas em Papoff Noelen eram sempre uma surpresa. Num dia qualquer as crianças poderiam aprender a construir uma ponte que levasse até as nuvens ou fazer sair chuva de uma pedra do rio. Portanto, quando a Alma da Floresta dizia que a surpresa era especial, devia ser algo realmente incrível.

As crianças correram até o vilarejo, Petrov e o urso a galope a seu lado. A Alma da Floresta planou sobre eles, envolvendo as crianças com faíscas de luz que faziam cócegas e redemoinhos a seu redor. Pararam apenas para pisar com força na rachadura que surgira no chão no ponto em que Breu havia sumido ao escapar. William-O-Caçula foi quem pisou com mais raiva.

As aulas aconteciam dentro da casa de Ombric na Troncuda, a árvore mais antiga do vilarejo e centro de toda a sua magia. Os imensos galhos balançavam enquanto as crianças corriam de suas raízes grossas para dentro do centro oco. Desde que Ombric partira em missão com Norte e Katherine, os pais das crianças vinham ajudando com as aulas. Mas, naquele dia, havia realmente uma surpresa! Uma pilha gigantesca de pacotes — todos idênticos — atravancavam a biblioteca de Ombric. Eram tantos que as abelhas, aranhas e formigas que mantinham o escritório de Ombric organizado não conseguiam dar conta.

O encarregado da biblioteca era o Sr. Qwerty, uma lagarta lunar que amava os livros mais do que qualquer coisa. Ele muitas vezes podia ser encontrado serpeando para cima da lombada de um livro ou descendo por outra, limpando

as capas ou consertando páginas rasgadas. Com aproximadamente quinze centímetros de comprimento, ele tinha um tom verde-claro e primaveril, uma grande quantidade de pernas, e usava pequenos óculos redondinhos apoiados no nariz. Era também a maior autoridade presente quando Ombric não estava.



*Sr. Qwerty — cavalheiro,
lagarta lunar e acadêmico*

Ele havia descido sinuosamente a pilha de livros para supervisionar a entrega dos pacotes.

— Muito cuidado — disse a eles, com voz surpreendentemente humana. Era o único inseto no mundo, até onde se sabia, que falava idiomas humanos.

Claro que as crianças examinaram os presentes com intensa curiosidade.

— Parece ser coisa do Norte — disse Fog.

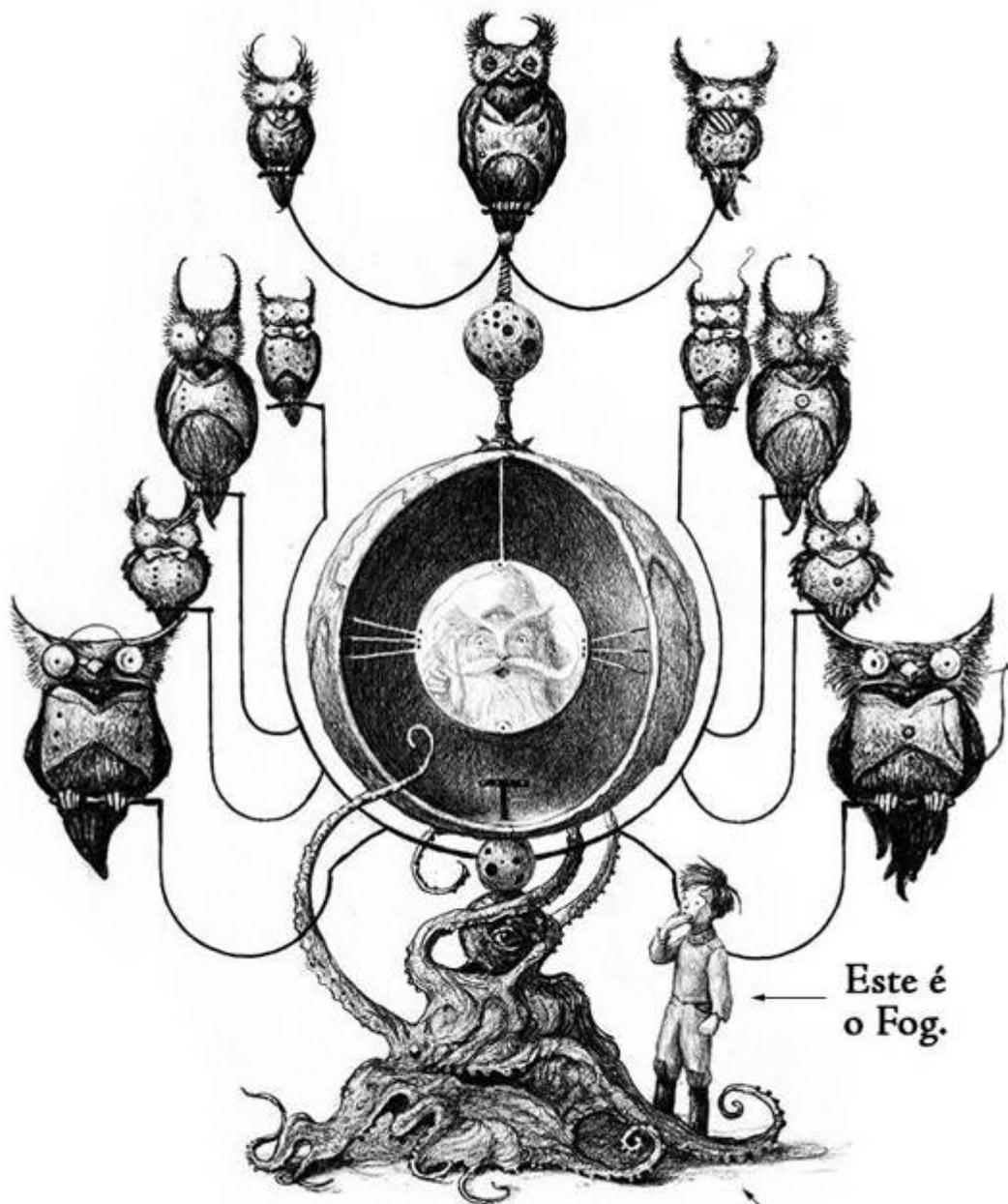
O comentário provocou uma onda de murmúrios entusiasmados. Então eles notaram um pequeno exército de formigas transportando um pacote maior do que os outros pela entrada da Troncuda.

— Para quem será que é esse? — perguntou William-O-Caçula, com um tom de voz esperançoso.

— Eles não têm etiquetas? — perguntou Sascha.

Foi então que o globo gigante no meio da sala — aquele no qual Ombric dormia — se abriu. Era oco por dentro, com exceção de um varão de madeira próximo ao chão, sobre o qual Ombric ficava de pé para dormir. As crianças sempre se perguntavam como ele fazia para não cair, mas parece que, para os magos, aquilo era normal. Como sempre, havia cerca de uma dúzia de corujas sobre os poleiros ao redor do globo. Tinham a capacidade singular de comunicar-se telepaticamente com o mago.

As corujas passavam a maior parte do dia alisando as penas com os bicos, mas agora começavam a piar, de forma lenta e aguda. No centro do globo, surgiu uma lâmina espelhada circular e chata, que começou a brilhar. Uma imagem iluminada surgiu sobre a superfície, e um rosto muito familiar entrou em foco. As crianças gritaram de alegria. Era Ombric! Ombric! Fazia muitas semanas desde que eles haviam partido, e as perguntas vieram aos berros: “Onde você está?”, “Como está Katherine?” e, principalmente, “De quem são esses presentes?”



Este é
o Fog.

Este dodecópode
é esculpido.

O velho mago ergueu as mãos.

— Antes de tudo — disse ele, rindo —, me contem: algum de vocês teve pesadelos?

As crianças ficaram se olhando, todas fazendo não com a cabeça.

— Não — disse Fog.

— Velho William fez aniversário — acrescentou Petter.

— William-O-Caçula também — relatou Sascha.

— Ainda somos o mais novo e o mais velho do vilarejo — pronunciou-se William-O-Caçula. — Mesmo quando faço aniversário, continuo sendo o menor de todos — concluiu com o cenho franzido.

— Então tudo está como era e deveria ser — disse Ombric, assentindo com satisfação. — Sabia que tudo ficaria em ordem nas mãos habilidosas do Sr. Qwerty.

Ao ouvir Ombric mencionar seu nome, o Sr. Qwerty parou momentaneamente de reencadernar *Curiosidades e Inexplicabilidades de Atlântida, Volume 8*, e deu um leve aceno a todos.

— William Alto — disse Ombric, apontando o garoto. — Acredito que você cresceu mais sete oitavos de polegada.

William Alto aprumou-se na cadeira, com um sorriso de satisfação.

— Sascha, ouvi dizer que você aprendeu a escalar árvores mais rápido que um esquilo.

Sascha ergueu pés e mãos para Ombric conferir suas invenções.

— Muito engenhoso — disse ele, coçando a barba. Para cada criança ele tinha uma observação animadora, um elogio ou incentivo. Enfim chegou a William-O-Caçula, que só queria saber das misteriosas caixas.

Ombric via que o garoto estava usando todo o seu autocontrole para não pegar uma das caixas.

— Para responder a *sua* pergunta, jovem William, estas caixas são presentes de Norte. Há uma para cada um de vocês. Todas são exatamente iguais... até que vocês as peguem — disse ele, em tom misterioso.

— Já que eu sou o menor, posso ficar com a caixa maior? — perguntou William-O-Caçula na voz mais doce possível.

— *Aquele* presente é especial — disse Ombric. — É para todos vocês e deve ser aberto por último.

Então cada criança escolheu uma das outras caixas. Petter pegou uma delas na mão. Era surpreendentemente leve.

Ombric sorriu.

— Agora, pense numa coisa que você gostaria de ganhar, e ela será sua.

Petter fechou os olhos e se concentrou o máximo que pôde. Ao abri-los, em vez de uma caixa, tinha nas mãos um par de sapatos especiais que lhe permitiriam deslizar sobre a água.

William-O-Caçula encontrou um soldadinho mecânico que se movia sozinho e carregava duas espadas, que brandia loucamente.

— É bem como eu sonhava — gritou o mais jovem dos William. — Diga obrigado ao Norte!

Havia presentes até para Petrov (uma cenoura que ia durar uma semana) e o urso (uma pulseira muito elegante para a pata que ficara ferida na briga contra Breu).

Quando todos os desejos foram atendidos, as crianças se voltaram para a caixa grande.

— Este é da Katherine — disse Ombric.

As formigas carregaram o imenso pacote até a mesa bagunçada de Ombric. Quando soltaram-no, o pacote começou a desfazer-se sozinho, e dele saiu um livro.

— Katherine escreveu uma história sobre nossas aventuras desde que partimos. Ela sente saudade de todos e queria poder contar-lhes pessoalmente, mas, até lá, o livro vai lhes narrar a história. Agora, antes de começarmos, devemos partir do primeiro feitiço que lhes ensinei. Estão lembrados? — perguntou Ombric.

As crianças ficaram se olhando e sorrindo. Será que lembravam? Ora, Sascha e William-O-Caçula haviam acabado de entoar o feitiço na floresta. Felizes por estarem um passo à frente do professor pelo menos uma vez, eles começaram a murmurar.

E enquanto as palavras “Acredito, acredito, acredito” enchiam o ar, a capa de couro verde do livro de Katherine abriu com o suspiro de contentamento criado

por cada nova história que adentra o mundo. As páginas se viraram, parando para revelar um desenho delicado de autoria de Katherine. Havia uma fita dourada marcando a página. No alto, na letra nítida da menina, estavam as palavras “O Início”.

CAPÍTULO TRÊS



o Relato de Katherine Sobre as Últimas Aventuras

PARA SURPRESA DAS CRIANÇAS, o desenho de Katherine começou a se mexer e falar, e então a voz dela preencheu o salão. Os bichinhos detiveram-se na arrumação, as corujas pararam de piar. Sr. Qwerty fez uma pausa no serviço com os outros livros. As únicas coisas que se moviam na Troncuda eram as páginas virando e as asas das mariposas e borboletas que batiam, refrescando as crianças naquele calor veranil. De guarda, lá fora, Petrov e o urso chegaram mais perto para ouvir, pois até cavalos e ursos gostam de uma boa história.

— Você também ganhou um presente? — perguntou William-O-Caçula ao desenho de Katherine. — Se não ganhou, eu divido o meu com você quando voltar para casa.

— Ganhei um presente maravilhoso — garantiu Katherine ao caçula. — Faz parte da história.

E então ela começou, as páginas do livro virando à medida que falava.

— Lembrem que Breu se infiltrou no chão para fugir da luz do sol?

Todas as crianças fizeram que sim. Luz era a única coisa que Breu não suportava.

— E se lembram de quando Norte construiu o djinni mecânico?

As crianças novamente fizeram que sim.

— Ótimo. Agora vou lhes contar o que aconteceu com o djinni.

As crianças inclinaram-se para chegar mais perto, sem conseguir tirar os olhos dos desenhos de Katherine enquanto ela os inteirava do que acontecera nas últimas semanas.

— Breu possuiu o djinni, disfarçado de aranha, e aprendeu os feitiços de submissão de Ombric. Então transformou Ombric e Norte em brinquedos de porcelana e estava prestes a destruí-los. Mas o garoto espectral chamado Noiteluz salvou a todos nós.

As crianças ficaram perplexas com as novidades. Petrov relinchou. Até as borboletas pararam de bater as asas.

— Noiteluz é um grande herói— disse Katherine, com o rosto reluzente. — Ele já foi protetor do Homem da Lua e manteve Breu preso por séculos! Ele é destemido e poderoso, e agora é o *nosso* amigo e protetor.

As crianças se entreolharam, impressionadas.

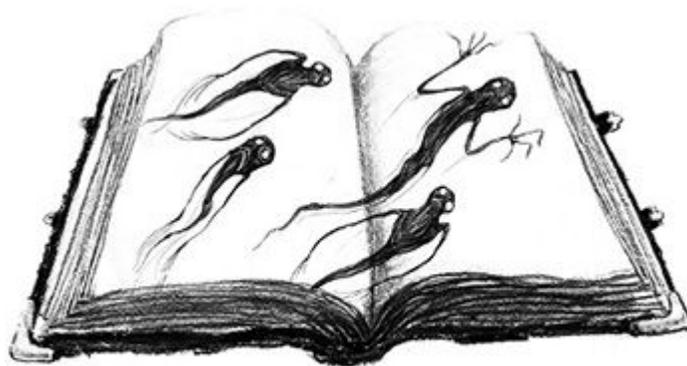
— Noiteluz e eu encontramos Ombric e Norte no alto dos Himalaias, as montanhas mais imponentes do mundo. Mas como Breu havia entrado na armadura de metal, a luz não o atingia, o que o tornava praticamente invencível. Ele reunira um grande exército de Medonhos, houve uma batalha horrenda e toda a esperança parecia perdida. Então... Então... Noiteluz trouxe seu próprio exército para nos ajudar.

— Que tipo de exército? — Petter teve que perguntar.

Katherine sorriu.

— Raios lunares! E os Lamas Lunares mandaram Abomináveis Homens da Neve. Vocês sabem, aqueles dos quais Ombric sempre falava? São de verdade, do tamanho do nosso urso, e há centenas deles. Na verdade eles se chamam Yeti.

As crianças comemoraram quando os desenhos de Katherine mostraram a batalha, cena após cena.



O livro de Katherine

As páginas pararam num esboço de Katherine, Ombric e Norte dentro de uma espécie de castelo.

— Onde fica isso? — perguntou Sascha.

— Ah! Este é o Lamadário Lunar! Foi construído pelos Lamas Lunares. São homens de fé mais velhos até do que Ombric.

O desenho seguinte mostrava Ombric, Norte e Katherine cercados por Yeti e Lamas Lunares. Então a página virou, e na seguinte havia o desenho de um rosto com a aparência mais gentil que eles já haviam visto.

— Quem é esse? — perguntou Fog.

— *Esse é o Homem da Lua* — respondeu Katherine.

As crianças começaram a cochichar entre si. O Homem da Lua!

— O Homem da Lua nos contou que Breu caiu na Terra há muito tempo, e que foi Noiteluz que o manteve preso nos subterrâneos durante todos os séculos em que ficou desaparecido! — falou Katherine. — O Homem da Lua também nos disse que, agora que Breu está de volta, ele não vai desistir, e perguntou se poderíamos auxiliá-lo na guerra para destruir Breu para sempre.

— Então haverá mais batalhas? — disse William-O-Caçula, engolindo em seco.

— Quer dizer que não voltaremos a ver vocês por um longo tempo? — perguntou Fog.

— Quando vocês vêm para casa? Estamos com saudade — acrescentou Sascha.

As perguntas das crianças e as respostas de Katherine foram abafadas por um barulho alto como uma buzina.

Katherine começou a rir.

— Depois eu conto mais. Agora tenho que cuidar da minha bebê gansa!

Então apareceu na página o desenho de um filhote de ganso muito grande.

William-O-Caçula pulou à frente para olhar mais de perto.

— Este é o seu presente?

— Sim! O nome dela é Kailash. Ela é uma Gansa das Neves do Himalaia, e vai ficar do tamanho de um cavalo. Acha que eu sou a mãe dela. Mas hoje, na hora de dormir, meu livro vai falar mais de Kailash, prometo.

Então o livro fechou-se delicadamente, e as crianças ficaram com a difícil tarefa de ter que esperar até a hora de dormir para ouvir o restante da história. Contudo, eram crianças de Papoff Noelen! Travessuras e magias fariam o dia passar mais rápido.

No entanto, para uma lagarta chamada Sr. Qwerty, não havia tempo suficiente. De todos os livros da biblioteca de Ombric, o de Katherine era o mais fantástico. Passaria o resto do dia polindo-o até ele brilhar como uma joia.

CAPÍTULO QUATRO



Em Veloz Folia Planetária

ENQUANTO ISSO, NOS DISTANTES picos dos Himalaias, Katherine estava a uma das mesas em forma de lua na biblioteca do Lamadário Lunar. Fora lá que o Grande Lama Superior lhe ensinara a fazer livros mágicos. Ensinara que, se ela desejasse de verdade, os desenhos e as palavras que escrevesse ganhariam vida na página. A tinta e o papel que usava podiam ser comuns, mas sua mente, sua imaginação, eram o que dava às palavras e imagens seu grande poder: o de se conectar a quem quer que lesse suas histórias.

Essa era a primeira vez que ela tentava entrar em contato com seus amigos através de um desses livros encantados, e ficou muito animada em ver que funcionava tão bem. Foi como se estivesse lá, na biblioteca de Ombric, sentada ao lado de William-O-Caçula e dos demais. Mas isso também fez com que sentisse ainda mais saudade de seus amigos.

Noiteluz estava empoleirado numa das cadeiras da biblioteca, também ouvindo a história de Katherine. Ele apreciava em especial as partes sobre si próprio. Katherine nunca ficava mais feliz do que quando Noiteluz estava por perto. Embora ele não proferisse uma palavra, os dois tinham ficado muito próximos. Ele era um amigo surpreendente. Sabia voar e falar telepaticamente com raios lunares. Fazia Katherine rir e sempre a mantinha segura. Mas era nos momentos quase silenciosos que a verdadeira força de seus laços ficava evidente. Um amigo que entende tudo sem que seja preciso lhe dizer uma palavra é o melhor e mais raro de todos. Então, naquela noite, sem que Katherine dissesse uma palavra, Noiteluz conseguiu ver que ela sentia saudade das crianças em Papoff Noelen e estava preocupada com a segurança delas.

Enquanto Katherine alimentava sua gansinha — processo que envolvia vários Yeti e uma quantidade espantosa de aveia —, Noiteluz dirigiu-se a Papoff Noelen para conferir se as crianças estavam seguras. Katherine não o viu partir,

mas sabia que ele havia saído. Aquela era a hora do dia em que ele voava pelo mundo em busca de sinais de Breu.

A vida de Noiteluz se dividia em três partes: Primeiro houvera a época em que ele era guardião e protetor do pequeno Homem da Lua, período do qual mal se lembrava. Não gostava de pensar na segunda parte — os longos anos de trevas, preso na caverna com o Rei dos Pesadelos, enjaulado no coração gelado de Breu. A terceira parte era a vida atual de Noiteluz — período de liberdade e amizade. Esta parte de sua vida era mais feliz do que qualquer outra de que se lembrava. Sempre que se lançava aos ventos ou numa nuvem, ou ajudava a proteger as crianças, ele se sentia corajoso, forte e brilhante.

O que o deixava ainda mais feliz era Katherine. Ela era inteligente, gentil e sempre disposta a ajudar os amigos. E como Papoff Noelen era o lar de Katherine e era especial para ela, Noiteluz dava atenção extra ao vilarejo em suas rondas noturnas. Caso Breu retornasse para ferir aquela gente — o povo de Katherine —, Noiteluz faria tudo que estivesse a seu alcance para detê-lo. Mesmo correndo o risco de ser novamente aprisionado no coração de Breu ou, pior ainda, liquidado.

Já era noite quando ele chegou a Papoff Noelen. Vasculhou a floresta em busca de perigos. Seria aquilo a silhueta de uma folha à luz da lua — ou os dedos demoníacos de um Medonho? Seria Breu momentaneamente eclipsando a Lua — ou uma nuvem que passava devagar pelo céu noturno?

Após Noiteluz examinar cada canto e recanto remoto da floresta e garantir que tudo estava bem, tomou o rumo do vilarejo. Espiou cada casa e quintal. Conferiu até as reentrâncias do solo ao redor da Troncuda. Enfim ergueu seu cajado de luz lunar sobre a fenda úmida e fumacenta no barro por onde Breu fizera sua retirada. O raio lunar na ponta de diamante do cajado brilhava forte, e Noiteluz pôde ver que a fissura estava exatamente igual à noite anterior, assim como na anterior à anterior. Conferiu uma segunda vez, só para ter certeza. Mas não viu nenhum dos covardes Medonhos disfarçados de sombras. Nenhum sinal de Breu, em lugar algum.

Na maioria das noites, isso teria sido o bastante para satisfazer o garoto espectral. Ele riria sua risada perfeita e pularia até a nuvem mais próxima para um jogo de pega-pega com os raios lunares. Mas hoje havia algo errado. Talvez

não fosse nada, porém depois de todos aqueles anos próximo a Breu ele adquirira um instinto para detectar o mal. Por isso permaneceu nas sombras, vasculhando o céu enquanto as crianças de Papoff Noelen iam à Troncuda para sua história de ninar.

Ele já havia aprendido os nomes delas: Sascha, Petter, Fog, todos os Williams, assim como os outros. Observou-os em segredo enquanto conversavam sobre a história que Katherine voltaria a contar naquela noite. Ao se apressarem para se preparar para dormir, o Rei dos Pesadelos estava longe de seus pensamentos. Mas por mais que Noiteluz amasse as histórias de Katherine, tinha que permanecer vigilante. Enquanto as crianças se reuniam, sua atenção estava voltada para as sombras.

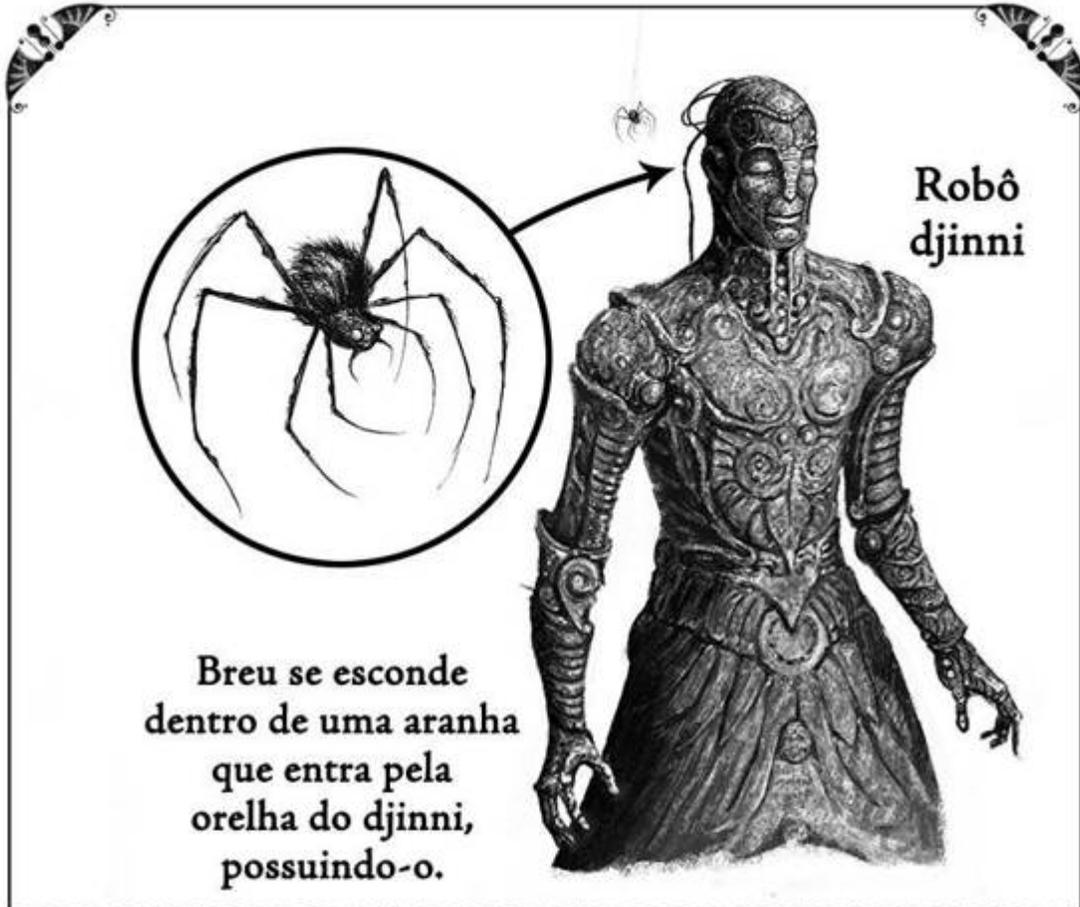
Os Vilões



Breu,
o Rei dos
Pesadelos

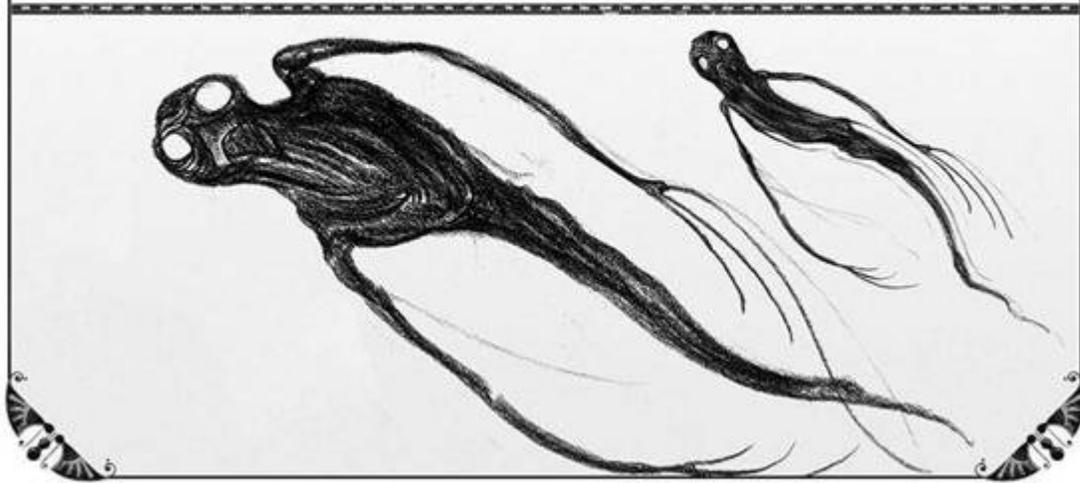
Medonhos





**Robô
djinni**

**Breu se esconde
dentro de uma aranha
que entra pela
orelha do djinni,
possuindo-o.**



CAPÍTULO CINCO



Uma História de Zinar que Inclui uma Menina, uma Gansa e Homens das Neves Não Tão Abomináveis Assim

QUANDO AS CRIANÇAS DE Papoff Noelen chegaram à Troncuda naquela noite, beliches materializaram-se do centro oco da árvore. Cada fileira projetava-se como os aros de uma grande roda e tinha cinco camas de altura. No centro, enroscava-se uma escada em espiral.

William-O-Caçula escalou as escadas e foi o primeiro a chegar à sua cama. Ele deitou seu soldado de metal no travesseiro para poder ver o livro de Katherine, que estava suspenso do teto por um fio de seda do Sr. Qwerty. Em um instante todas as crianças haviam encontrado suas camas. Chocolate quente pairava no ar, ao lado de cada travesseiro. Também surgiram biscoitos. As crianças comiam e bebiam seu lanche aguardando a história de Katherine recomeçar.

— Ela vai nos falar da grande bebê gansa — disse Sascha.

— E de Noiteluz — acrescentou William-O-Caçula. — É dele que eu mais gosto!

Noiteluz, que pairava lá fora, aproximou-se da janela ao ouvir seu nome. Embora a preocupação ainda o incomodasse, Petrov e o urso faziam vigília à porta, então Noiteluz permitiu-se relaxar. Pressionou o rosto contra o vidro, bem a tempo de ver o livro de Katherine reabrir-se.

Assim como acontecera naquela tarde, a voz de Katherine tomou conta da Troncuda; as páginas se viraram e a história recomeçou.

— Hoje vou contar a vocês sobre a minha gansinha — começou a voz de Katherine. — É triste a história desta Gansa da Neve bebê...

Sascha reclamou de imediato.

— Eu não gosto de histórias tristes.

— Ela só começa triste — garantiu Katherine.

Satisfeita, Sascha recostou-se no travesseiro. Uma mariposa parou a seu lado e juntas elas assistiram às páginas virarem até o desenho de uma grande pilha de neve e gelo.

— Depois da batalha, Breu havia recuado para o corpo do djinni — dizia a eles o desenho de Katherine —, mas ao partir ele causou uma avalanche que enterrou os ninhos dos Grandes Gansos da Neve.

As crianças fizeram “aah” quando as páginas viraram e mostraram o esboço de um dos enormes pássaros. Katherine explicou como havia ajudado a escavar um magnífico ovo prateado que estava soterrado na neve.

— Não conseguimos achar os pais — disse Katherine, tristonha, e fez uma pausa.

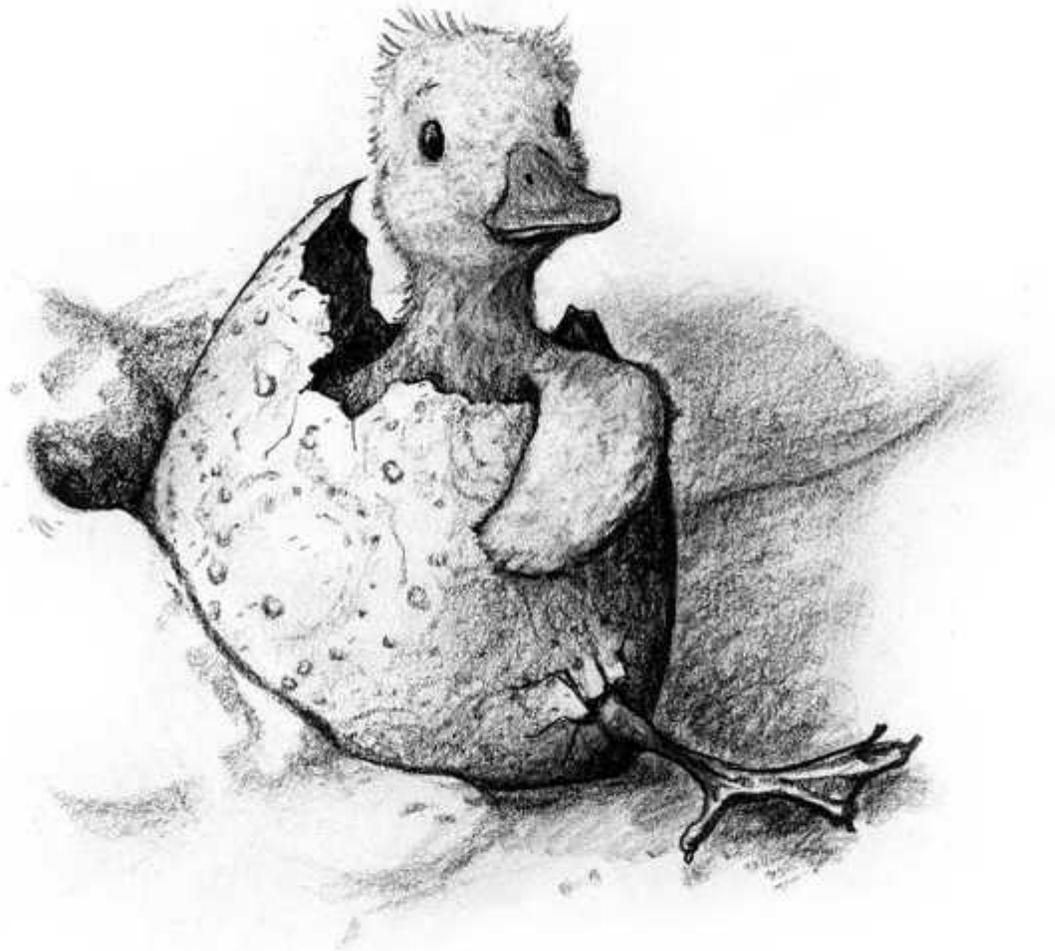
As crianças de Papoff Noelen conheciam bem a história dos pais de Katherine. Os dois também haviam perecido numa nevasca quando ela não passava de um bebê, de forma que não surpreendia ver Katherine abrir o coração para a gansinha órfã.

— Examinamos o ovo com mais atenção — contou Katherine. — Ele tremia, e ouvimos batidinhas abafadas. Apareceu um buraquinho, depois um pequeno bico laranja saiu pela casca, e então uma cabeça de penugem branca!

Surgiu diante deles a imagem da bebê ganso meio para dentro, meio para fora da casca.

— Queria que vocês pudessem sentir como as penas dela são macias. Talvez eu consiga levá-la para casa. Batizei-a de Kailash, que é o nome da menor montanha dos Himalaias.

— Kailash — repetiu Sascha. — Gostei desse nome.



Kailash chega ao mundo.

— Eu e Noiteluz ajudamos os gansos a refazerem os ninhos. Eles são gigantescos, quase do tamanho de uma sala. E os gansos são mais altos que Norte, e tão grandes que dá para montar neles!

E Katherine prosseguiu:

— Ombric ri toda vez que vê Kailash andar bamboleando atrás de mim. Acho que ele se sente um avô! Enchemos os ninhos de penas para ficarem bem quentinhos. Às vezes eu até durmo com Kailash, para ela não se sentir sozinha. Para minha sorte, os Yeti sabem fazer comida para filhotes de Gansos da Neve.

As imagens dos imensos e peludos Yeti cozinhando para a gansinha e de Kailash bamboleando atrás de Katherine fizeram todos rirem. Então seguiram-se mais imagens à medida que as páginas viravam: Katherine e Noiteluz batendo os braços para tentar ensinar a gansinha a voar, e os primeiros saltos de Kailash no céu.

— Agora ela consegue voar até duas ou três horas sem parar — declarou Katherine, orgulhosa. — Está crescendo tão rápido que toda hora temos que aumentar seu ninho. Ela cresce mais de cinco centímetros por dia.

Surgiu uma tabela de crescimento, que media Kailash contra uma parede.

— E eu estou aprendendo a falar gansês. É quase tão difícil quanto corujês, porém mais fácil que aguiês.

Depois foi a vez de Fog falar.

— Noiteluz sabe falar gansês? — perguntou.

Katherine respondeu:

— Ele nunca diz uma palavra, mas parece entender tudo. Há muitas criaturas com as quais ele consegue falar por telepatia. Mas comigo ele gosta de falar por imagens. Vejam!

As crianças inclinaram-se para ver os desenhos de Noiteluz, que eram diferentes dos de Katherine — mais simples, mais infantis, mas belos à sua maneira. Havia esboços mostrando sua vida anterior na Era de Ouro; imagens das imensas Mariposas Lunares, das grandes lagartas que viviam na Lua; o Homem da Lua quando bebê; e a última batalha da Era de Ouro. Havia também uma imagem mais sombria, de todos os anos que Noiteluz ficara preso na caverna com Breu. Por fim, a imagem dele sendo libertado por seu amigo raio

lunar, e outra dele salvando as crianças de Papoff Noelen dos Medonhos naquela noite na floresta.

Noiteluz apertou os dedos contra a janela. Adorava ver como as crianças reagiam aos desenhos.

— Ontem pela manhã Noiteluz tinha uma surpresa para mim — disse Katherine quando as crianças recostaram-se nos travesseiros. — Eu vinha esperando, e esperando que Kailash tivesse tamanho suficiente para voar nela e, sem segredo, Noiteluz e Kailash haviam decidido que aquele seria o dia! Kailash cutucou meu braço com o bico e abaixou-se para eu poder subir em suas costas.

Animada, Katherine prosseguiu:

— Então subi. Ela abriu as maravilhosas asas e subimos ao céu. Parecia que poderíamos voar para sempre. Voamos por todo o Himalaia, até sobre a montanha mais alta do mundo, e, claro, voamos sobre a montanha chamada Kailash. Ficamos voando até escurecer. Então acomodei Kailash no seu ninho e lhe contei uma história de ninar sobre vocês até ela cair no sono, e agora é hora de todos nós fazermos o mesmo. — O livro começou a se fechar. — Boa noite, pessoal. Sonhem com Kailash e comigo, e em breve iremos revê-los em casa.

A história tivera um final feliz, como Katherine prometera.

William-O-Caçula bocejou e virou para o lado, roncando baixinho. Sascha chutou as cobertas e um bando de besouros as colocou de novo sobre seus ombros. Petter logo começou a sonhar com gansos gigantes e Abomináveis Homens das Neves.

Katherine não dissera aos amigos que Norte e Ombric tentavam descobrir onde estavam escondidas as outras relíquias da Lua; não lhes contara que o Rei dos Pesadelos jurara transformá-la numa princesa Medonha e tornar os pesadelos reais. Eram coisas que a assustavam e que ela sabia que também assustariam seus amigos. Além disso, tinha certeza de que Noiteluz os protegia. Noiteluz, que nunca dormia e nunca sonhava, manteria distantes todos os pesadelos, fossem reais ou imaginários.

Petrov e o urso montaram guarda na entrada da Troncuda, enquanto Noiteluz ficou sentado à frente da janela, bem atento.

A noite estava calma demais. Algo estava errado.

Algo estava por vir.

CAPÍTULO SEIS



Descobertas Fantásticas e Antigas Magias

ENQUANTO KATHERINE CONTAVA sua história de ninar, Norte analisava a espada que o Homem da Lua lhe havia confiado. Sabia que estava em uma corrida contra o tempo. Breu iria retornar e, quando esse dia chegasse, Nicolau São Norte queria estar pronto. Orgulhava-se de ser o melhor espadachim do mundo. De fato, em seus dias de fora da lei, já havia derrotado todo um regimento de cavalaria com apenas uma faca de cozinha torta. Mas esta espada — que diabos! — era desconcertante.

Em sua empunhadura estava gravado em belas letras o nome CZAR LUNAR XI. O pai do Homem da Lua fora o último czar, ou governante, da Era de Ouro, e sua espada tinha sido forjada com mais cuidado do que até o próprio Norte seria capaz de ter. Norte já havia martelado muitas e belas armas, inclusive algumas forjadas a partir de um antigo meteoro, mas nada se comparava àquela fantástica lâmina. Ela nunca parecia pesada, não importava quanto tempo Norte passasse praticando. O cabo fechava-se com perfeição sobre sua mão onde quer que a empunhasse, e afrouxava quando ele queria soltá-la. Podia cortar uma rocha ao meio com um único golpe. Não era espada para se usar contra um inimigo qualquer, disso não havia dúvida. Mas ele queria — precisava — entender todos os seus poderes ocultos. De que outra forma poderia melhor utilizá-la, em especial contra Breu?

Os Yeti faziam o possível para ajudar. Os engenhosos guerreiros possuíam um fantástico arsenal de bestas, piques, porretes, lanças, punhais, socadeiras e adagas, e usavam todas contra a fantástica espada. Norte saía vitorioso todas as vezes, mas nem sempre graças a sua habilidade. Era a espada.

Ela pensava por conta própria. Saltava da bainha direto para a mão de Norte sempre que havia perigo — mesmo durante os falsos ataques dos Yeti. Parecia guiá-lo a bloquear todos os golpes do oponente.

Aquilo era uma afronta aos brios de Norte. Seus berros de “Pare com isso! Eu sou o melhor espadachim que já viveu neste mundo!” e “Faça o que eu digo, seu monte de pó estelar!” ecoavam com frequência pelo Lamadário durante os treinos.

Naquela manhã, num treino de luta com Yaloo, o bravo e leal líder dos Yeti, Norte vencera o gigante peludo com tranquilidade. E Yaloo portava a mais temida das armas Yeti, uma Abominável Transformadora de Humor! Yaloo parecia não se importar, mas Norte começava a sentir pena do adversário.

— Da próxima vez você me pega — dizia Norte com uma agradável risada. Ao esticar-se para apertar a mão de Yaloo, a espada voou de suas mãos. Parecia determinada a cair da torre.

Norte tentou ansiosamente agarrá-la, mas tudo aconteceu rápido demais. Ele e Yaloo assistiram horrorizados. Tashi, um dos tenentes de Yaloo, estava logo abaixo junto ao Grande Lama Superior, os dois apoiados sobre as cabeças, meditando. A espada ia exatamente na direção deles.

O que se grita para um Yeti em meditação e um monge-guerreiro ancião quando estão prestes a ser empalados por uma espada mágica?, foi a pergunta que passou pela cabeça de Norte.

— Tirem as cabeças daí ou vão perdê-las! — urrou.

Foi quando aconteceu algo extraordinário: a arma estava aproximando-se deles e de repente parou de cair. Ficou um momento pairando no ar, e então começou a subir. Norte esticou a mão, que começou a formigar. E, embora a espada estivesse trinta metros abaixo, voltou voando instantaneamente para ele, até bater na palma de sua mão. Lá embaixo, Tashi e o Grande Lama Superior permaneciam de ponta-cabeça, totalmente alheios a seu quase fim.

Norte olhou a espada por todos os ângulos, admirado. A arma havia caído de propósito, para lhe mostrar um de seus segredos — que ela podia mudar de direção para evitar ferir alguém. Então Norte tentou testar se a espada estava afiada usando o dedão, mas a ponta dela se esquivou.

— Será que a espada só pode ferir meus inimigos? — perguntou-se em voz alta.

Yaloo fez sinal para que ele tentasse cortá-lo.

Norte ficou estático, mas Yaloo estava resoluto. Então Norte respirou fundo e atacou Yaloo com a lâmina.

O Yeti nem tremeu, e mais uma vez a espada mudou de direção, recusando-se a ferir.

— Mas que coisa. Tudo o que se espera é que uma espada faça o que a gente quer. Por que me dar uma arma que luta *contra* mim? — irritou-se Norte.

O Yeti encarou Norte com expressão de curiosidade.

— Talvez a arma esteja lutando *por* você — sugeriu.

Isso agradou Norte. Estava sinalizando que concordava quando ouviu um baixo “A-hã” atrás de si. Virou-se. Lá estava Ombric. Parecia ansioso para falar.

— Venho trabalhando numa coisa que pode nos ajudar — disse o mago, como se retomasse um diálogo anterior, que nada tinha a ver com a espada de Norte.

Norte via grande entusiasmo nos olhos do mago. Ombric já havia descoberto que os Lamas possuíam um relógio magnífico que gravava cada segundo. Fora um dos poucos bens que os Lamas haviam conseguido trazer à Terra antes de Breu destruir seu planeta natal. Disseram a Ombric que o relógio era tão antigo quanto o próprio tempo, e podia fazer seu usuário voltar no tempo um dia, um ano, ou até mesmo uma era inteira.

O mago vinha estudando incansavelmente o grande relógio redondo. Não conseguia acreditar que ele — o rei das invenções — nunca havia tentado criar uma maravilha como aquela. O relógio com mais de dez metros de altura não se parecia com nada que já houvesse visto. Era constituído por dezenas de anéis interligados que giravam e rotacionavam um dentro do outro. Os anéis eram formados por um metal pálido conhecido apenas no planeta natal dos Lamas, e em seu centro ficava uma coluna de relógios redondos de vários tamanhos. Eles eram usados para ajustar o relógio principal para o momento e local exato da história até onde se queria viajar.

A partir de tentativas e erros, Ombric descobrira como fazer viagens curtas ao passado.

Não importava quanto tempo realmente ficasse no passado, ele voltava ao presente minutos depois de partir. Todos no Lamadário já estavam acostumados a vê-lo surgir do nada, fazendo relatos surpreendentes de suas aventuras.

Um dia ele contou a Katherine que havia ido à construção da Pirâmide de Gizé.

— Que bom que eles aprenderam a levitar rochas na época, ou não teriam conseguido terminá-la — declarou o mago. — O mais estranho, contudo, foi ver que um dia já houve uma pedra em forma de ovo em cima dela.

Depois de mais uma jornada, ele havia aterrissado no meio do pátio do Lamadário, com o rosto vermelho e ofegante e um grande rasgo na túnica.

Norte nunca tinha visto o mago tão aborrecido.

— O que houve, meu velho? — perguntou.

— Os dinossauros, em sua maioria, tendem a ser muito amigáveis — respondeu Ombric assim que recuperou o fôlego. — Mas esses camaradas rex, os tais Tiranossauros... São bem nervosinhos quando estão com fome.

Todas essas jornadas de ida e volta no tempo rendiam histórias interessantes, mas Norte não entendia como elas poderiam ajudá-los a derrotar Breu.

Mas desta vez Ombric planejava fazer mais do que simplesmente voltar no tempo.

— Vou viajar de volta ao momento em que Breu atacou a Lua — disse ele a Norte. — Poderei ver exatamente onde caíram as relíquias. Encontrá-las é nossa melhor chance de derrotá-lo. — E lá se foi.

Mas nessa viagem aconteceu algo incomum — e até mesmo desconcertante. Ombric estava bastante perturbado quando começou a relatar sua última aventura. Estavam fazendo a ceia no movimentado salão de jantar do Lamadário. Vários Yeti, Lamas e Gansos da Neve comiam ruidosamente enquanto ele relatava o que lhe acontecera.

— Eu voltei no tempo um pouco antes da última batalha da Era de Ouro — contou a eles. — Pude ver o navio de Breu escondido no lado escuro da Terra, aguardando para atacar a Lua. De repente, me ocorreu alertar o Homem da Lua e sua família. Meu intuito era impedir que toda esta história acontecesse *antes mesmo de ela começar*. Mas tive a sensação de que havia alguém perto de mim.

— Virei-me para olhar e lá, para meu grande espanto, flutuava ao meu lado um camaradinho curioso. Tinha pelo menos dois metros de altura, usava uma túnica de elegância peculiar e segurava um grande cajado com uma joia oval na ponta.

— Quem era? Ele disse alguma coisa? — perguntou Katherine.

— Sim, falou — confirmou o mago. — Duas palavras, que repetiu: Menino levado. Menino levado.

— Só isso? — indagou Norte, abaixando sua colher de sopa.

— Não exatamente — explicou Ombric. — Ele tocou no meu ombro com a joia oval, e de repente eu estava aqui, de volta!

— Você já me contou muitas coisas estranhas, Ombric, mas essa leva o prêmio — disse Norte, mais uma vez sorvendo a sopa da colher.

— Deixei de fora talvez a parte mais importante — acrescentou o mago, de maneira sinistra. — As orelhas do camarada...

— O que têm? — perguntou Norte.

Ombric inclinou-se para a frente.

— Sr. Norte — disse ele com prazer dramático. — Eram as orelhas de um coelho gigante.

CAPÍTULO SETE



Um Coelho Sem Igual

KATHERINE E NORTE SIMPLEMENTE NÃO tinham o que dizer a respeito de um coelho falante com dois metros de altura. Haviam visto muitas coisas inesperadas na companhia do grande mago, mas isto lhes parecia, bem... extraordinariamente estranho.

Norte foi o primeiro a dar voz às suas dúvidas.

— Um Homem-Coelho falante e interestelar? — questionou. — Tem certeza de que essas viagens no tempo não estão bagunçando seus miolos?

Ombric ergueu a sobrancelha para o ex-pupilo.

— Eu concordo que soa muito, humm... *peculiar* — acrescentou Katherine.

A sobrancelha de Ombric ergueu-se ainda mais. Estava estupefato por ver os dois duvidarem dele. Seu humor começou a azedar. E seu bigode se enroscou.

Mas então se lembrou de que ele também duvidara da existência desse coelho ao ler pela primeira vez sobre ele, num antigo texto da Atlântida. Aliás, ele considerara a criatura um mito até vê-lo flutuando à sua frente.

— Se não me engano — começou o mago com voz paciente e professoral —, este Homem-Coelho, como vocês chamam, é um Pooka, a mais rara e misteriosa criatura do universo.

Norte e Katherine ficaram intrigados; agora eram as suas sobrancelhas que se erguiam.

— Estão entre as criaturas mais antigas de toda a criação — prosseguiu Ombric. — Sabe-se muito pouco a respeito delas e compreende-se menos ainda. Diz-se que são elas que cuidam da saúde e do bem-estar dos planetas.

— Este Pooka é realmente misterioso — interrompeu o Grande Lama Superior. Ele e os Lamas postavam-se serenos na sua usual formação em V. Como sempre, tinham entrado na sala no mais absoluto silêncio e surpreendido nossos heróis com sua chegada.

— Você o conhece? Ou melhor, conhece *essa criatura*? — perguntou Ombric, visivelmente surpreso.

— Sabemos que é uma pessoa, não uma criatura — respondeu o Lama mais alto.

— Sabemos que possui vasto conhecimento — disse outro.

— Sabemos que é difícil compreendê-lo — disse o mais baixo.

— Sabemos que ele prefere permanecer no anonimato — disse um dos outros.

— Ouvimos falar que ele gosta de ovos — disse outro.

— ... E de chocolate — acrescentou o mais baixo.

— É o que *achamos* — concluiu o Grande Lama Superior.

Katherine, North e Ombric ficaram matutando sobre aquele coro singularmente informativo dos Lamas.

— Um Homem-Coelho que veste uma túnica, viaja no tempo e gosta de ovos — resumiu Norte, esforçando-se para não rir.

— E de chocolate! — disse Katherine, travessa.

— Substância que aparentemente foi ele que inventou — interrompeu o Grande Lama Superior.

— Achei que *eu* havia inventado o chocolate! — disse Ombric, indignado.

— Isso, meu caro Ombric, é o que o Pooka *quer* que você pense — respondeu o Lama.

— É o que *achamos* — acrescentou outro.

Ombric balançou a cabeça, confuso.

— Vou voltar no tempo. Pelo menos o passado é certo. Isso eu posso afirmar.

— Mas não interfira nos acontecimentos do passado — avisou o Grande Lama.

— É proibido — disse o Lama mais alto.

— E o Pooka não vai gostar — disse outro.

O mago entrou na máquina do tempo, programou seu curso e respondeu:

— Que bom! — E sumiu para as certezas do passado.

Norte e Katherine ficaram alguns instantes observando o relógio, depois se entreolharam com cara de preocupação.

— Sempre fico preocupado quando ele volta lá. Onde quer que seja "lá" — admitiu Norte.

Katherine assentiu brevemente.

— Eu também.

— Mas ele é macaco velho — concluiu Norte no momento em que Kailash surgiu bamboleando e começou a roçar sua cabeça neles. — E esse macaquinho aqui quer comida — brincou ele.

Norte tirou Katherine do chão e colocou-a nas costas de Kailash.

— Sua gansinha está do tamanho de Petrov... e não para de crescer!

— Quer me ajudar a dar comida? — perguntou Katherine.

— Hoje à noite, quem sabe. Preciso trabalhar mais — respondeu Norte, estendendo a mão para tirar o cabelo do rosto dela. As mechas de Katherine sempre caíam sobre seus olhos, e Norte estava sempre arrumando-as.

Katherine baixou os olhos para seu espirituoso amigo. Também estava um pouco preocupada com ele. Norte vinha trabalhando duro para descobrir como usar sua nova espada mágica.

— Tudo bem. Noiteluz vai me ajudar — garantiu-lhe ela.

Katherine se lembrou do dia em que ela, Norte e Ombric ajoelharam-se diante do Homem da Lua e juraram continuar sua luta contra Breu. Norte jurara usar sua espada com sabedoria e destreza. Por isso tinha que estudar. Ela era grata pelo auxílio de Noiteluz, pois ser um Guardião era mais desafiador do que tinham pensado. E estava prestes a ficar ainda mais difícil do que imaginavam.

CAPÍTULO OITO



Salto, Pulos e Piruetas pelo Tempo

NO INTERIOR DO RELÓGIO, Ombric girava através do tempo em um ritmo furioso. O mundo a seu redor passava do dia à noite mais rápido que um piscar de olhos. Via estações sucederem-se em segundos. Séculos passavam voando à medida que se distanciava cada vez mais do Lamadário. Olhava em direção ao céu, enquanto o sol e as estrelas espiralavam por ele, à velocidade de um foguete. Dia. Noite. Dia. Noite. Mais rápido do que se poderia dizer e em reverso. A Lua também estava lá, e num lampejo ele viu o galeão de Breu explodir, e a última grande batalha da Era de Ouro. Mas tudo aconteceu de forma muito acelerada. As relíquias caíram rápido demais da Lua para ele conseguir acompanhar.

Ombric não estava preocupado. Ele diminuiria o passo na sua trajetória de volta para descobrir o paradeiro delas. E, se seu plano funcionasse, ele nem precisaria de nada disso.

Ele começou a tomar distância da Terra, cada vez mais longe nos vastos deslumbramentos do espaço. Viajava de forma tão veloz no fluxo temporal que cometas, planetas e galáxias revolviam e cintilavam ao seu redor como fogos de artifício, embora seu tamanho estivesse além de qualquer descrição.

Ombric então percebeu que os lampejos que via eram as mortes dos mundos da Era de Ouro. O que ele via era o galeão de Breu destruir uma Constelação após outra. Então, enquanto Ombric continuava a rotacionar voltando no tempo, o universo ao seu redor ficou mais claro.

Naves da Era de Ouro cruzavam o céu. Ali estava! A era que por tanto tempo havia estudado, mas nunca havia sonhado em ver. Mal conseguia conter-se ao assistir. As cidades que via eram colossais, magníficas, mais mágicas do que qualquer coisa que já imaginara. Partia seu coração pensar nas maravilhas e glórias que haviam sumido após esta era de perfeição, e ele ficou ainda mais determinado a implementar seu plano.

Logo viu-se no infame planeta-prisão, o imenso calabouço enferrujado onde os Medonhos haviam sido trancafiados depois de capturados pelos Exércitos Dourados. Com o tempo em marcha menor, ele deteve sua jornada momentos antes de Breu ser sobrepujado e de os Medonhos fugirem. Ombric escondeu-se detrás de um grande pilar, a um braço de distância de Breu, que mantinha guarda em frente à única porta da prisão.

Era notável poder ver seu nêmesis da forma como era antes de ser tomado pelo mal. Parecia mesmo um herói. Forte. Valente. Até mesmo nobre em seu uniforme da Era de Ouro. Mas sua expressão estava cansada e tingida de tristeza.

Detrás da imensa porta, Ombric podia ouvir a ladainha de sussurros e resmungos dos prisioneiros. O barulho subia até um crescendo, então acalmava-se, pulsando de forma sinistra lá de dentro.

Que som horrível, pensou Ombric. É como o som do próprio mal. Ouvir aquilo dia após dia deixaria qualquer homem insano. E, realmente, o barulho fantasmagórico parecia mexer com Breu. Seu rosto estava retorcido, seus punhos cerrados de nervosismo.

Mas então ele puxou um medalhão de prata do bolso de sua túnica; a corrente estava em volta de seu pescoço. Bateu no fecho e ele abriu-se, revelando uma pequena fotografia. Ombric só pôde distinguir o rosto de uma garotinha. Breu ficou observando a imagem, aparentando reconfortar-se com a foto. Sua expressão se suavizou e sua tristeza diminuiu. Ombric conhecia aquela expressão. Já a vira inúmeras vezes. Era o olhar de um pai para um filho. *Breu tinha uma filha!* O mago conseguia sentir a saudade de Breu de rever sua filha.



A filha de Breu

Os Medonhos também sentiam esta saudade. Seus estranhos murmúrios mudaram de tom, suas súplicas assumiram a voz de uma garotinha.

— Por favor, papai — sussurravam. — Por favor, por favor, por favor abra a porta.

Uma centelha momentânea de esperança cruzou o rosto de Breu. Seus olhos iluminaram-se, e então turvaram-se ao entender o que era aquele som: uma artimanha Medonha. Ele visivelmente resistiu ao mal, retesando os ombros, cerrando a mandíbula, mas os Medonhos voltaram a implorar.

— Papai — gritavam. — Estou presa aqui com estas sombras. Estou com medo. Por favor, abra a porta. Me ajude, papai, por favor.

Breu voltou a observar a fotografia. A súplica começou a ficar mais desesperada. Mais hipnótica. Breu parecia estar entrando em transe.

De repente, seu rosto foi tomado pelo pânico. Ele estendeu a mão em direção à porta. O medalhão caiu de seu pescoço. Ombric pegou-o no ar e estava prestes a impedir Breu de abrir a porta da prisão quando o misterioso Pooka ressurgiu. Ombric descobriu que não podia se mexer ou emitir qualquer som.

O Pooka ergueu a mão e balançou a cabeça.

— Nada disso — repreendeu-o.

Os Lamas haviam avisado a Ombric que ele não poderia mudar os fatos em suas jornadas pelo tempo, apenas observá-los. O Pooka, aparentemente, estava lá para impedir que ele tentasse.

Ombric voltou seu olhar do Pooka para Breu a tempo de testemunhar a agonia e o choque nos olhos do carcereiro — o desespero de um pai afetuoso tentando salvar sua filha dos Medonhos. Quando a porta se abriu, tudo que se via era uma massa turva de criaturas escuras e serpeantes. É claro que a filha de Breu não estava lá. Antes mesmo que Breu pudesse gritar o nome dela, foi cercado por sombras malignas. Em menos de um instante, elas despejaram-se sobre ele, em torno dele, *dentro dele!* Foi uma visão horrenda, da qual Ombric nunca iria se esquecer.

Breu lutou com valentia, mas logo sucumbiu ao mal que o inundava, corrompendo sua mente até levá-lo à loucura. Ele se expandiu até ficar dez vezes maior; seu rosto assumiu feições monstruosas, cruéis.

Enquanto Ombric assistia, paralisado, sentiu o toque familiar do cajado com a ponta de ovo do Pooka no ombro. Estava sendo enviado de volta ao presente. Mas quando começou a se turvar e desaparecer, viu Breu jogar sua cabeça para trás e rugir com o riso ameaçador de dez mil Medonhos.

CAPÍTULO NOVE



Segredo da Espada

QUANTO OMBRIC ASSISTIA à história desvelar-se, Norte estava na biblioteca do Lamadário estudando sua nova espada. Passara semanas inspecionando-a, com todos os métodos que tinha à disposição: lupas de todo formato, tamanho e finalidade. Microscópios, maxiscópios, telescópios. Chegara a tantas descobertas desconcertantes que elas deixavam perplexa sua mente ágil. O metal da espada transformava-se. Em sua maior parte, era feita de ferro, depois mudava para aço, depois para metais que Norte não conseguia nem classificar. Podia ficar altamente magnético ou incomensuravelmente forte, e às vezes emitia vários tipos de luz. Solar. Lunar. De cometas. Luzes que não tinham nome. Norte começou a perceber que sua arma era uma coisa viva.

Em batalha, ela se transformaria em uma espada convencional — uma longa lâmina com cobertura protetora sobre a empunhadura. Porém, dependendo das circunstâncias, ela fazia brotar diversos acréscimos mecânicos. No escuro, por exemplo, brotava uma curiosa esfera que emitia luz. Quando o perigo era iminente, as joias na empunhadura ganhavam um brilho avermelhado. E, em outros momentos, a própria empunhadura se alterava, às vezes para revelar mapas das estrelas ou da própria Lua, ou da Terra.

Mas o como, o porquê e o quê desses apetrechos ainda lhe eram um mistério.

Norte ficou pensando no que Ombric sempre lhe disse sobre a magia — que o verdadeiro poder está em acreditar. Norte tinha certeza de que esta espada possuía poderes além de qualquer explicação. Esperava que ela pudesse lhe contar o que precisava tanto saber. Então fechou os olhos e concentrou-se naquela ideia com toda a força.

— Acredito. Acredito. Acredito — disse baixinho. Ao entoar a frase repetidamente, seus pensamentos começaram a ficar desanuviados, puros, afiados, até lhe restar uma única questão. Onde estariam as outras relíquias? Era como se a espada agora guiasse sua mente.

E então, com o mais sutil dos estalos, Norte sentiu a espada transformar-se.

Olhou para a arma e viu que uma esfera de metal havia surgido. Ela se abriu, como um intrincado quebra-cabeças. Ali dentro havia um mapa da Terra, e no mapa havia quatro joias reluzentes. *Quatro joias* — a mente de Norte estava em disparada — *quatro joias... Seriam as quatro relíquias?* Tinham que ser! Cada joia marcava uma posição. Eles tinham apenas que seguir o mapa!

Ansioso para compartilhar a novidade com o mago, Norte saiu correndo pelo Lamadário, encontrando Ombric na torre no momento em que ele ressurgia de sua última viagem no tempo.

— Já tenho a resposta, meu velho! — gritava Norte, dando tapas nas suas costas.

— E eu tenho novas perguntas — disse Ombric, exausto.

Naquele momento Katherine entrou correndo na sala.

— Noiteluz desapareceu! — gritou ela.

CAPÍTULO DEZ



Revelações, Terrores e Feitos Audaciosos

RATHERINE TENTAVA CONTROLAR O pânico, mas a voz trêmula a traía.

— Ele não voltou na noite passada. Ninguém o viu — explicou ela, com pressa.

Tanto Ombric quanto Norte ficaram tensos. Sabiam que a ronda de Noiteluz era precisa como um relógio. Sabiam também que Papoff Noelen era sempre sua última parada antes de voltar ao Lamadário.

— Só uma coisa poderia ter atrasado o rapaz — disse Norte, falando baixinho.

— Breu — sussurrou Katherine.

Enquanto eles falavam, Ombric já tentava contatar suas corujas. Elas estavam em vigília constante na sua biblioteca e sempre a postos para reportar-se a ele telepaticamente. Ele concentrou-se com toda força, mas a linha de comunicação mental estava partida. Mas como? Não sentia sequer um fraco sinal de resposta das corujas. Se não podiam falar com ele, ele deveria pelo menos poder *senti-las*. Principalmente se estivessem em perigo ou com medo. Mas não havia nada.

Era este nada que mais o aterrorizava. Virou-se e deu de cara com Norte. Não precisou dizer uma palavra — Norte entendeu de imediato.

— Partimos para Papoff Noelen? — perguntou Norte.

— O mais ligeiro possível — foi a resposta de Ombric.

A pergunta era que método os levaria até lá “o mais ligeiro possível”? Ombric sabia que não tinha a energia necessária para uma projeção astral^[1] — as viagens no tempo deixavam-no exausto. Além disso, Norte e Katherine não poderiam acompanhá-lo desse jeito. E as renas? Precisariam do garoto espectral para criar as vias de luz sobre as quais voavam. O djinni, é claro, se perdera. A mente de Ombric calculava ansiosamente todas as possibilidades quando ele foi interrompido pela súbita aparição dos Lamas.

— Temos condução apropriada — disse o Grande Lama Superior.

— É veloz — disse outro Lama.

— E confortável — acrescentou um terceiro.

— E fácil de pilotar — concordou o mais baixinho.

Ombric temia a série de respostas que sua pergunta seguinte poderia provocar; os Lamas respondiam apenas em fragmentos.

— Onde está a aeronave? — perguntou Ombric, tentando soar ao mesmo tempo paciente e urgente.

Os Lamas se entreolharam, decidindo quem responderia primeiro.

Ombric, Norte e Katherine ficaram remexendo-se, impacientes. Estavam perdendo tempo.

Enfim, o Grande Lama Superior falou.

— A aeronave? Ora, você está dentro dela — respondeu ele com simplicidade marcante. — Basta simplesmente dizer aonde gostaria de ir, e a torre os levará até lá com a velocidade e a precisão de um foguete.

Então os Lamas começaram a arrastar-se em silêncio até o pátio.

— Temos certeza de que conseguirão lidar com esta questão — disse o Grande Lama Superior quando eles chegaram ao portal em arco.

— Mas sugerimos que viagem sentados — disse o mais alto.

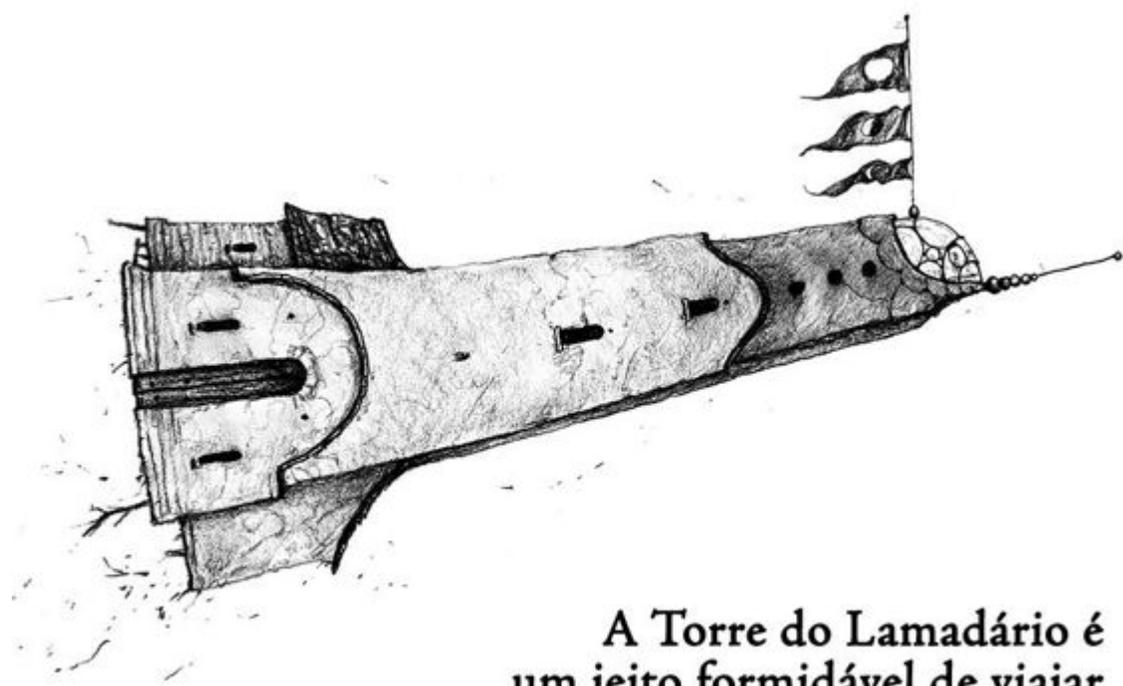
— A viagem é muito rápida — disse o mais baixinho.

— Pelo menos da última vez que a usamos — disse outro.

— Trinta mil anos atrás — acrescentou o Grande Lama, que saiu por último.

Norte, Ombric e Katherine entreolharam-se intrigados. Cada um pegou uma poltrona e voltou-se para o teto envidraçado da torre. Era perfeito para observar uma jornada.

1. Projeção astral: Quando você se projeta mentalmente de um lugar a outro. É também um antigo método de viagem mística. Apenas os mais brilhantes e ousados conseguem fazer sua própria projeção astral.



**A Torre do Lamadário é
um jeito formidável de viajar**

— Creio que temos tudo de que precisamos — disse Norte, agarrando sua espada.

Katherine conteve um sorriso. Ela sabia que Kailash, que dormia sob uma mesa próxima, estava a bordo. Mas achou melhor não informar aos outros.

Ombric virou-se para ela.

— Minha querida, dê a ordem.

Ela agarrou-se com força aos braços da poltrona.

— Para Papoff Noelen o mais rápido possí...

Mas antes que ela pudesse encerrar a frase, já estavam de partida.

CAPÍTULO ONZE



Enquanto Voa a Torre

OS LAMAS HAVIAM DITO A verdade. A torre era uma aeronave magnífica. Tão logo decolaram, todo seu interior começou a transformar-se mecanicamente. Quando a torre começou a se posicionar na horizontal, as poltronas deslizaram até o teto envidraçado. O chão começou a revolver e se inclinar, assim como as paredes, até formarem uma espécie de cabine de navio com grandes janelas em forma de lua.

O madeiramento, o piso em mosaico, o papel de parede, os painéis de instrumentos — tudo na cabine assumiu diferentes formas da Lua: cheia, minguante ou crescente. Era encantador e, como prometido, confortável.

Norte examinou com cuidado todos os mapas e instrumentos.

— Esta tela mostra nossa posição atual — esclareceu ele, antes de apontar para outra e mais outra. — Esta é nossa velocidade. Esta é nossa rota. Esta é nossa hora de chegada.

Ele parecia satisfeito com o que lia nos instrumentos.

— Devemos estar lá em menos de uma hora — informou aos outros.

Katherine ficou aliviada ao ouvir a previsão de Norte. Viajar dos Himalaias ao recôndito mais distante do leste siberiano em questão de minutos era assombroso. Nem mesmo as renas eram capazes de alcançar tal velocidade.

Mas Ombric estava quieto. Katherine notava em sua expressão que nem aquilo era rápido o bastante. Então ela viu o medalhão que ele trazia na mão.

— O que é isso? — perguntou ela. Ombric estava perdido em pensamentos e pareceu não ouvi-la. Ela tirou o medalhão cuidadosamente das mãos dele, abriu-o e viu a imagem da garotinha, quase da sua idade. Katherine examinou atentamente a adorável menina com cabelos bem negros e olhos melancólicos.

— É a filha de Breu — disse Ombric, de olhos fechados ao tentar em vão contatar as corujas. — Eu o vi segurando isto ao voltar no tempo, antes de ele se entregar às forças do mal.

Katherine estava pasma. Não se lembrava do próprio pai. E, embora tentasse imaginar como ele se parecia, a imagem que tinha em mente nunca era muito clara — ela era muito jovem quando o perdera. Era igualmente difícil imaginar que Breu já tivesse sido pai. Ou uma pessoa de bem. Ela estremeceu ao lembrar que Breu jurara transformá-la em uma princesa Medonha. Mas agora, misturada àquela sensação de temor, havia uma tristeza que se entrelaçava ao seu sentimento de perda e saudade.

Breu tinha uma filha. O que teria acontecido com ela?

E o que acontecera com Noiteluz?

Kailash havia achado o caminho e veio dos fundos da torre. Ela grasnou e fez força para se espremer pela porta da cabine principal; deu um forte empurrão e conseguiu. A gansinha aconchegou-se perto de Katherine, seu longo pescoço envolvendo-a de forma protetora, seu corpo emplumado um suporte quente para se apoiar.

Norte olhou para o rosto de Katherine, tomado de tristeza. Estava contente por Kailash estar lá para confortá-la. Sabia pelo silêncio e pela concentração de Ombric que as coisas em Papoff Noelen seriam arriscadas.

Então preparou-se para as trevas que vinham pela frente.

CAPÍTULO DOZE



Delicadas Trevas

ANTES QUE OS VIAJANTES PUDESSEM se dar conta, sua aeronave começou a perder altitude, voando cada vez mais baixo, até estar praticamente raspando o topo das árvores da floresta encantada de Papoff Noelen. Tiveram que apertar os olhos para ver o vilarejo. Nuvens bloqueavam a lua e estrelas. O mais perturbador era que não se via qualquer luz saindo das janelas. O vilarejo inteiro era uma sombra.

A aeronave aterrissou de forma surpreendentemente silenciosa à beira da floresta. Norte abriu com cuidado a porta em forma de lua, e todos espiaram o vilarejo, que nunca estivera tão silencioso. Norte olhou para Ombric com uma expressão tensa, indagadora, então desembainhou a espada mágica e foi o primeiro a sair.

— Fiquem atrás de mim. E corram se eu mandar — disse olhando para Katherine. A espada transformava-se enquanto ele falava, sua luz emergia como mágica da lâmina. O brilho iluminou o caminho para eles. Norte sentiu uma vibração... seria a espada sinalizando perigo? Não sabia ao certo.

Eles caminharam lentamente em direção à Troncuda, vasculhando o terreno desolado à procura de sinais de vida.

Katherine nunca vira uma noite tão escura nem ouvira silêncio tão quieto — nem mesmo na noite em que Breu a encontrara com seus amigos na floresta. Era como se toda a vida daquele lugar tivesse sumido. Não havia movimento. Nenhuma brisa. Nem um vaga-lume ou pássaro noturno veio voando para recebê-los. Não se viam nem os guaxinins nem os texugos.

Katherine procurou a mão de Norte e manteve a outra no pescoço de Kailash.

— Onde está todo mundo? — perguntou baixinho.

Em vez de responder, Ombric parou. Algo reluzia na luz emitida pela espada de Norte. Ombric abaixou-se para pegar o que parecia ser um caco de vidro.

Levantou-o para vê-lo melhor na luz: era um pequeno esquilo de porcelana. Parecia um brinquedo. Virando-o para lá e para cá, disse:

— Parece que Breu fez avanços em seus feitiços de submissão. — Estava preocupado e voltou a seguir em frente, os olhos ainda a vasculhar o chão.

Embora o silêncio lúgubre prosseguisse, a cobertura de nuvens grossas começou a se dissipar enquanto os três seguiam rumo ao vilarejo, e assim um pouco da luz da lua penetrou nas trevas. Mas aquilo só serviu para que vissem melhor o horror que havia em volta.

Em todas as direções, Katherine via pequenas versões em porcelana de coisas vivas. Pelotões inteiros de esquilos, guaxinins e raposas que pareciam ter sido congelados durante uma batalha.

Por mais que tivesse tentado, Katherine não conseguiu conter as lágrimas. Teria Breu congelado todos? Ela quase tropeçou na Alma da Floresta. Os véus normalmente flutuantes da Alma estavam parados, duros, suas pedras preciosas com o brilho sem vida da cerâmica. Sua expressão congelada era de firme determinação. Nas mãos segurava uma espada cravejada. Ela fora claramente petrificada num momento de intensa luta, assim como já fizera com todos que sucumbiam a seu encanto.

Katherine observou com atenção os olhos vidrados da Alma e notou algo que nunca havia esperado ver ali: medo. Katherine então limpou as lágrimas e jurou que não derramaria mais nenhuma: precisava manter-se alerta. Correu para alcançar Norte e Ombric.

Norte seguia à frente. Katherine desejava desesperadamente encontrar pelo menos um ser vivo que houvesse escapado ao feitiço de submissão de Breu, mas ao se aproximarem do vilarejo e da Troncuda, percebeu que não haveria como. Toda criatura que respirava em Papoff Noelen havia sido transformada em bonequinho de porcelana. Até mesmo o urso. Mais uma vez Katherine teve que segurar as lágrimas. O urso agora parecia tão pequeno e indefeso.

O cavalo de Norte, Petrov, estava deitado de lado em frente à porta destroçada da Troncuda. Parecia estar sobre as patas traseiras, ameaçando as sombras com as dianteiras, quando fora sobrepujado pelo feitiço de Breu. Norte correu até ele, sem fala.

Ombric caminhou entre os pais das crianças. Estavam deitados ao redor da árvore, congelados, expressões de terror desfigurando seus rostos. Seus medos transformaram-se em indignação quando entrou na Troncuda. As corujas estavam imóveis nos poleiros ao redor do globo de Ombric. As dezenas de abelhas e formigas que residiam na Troncuda estavam espalhadas pelo chão como pecinhas de porcelana de um jogo atiradas de lado por uma criança indisciplinada.

Ombric e Norte conferiram os prejuízos em estupefato silêncio. A biblioteca fora esvaziada. Não restara um livro sequer. Os béqueres e tubos de ensaio que Ombric usava para experimentos mágicos haviam sido jogados no chão.

— Nenhum livro e nenhuma criança — disse Ombric, baixinho. — E onde estará o Sr. Qwerty?

Katherine surgiu detrás dele. Onde estavam Petter? Sascha? Todos os Williams? Ela caiu de joelhos, empurrando seus amigos insetos cuidadosamente para o lado para que ninguém pisasse neles. Então uma pecinha de cristal reluzente lhe chamou a atenção. Ela se esticou para pegar. Só então notou a lasca de uma lâmina, bem próxima. Depois outra. E outra.

Sua mão tremeu enquanto examinava os cacos. Gotas reluzentes, como continhas de luz, os cercavam.

— É a ponta do cajado de Noiteluz — disse ela, perdendo o fôlego.

Ombric e Norte agacharam-se ao lado de Katherine. Um pequeno raio lunar embaçado — o raio lunar de Noiteluz! — estava escondido sob o maior pedaço da lâmina destruída. Com todo cuidado, Katherine pegou o raio com as mãos.

— O que aconteceu, raio lunar? — perguntou ela, carinhosamente. — Onde estão todos?

Somente Ombric falava raiolunarês, então ele mexeu seu cajado e de repente as memórias do pequeno camarada ficaram à mostra no espelho redondo da cama-globo.

O raio lunar brilhou com toda força que pôde reunir e, embora tenha bruxuleado e tremeluzido, Ombric, Norte e Katherine puderam ver e ouvir a terrível história do retorno de Breu.

CAPÍTULO TREZE



O Raio Lunar Relata Seus Infortúnios

ESTAMOS NA ÁRVORE DA Troncuda, nos galhos em frente a uma janela, começou o raio lunar. Observamos crianças na cama. O livro de Katherine conta as histórias de Kailash. Felizes e confortáveis estão todas as crianças! Assim como nós, eu e meu menino Noiteluz. Mas sentimos algo que nos incomoda. Algo assustador como Breu. Que vem como vento. Não vemos. Mas sentimos. As nuvens vêm negras e rápidas, e a luz da lua e das estrelas desaparece muito de repente. Então meu menino Noiteluz olha a floresta. Ao redor só tem som feio. Criaturas da floresta de todos os lados ficam a chilrear e guinchar.

Então as sombras vêm ferozes, velozes. Saem da floresta. Entram no vilarejo. Em direção à Troncuda. Em direção a *nós!* A moça Alma da Floresta é a que luta mais feroz, mas o Breu não se detém. Ele usa o djinni de metal e tem espada muito escura. Suga toda luz que se aproxima. O Breu diz palavras — feitiços, acho — e todos que estão perto ficam diferentes. Eles ficam pequenos e parados, e não se mexem mais.

Meu menino Noiteluz, o rosto fica louco. Ele parece ter um plano astuto. É o olhar que vejo quando ele está para fazer algo esperto e ousado.

Eu ouço enquanto ele me conta com a fala pensamento: *O jogo que tento será dos mais astuciosos. Não se engane pelo que vê.*

Ele olha de perto para mim e diz impetuoso e forte: *Voe rápido e sincero e nunca temer.*

Então ele pega cajado em que fico preso e me aponta para o Breu. Ele joga com toda força. Muito rápido vou. Rápido como a luz. E eu atinjo metal. O punhal de diamante em que vivo passa rápido por metal de armadura djinni e penetra as trevas de Breu. Ouço Breu gemer de dor profunda, e sinto ele cair. Mas eu pode ver o coração negro e gelado dele também. Eu não o atravessei. Tudo em minha volta é trevas. O coração gelado ainda bate.

O Breu, ele se mexe, eu sei. Mas o que acontece lá fora eu não vejo. Ouço muitos gritos e guinchos muito altos. Ouço urso a rugir e cavalo a fazer sons de batalha, mas, um após outro, todos parecem ficar quietos.

Eu ouço o Breu.

Ele respira difícil e pesado, mas agora grita:

— ONDE ESTÁ? ME DIGA! — pede ele, indignado.

Então ele faz som de gemido, e sinto puxar. Estou fora do Breu, mas ele aponta *eu*. Aponta eu para meu menino Noiteluz. A gente está em biblioteca de Ombric, mas não tem livros. Todos se foram. A pequena lagarta se foi. Só meu menino Noiteluz e as crianças. Ele está na frente das crianças, como se quisesse proteger eles, mas está muito ferido. De joelhos de tão ferido. Mas seu rosto não tem temor. Nem no das crianças. E isso faz raiva do Breu ficar pior. Muito pior.

Então ele grita:

— EU QUERO OS LIVROS! OS LIVROS DE FEITIÇOS! — Nem Williams nem menino Petter nem menina Sascha diz uma palavra. Medonhos estão todos em nossa volta. Chegando mais, cada vez mais perto de meu menino Noiteluz e das crianças.

Mas meu menino Noiteluz diz alto e bom som:

— Em nada tememos você!

Eu nunca tinha ouvido ele falar com própria voz. Voz mágica a dele. Como lembranças distantes e ecos do passado. Então ele ri do Breu e salta para o ataque. Mas o Breu joga eu e o cajado contra meu menino Noiteluz, então tudo em volta é estranho. A ponta de diamante atinge meu menino! E tem luzes e estilhaços. O diamante não atravessou meu menino, mas fica quebrado em vários pedaços. E meu menino caído. No chão! Ele não brilha forte, mas fraco e oscilante.

Meu punhal quebrado me deixou livre. Estou livre. Então vou até meu menino, mas o Breu atinge eu com espada negra e machuca. Leva parte da minha luz. Então eu sinto fraco e não pode ajudar meu menino. As crianças parecem com medo, mas elas ficam forte e olham bravas o Breu e os Medonhos.

— Preciso destes livros! — diz o Breu, em voz baixa e assustadora. — Ombric precisa me dar eles. E vocês pequenos serão minha isca! — Então abre a capa negra. Ela parece que absorve a luz quando envolve toda a sala. Em um

piscar de olhos tudo vai. Medonhos vão. Crianças vão. Meu menino Noiteluz vai também. E o Breu.

Só fica eu. E as corujas que viraram brinquedo.

Então o raio lunar voltou-se para Ombric e os outros. Crianças precisam de nós! Meu menino Noiteluz diz que jogo era muito astucioso e para nunca temer. Eu tento. Eu odeio sensações que tenho. Sensação de medo. Mas estou mais forte de contar essa história!

CAPÍTULO CATORZE



Um Raio Lunar, um Mistério e uma Dúvida

O RAIO LUNAR ESTAVA exausto e parecia mais apagado na palma da mão de Katherine.

Ombric, Norte e Katherine tentavam entender o que o raio lunar lhes havia dito. Sabiam que a situação era terrível, mas permaneceram surpreendentemente tranquilos. Estavam cada vez mais confiantes desde que haviam feito o juramento ao Homem da Lua. E os três começavam a trabalhar como se fossem um só, uma única mente. Ombric já havia lido que a amizade pode produzir uma espécie de magia. Norte ainda não estava muito a par disso, mas tinha ciência total de suas possibilidades, e Katherine, a mais jovem, era, neste caso, a mais sábia. Sabia em seu interior que a amizade era uma magia poderosa que ia além das palavras e das possibilidades. E assim a magia ficou mais forte. Eles sentiam os pensamentos um do outro se unindo, repassando todos os detalhes do que o raio lunar havia relatado. Descobriam questões. Buscavam as respostas em conjunto. Esta curiosa união os pegou totalmente de surpresa, em especial Ombric. Nunca em seus séculos de conjurações ele tivera essa sensação de intuito compartilhado. Uma espécie de mescla mental, meditou ele. Era estranho. Estimulante.

Katherine foi a primeira a externar sua dúvida:

— Aonde Breu terá levado Noiteluz e as crianças?

— O que será esta nova espada que pode devorar a luz? — perguntou Norte a seguir. — E por que diabos Breu iria querer a biblioteca?

— O punhal de diamante foi estilhaçado! — declarou Ombric. — São coisas que me causam muita estranheza.

A mente do mago ficou totalmente focada enquanto tentava compreender as confusões e mistérios que o raio lunar lhes apresentara. Seus bigode e barba começaram a enroscar por conta própria, em ritmo vivaz. Sentiu que Katherine e Norte conectavam-se a seus pensamentos.

Ombric de repente foi na direção de suas prateleiras vazias e começou a examiná-las atentamente. Só tinham sobrado algumas folhas de papel, algumas do *Feitiços dos Antigos Egípcios*, outras do *Curiosidades e Inexplicabilidades da Atlântida*, alguns pedaços arruinados de mapas e gráficos. Até o livro de histórias de Katherine sumira. Não havia como negar. A biblioteca que Ombric reunira cuidadosamente ao longo de centenas de anos havia desaparecido por completo.

Ombric fechou os olhos e concentrou-se, em busca de resquícios de magia.

— Não vejo traços de um feitiço de desaparecimento — disse ele, o tom de voz marcado por certo alívio. — Não foi utilizada magia. Os livros ainda existem... em algum lugar.

Então seus olhos arregalaram-se. As pontas de seus sapatos levantaram. Katherine e Norte observavam-no com cautela.

— Ele os levou ao centro da Terra! — declarou Ombric triunfante. — Foi lá que Breu obteve o chumbo. É disso que são feitos seu sabre e seu manto!

Norte pendeu a cabeça para o lado.

— Chumbo? O que há de tão especial neste chumbo?

— O chumbo que se encontra no centro da Terra está lá desde que o planeta ganhou forma — explicou Ombric. — Ele nunca viu luz de qualquer tipo, de forma que luz alguma pode penetrá-lo. Ele absorve luz. Foi assim que Breu conseguiu atacar Noiteluz e o raio lunar. Ele roubou parte da luz deles.

— Aquele ser insano fica cada dia mais astucioso! — esbravejou Norte. — E a biblioteca? Por que ele iria querê-la?

Ombric prosseguiu com mais calma, como se estivesse chegando a conclusões enquanto falava.

— Breu precisa de todos os feitiços e encantos em meus livros para tornar-se mais poderoso. Para tornar-se, quem sabe, invencível — acrescentou, com certo pavor. — Mas, de algum modo, a biblioteca desapareceu antes que ele pudesse pegá-la. — Ombric franziu o cenho. — E é isso que não consigo entender.

— Sem magia, como todos esses livros poderiam sumir? — perguntou Norte.

— Exatamente! — disse Ombric. — Isto é o que me deixa mais perplexo.

Katherine apenas absorvia as informações. Sua mente funcionava à velocidade de um raio enquanto juntava todas as pistas. O que o raio lunar havia

lhes contado, o que eles haviam descoberto ali, e o que ela achava ser o significado de tudo aquilo. Repentinamente, tinha a resposta.

— É Noiteluz! — gritou ela. — Ele disse ao raio lunar para não acreditar em tudo que vê. Ele descobriu um jeito!

Norte e Ombric ponderaram sobre a ideia, ambos perdidos em pensamentos. Então o bigode de Norte começou a enroscar-se sozinho, como acontecera com o de Ombric momentos antes.

— Se Breu está no centro da Terra, só pode ser uma armadilha! — disse Norte, tentando controlar sua ira. — Ele sabe que iremos resgatar as crianças. — Desembainhou sua espada. — Mas ele não encara esta espada desde a Era de Ouro. E nunca a enfrentou em minhas mãos. — Voltou-se para Ombric. — Como chegamos ao centro da Terra, meu velho?

Ombric sentia muito orgulho dos dois. Estavam virando uma equipe das mais potentes e poderosas. Mas o júbilo rapidamente deu lugar ao desânimo. Ele não tinha resposta para aquela pergunta.

— *Esta* é uma jornada que homem algum já fez — disse ele com a testa franzida.

Então a espada de Norte começou a brilhar e tinir. A empunhadura da lâmina começou a se retorcer e se desvelar, como havia feito antes. Uma de suas pedras brilhou mais forte.

Os três ficaram olhando para a espada. O coração de Norte disparou.

— Era isso que estava tentando lhe contar antes, meu velho! — berrou ele. Com uma torrente de palavras, ele descreveu o que havia descoberto até o momento sobre os poderes da espada. — A espada nos diz aonde devemos ir. Onde estão as próximas relíquias.

Ombric concordou a seu modo sábio. Sua testa desfranziu-se. Quase sorriu. *Quase* começou a gargalhar.

— O que foi, meu velho? — perguntou Norte, impaciente.

— Ora, é o mapa da Terra! — respondeu o mago. — Temos que ir à Ilha de Páscoa!

— Ilha de Páscoa? — perguntou Norte.

— Sim! A lenda diz que é lá que vive o Pooka.

O trio começou a pensar com mais fervor.

Bigodes, barbas e sobrancelhas enroscavam-se loucamente enquanto os homens tentavam se concentrar. Quanto a Katherine, embora não notasse, um pequeno cacho bem no meio de sua testa também se enroscava.

CAPÍTULO QUINZE

No Qual os Amigos São Forçados a se Separar

KATHERINE AVISTOU PETROV E o urso caídos logo à porta da Troncuda e estremeceu. Não pareciam estar sofrendo, mas, mesmo assim, deveria ser horrível ficar incapaz de se mexer, falar ou mesmo piscar.

— Podemos descongelá-los agora? — perguntou ela a Ombric. — Talvez eles possam nos dizer onde estão os livros.

— Digo que devemos ir ao centro da Terra resgatar as crianças! — bradou Norte. Cada músculo de seu corpo ansiava por fazer alguma coisa, qualquer coisa, para ajudar as crianças.

— Como planeja fazer isso? — perguntou Ombric, cruzando os braços sobre o peito.

— Eu descubro no caminho — disse Norte.

— Vamos tratar de um assunto por vez, que tal? — Ombric lhe disse, olhando ao redor. — Talvez Katherine esteja certa, e os animais possam nos dizer o que aconteceu com meus livros. Mas um feitiço de submissão poderoso assim não pode ser revertido tão rápido. Preciso fazer tudo com muita atenção e cuidado. — Ele balançou a cabeça. — Questão de muitas e muitas horas.

— Então eles terão que ficar assim até voltarmos — disse Norte a Ombric. — Você pode libertá-los depois que houvermos derrotado o Rei dos Pesadelos. Vamos ajudá-lo.

Ombric puxou a barba, franzindo o cenho.

— Alguns desses feitiços são um pouco mais complicados do que outros. Se eu esperar demais, temo que possam ser irreversíveis. — Ele olhou para as criaturas de porcelana espalhadas pelo chão. — Não há o que pensar. Terei que ficar aqui em Papoff Noelen e vocês precisam seguir para a Ilha de Páscoa.

— Ilha de Páscoa? Temos que ir aonde Breu está! — rugiu Norte.

Katherine acrescentou:

— Noiteluz está ferido!

— O Pooka, se conseguirem encontrá-lo, poderá conduzi-los ao centro da Terra — explicou Ombric. — O folclore pooka revela que ele possui uma série de túneis que se estendem por todo o interior do globo.

Norte ia começar a objetar, mas Ombric insistiu.

— Quando vocês encontrarem Breu, espero já ter restaurado nossos amigos aqui e descoberto o paradeiro da minha biblioteca.

Fitando-o com olhar firme, Katherine disse:

— Você pode fazer tudo a que se dedicar.

Ombric ergueu uma sobrancelha.

— A aluna reinterpreta a lição do professor — disse ele. — Muito bem.

— Só me faça um favor, meu velho — cedeu Norte. — Liberte Petrov primeiro. Não suporto vê-lo assim.

Ombric concordou. Então, sem tempo a perder, Katherine, Kailash e Norte deixaram a Troncuda.

A caminho da floresta, Katherine fitou os olhos congelados do Velho William.

— Nós voltaremos — prometeu ela. — Assim como todos os seus Williams.

Ela subiu no transporte aéreo, amarrou Kailash em um assento e depois se prendeu ao seu.

— À Ilha de Páscoa! Vamos torcer para que este tal Homem-Coelho realmente exista — disse Norte, vasculhando os céus em busca de perigos. — Não há como programar coordenadas para o centro da Terra.

Enquanto assistia à partida dos dois a toda velocidade, Ombric sabia que podia confiar na menina corajosa que criara e no jovem que fora seu aprendiz. Eles dariam conta do que fosse preciso.

CAPÍTULO DEZESSEIS



☉ Enrosco se Enrosca

☉ CACHO DE KATHERINE começou a se enroscar mais uma vez quando ela e Norte saíram em disparada em direção à Ilha de Páscoa.

Ela não gostara da separação do trio. Mas sabia que Ombric estava certo. Apenas ele poderia dar conta da delicada e longa tarefa de desfazer todos os encantos de submissão que Breu havia conjurado contra Papoff Noelen. Os pais, as corujas, os insetos, a Alma da Floresta, o urso, Petrov — tudo que respirava teria que ser individualmente “desbrinquedizado”, de acordo com o termo criado por Katherine.

Ainda assim, ela vinha mantendo a coragem havia muito tempo e, verdade seja dita, estava meio cansada de ser tão adulta. Queria Ombric a seu lado. O mago era como um pai para ela. E, em momentos de perigo, era bom ter o pai por perto, não a milhares de quilômetros de distância. Mas ela guardava este sentimento para si mesma.

Sabia que eles precisariam estar em sua melhor forma, talvez até mais do que isso, para salvar os amigos e mais uma vez impedir os planos malignos de Breu.

Já estavam sobrevoando o oceano Pacífico a distância. A Lua estava clara e brilhante, tão próxima que eles acharam ter visto o Homem da Lua e seus Lunobôs sorrindo.

Seguiram com o foguete — mais rápido do que quando haviam voado em direção a Papoff Noelen. E a pedra na espada mágica que marcava a Ilha de Páscoa piscava firme.

Katherine ficou olhando para a pedra, alarmada.

— Será mau sinal?

Norte negou.

— Ao contrário! Significa que estamos chegando perto.

Kailash grasnou.

— Ela está feliz — disse Katherine.

— Claro que está. Essa é a mais insana caça aos ovos da história! — gracejou Norte.

Katherine ficou feliz com a piada, e ainda mais feliz em saber que Norte percebia suas preocupações e tentava animá-la.

O painel da aeronave emitiu um alarme. A Ilha de Páscoa estava logo à frente! O sol começava a erguer-se, iluminando a ilha, quando a nave aterrissou suavemente numa praia. Katherine mal podia esperar para sair. Norte abriu a porta da nave e desceu pela escada.

Katherine tocou o bolso para conferir se estava com seu punhal. Tendo confirmado, voltou-se para Kailash.

— Fique aqui até eu saber se é seguro — disse ela à gansinha, antes de pular na areia atrás de Norte.

Juntos, eles começaram a explorar a ilha.

Havia centenas de cabeças de pedra gigantes espalhadas de maneira ameaçadora pela praia estéril. Katherine já havia visto desenhos dessas esculturas colossais na biblioteca de Ombric. Mas eram mais estranhas do que ela esperava e maiores do que imaginava.

Norte passou a mão sobre uma das bocas — uma fenda fininha sob o enorme nariz de pedra.

— Foram esculpidas — disse ele. — Mas por quem?

Não havia qualquer sinal de vida ali. Nenhum humano correu até a praia para ver o que havia aterrissado. Nenhum pássaro soou alarme. Katherine e Norte caminharam entre as cabeças de pedras e se perguntaram se haveria alguma criatura viva na ilha. O único som era o das ondas indo e vindo. O curioso foi que Katherine pensou ter sentido um suave aroma de chocolate quente em meio ao ar salgado pelo mar. E ficou com a estranhíssima sensação de que estavam sendo observados.

E estavam! Uma das cabeças de pedra havia se virado na direção deles. Depois outra. E outra. Com o guincho de pedra raspando contra pedra, todas as cabeças, até onde se via, lentamente giravam na direção deles.

A esfera na espada mágica brilhava ainda mais. Norte arriscou falar:

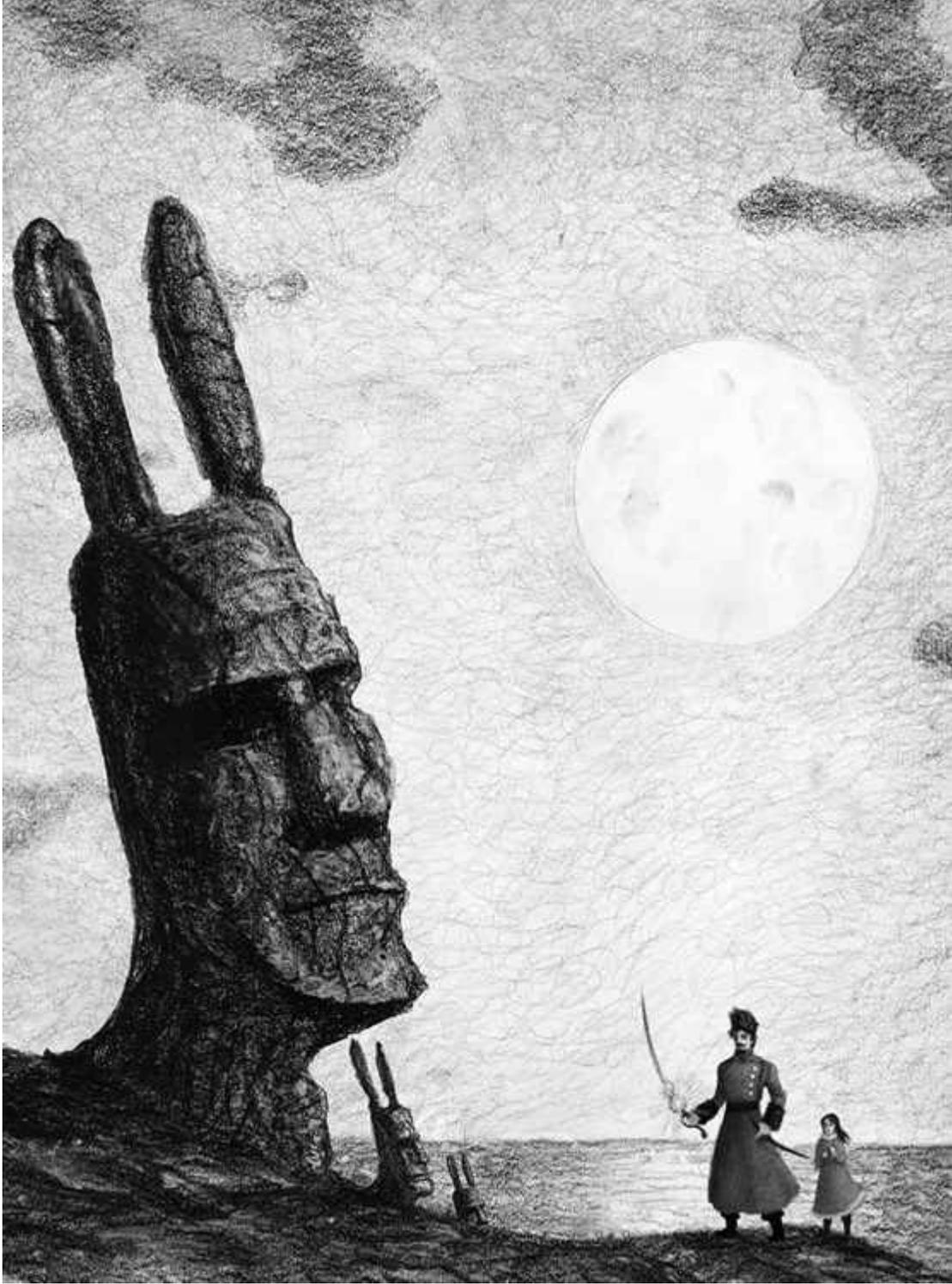
— Onde podemos encontrar o Pooka? — berrou. — Precisamos chegar ao centro da Terra... Imediatamente!

As cabeças não responderam.

Mas à medida que o eco dos gritos foi diminuindo, algo começou a surgir do alto de cada escultura. Duas colunas de pedra, quase como orelhas, lentamente ergueram-se, esticando-se até formar pontas afiadas. As cabeças haviam ganhado orelhas de coelho! Todas elas! Katherine e Norte trocaram olhares de desconforto.

Então alguma coisa, ou alguém, saiu girando do chão a menos de quatro metros, fazendo areia e grama voarem em todas as direções.

Katherine e Norte de repente estavam diante de um coelho extremamente alto. Ele estava de pé, não agachado como um coelho normal. Tinha pelo menos dois metros de altura (incluindo as orelhas) e usava óculos verdes ovalados, além de uma grossa túnica verde com botões dourados de forma ovoide. Usava também um cinturão púrpura e um colete com bolsos ovais. E carregava um cajado longo com um ovo na ponta.



Katherine dirigiu um sorriso apreensivo ao Homem-Coelho.

O coelho não respondeu. Ele nem piscava. Aliás, estava tão imóvel que Katherine achou que também fosse uma estátua. Deu mais um passo, mas, para sua total surpresa, um grupo de ovos de armadura, com bracinhos e perninhas, surgiu debaixo da bainha da túnica do coelho. Os ovos ergueram arcos. As flechas, notou ela, tinham pontinhas minúsculas em forma de ovo.

Katherine recuou mais uma vez, mas Norte não foi tão cauteloso. Ele vira o focinho do coelho se mexer, o que despertou sua suspeita.

— Creio que você seja Pooka. Estou certo? — perguntou.

De repente o coelho virou um borrão. E, mais rápido que um piscar de olhos, estava bem à frente deles.

— Meu nome é Coelhoberto Pascoal — disse ele, com voz profunda e melodiosa. — Estava aguardando vocês.



*Coelhoberto Pascoal,
último dos Pookas*

CAPÍTULO DEZESSETE



No Qual Breu Aprecia o Talento de Norte, Mas Prova Ser um Ardiloso Enganador

DJINNI MECÂNICO DE Norte realmente era uma criação inspirada. Breu deliciava-se não só com o roubo da criação de seu inimigo, mas também com as coisas maravilhosas que ela fazia. Quando estava dentro do djinni, Breu não só conseguia mostrar-se à luz do sol, mas também transformava-se em qualquer tipo de máquina, sendo a mais notável aquela que podia voar — o jeito perfeito de transportar as crianças rapidamente a uma longa distância.

Com as crianças e Noiteluz presos dentro de seu manto de chumbo, Breu havia transformado o djinni justamente numa máquina com este fim.

Ele não se importava com beleza, embora apreciasse o design elaborado do trenó voador que se projetava dos ombros, costas e braços do djinni — cada assoalho, deque e parafuso era uma maravilha mecânica. Um acesso de inveja atravessou-o, dado que fora claramente uma combinação de magia antiga e invenção humana o que havia criado aquela obra-prima. O Rei dos Pesadelos nunca imaginara algo que se aproximasse do gênio de Norte. Mas imaginaria. Ah, assim que tivesse todos os livros da biblioteca do mago, ele imaginaria.

Ele estreitou o olhar e disparou uma breve ordem ao djinni:

— Leve-me ao centro!

Os propulsores começaram a girar e, dentro de segundos, o trenó saiu voando pelo céu, atravessando continentes, depois oceanos, e enfim aterrissando num dos locais mais desolados da Terra: um vulcão no topo da Cordilheira dos Andes.

Dentro do manto, as crianças de Papoff Noelen sussurravam perguntando uns aos outros onde poderiam estar e se Ombric e Norte já teriam dado início à missão de resgate.

William-O-Caçula estava furioso naquela escuridão.

— Se eu tivesse uma espada... — resmungou.

— Ah, eu também! — disse seu irmão mais velho. — Se eu tivesse a nova espada de Norte, oras, eu...

— Silêncio! — rugiu Breu. O vulcão era um atalho para seu novo refúgio. Quando entraram na fissura aberta na rocha, os propulsores da máquina voadora se dobraram. Iam cada vez mais rápido, rumo ao centro da Terra.

As crianças, presas na escuridão completa do manto de Breu, mal conseguiam ver alguma coisa, embora seus ouvidos tivessem começado a estalar com a pressão. A única luz que tinham era o brilho consideravelmente mais fraco de Noiteluz.

William Alto e Petter, auxiliados por Fog, tentaram fazer força para sair do manto-prisão — sem sucesso. O tecido negro não era realmente um tecido, mas sim uma treliça metálica, flexível, mas impenetrável, não importando a força que os meninos fizessem para empurrar ou puxar. Sascha fez o possível para confortar William-O-Caçula e algumas das outras crianças, mas estava mais preocupada com Noiteluz. Ele estava caído sobre o manto, de olhos fechados. Sua luz ficava cada vez mais fraca — e começou a bruxulear.

William-O-Caçula gritava:

— Ele vai morrer? — Lágrimas corriam pelas bochechas das crianças. Elas prenderam a respiração, observando e torcendo para que o mais novo dos Williams estivesse errado.

Sascha agarrou a mão de Noiteluz, que lhe passava uma sensação estranha, como se fosse feita de ar, luz, cristais. Em um instante ele começou a brilhar — levemente — mais uma vez, e ela deu um suspiro de alívio.

Ela surpreendeu-se quando Noiteluz esticou a mão, recolheu as lágrimas dela e então fez o mesmo com as das outras crianças. Fechou o punho com força em volta delas e o levou até o peito. As crianças viam a lagarta escondida sob a casaca de Noiteluz.

— Espero que o Sr. Qwerty esteja bem — disse Sascha.

— Lembrem-se — sussurrou Petter —, não podemos contar a Breu sobre o Sr. Qwerty.

Assim que começaram a concordar entre si, eles bateram numa superfície rochosa. As crianças caíram num chão duro, ralando joelhos e cotovelos. Breu

abriu rapidamente seu manto, o que os fez sair girando em todas as direções. Sascha atingiu uma parede. Petter rolou no chão para sair do caminho do pé de Breu, segundos antes de ele pisar forte. William Alto fez o possível para reunir as crianças mais novas em grupo.

Estavam num salão grande com paredes que pareciam ser de um metal cinzento fundido. O ar cheirava a enxofre — poças de lava leitosa fluíam em torno de um dos lados do salão. As crianças sentiam Medonhos roçarem suas pernas como gatos pretos e sombrios. Fog estremeceu e bateu com raiva em um que parecia estar sussurrando no seu ouvido. Sascha apertou os lábios e engoliu um grito quando outro deslizou em torno de sua cabeça.

Noiteluz os ajudara a enxergar dentro do manto, mas ali parecia que as paredes absorviam seu fraco brilho, deixando-os numa escuridão tão forte que eles começaram a se perguntar se Breu havia engolido toda a luz do mundo.

Então ouviu-se um som que parecia um estalar de dedos, e chamas azuis surgiram das poças de lava, fazendo tudo ganhar um brilho misterioso. Os Medonhos recuaram da luz, mas não resistiam a tentar tocar as crianças com seus longos dedos tentaculares que chegavam a centímetros dos rostos delas.

Os meninos mais velhos puxaram as crianças mais novas para trás deles, e por instinto todos formaram um círculo de proteção em torno de Noiteluz.

Breu sorriu de maneira debochada dos esforços deles. Deu ordens para que o traje djinni se transformasse novamente em homem mecânico. Então um vapor escuro surgiu da orelha do djinni, tomando a forma que Breu preferia para si. Ele jogou o traje mecânico de lado e assomou-se sobre os reféns.

Sascha sentia as mãos das crianças menores tentando pegar as dela, puxando-a pelas mangas. Ela fez força para manter-se calma. Ombric, Norte e Katherine moveriam céus e terras para resgatá-los. Estava certa disso tanto quanto sabia que o céu é azul, que a grama é verde e que vaga-lumes roubam no pega-pega. Ainda assim, ela não conseguiu olhar nos olhos de Breu quando ele encarou um por um. Quando Breu chegou a William Alto, porém, o menino devolveu o olhar.

— Você disse que não planejava nos ferir — falou William Alto quando Breu aproximou-se dele de maneira ameaçadora.

— Sei bem o que falei, garoto — respondeu Breu. — Se o seu precioso mago me entregar a biblioteca, talvez eu mantenha a promessa. Ou talvez não. — Então apontou seus longos braços esqueléticos na direção de Noiteluz. — Mas você... — acrescentou ele dando um sorriso malévolo para o garoto espectral — ...você é outra história.

Noiteluz olhou de volta para Breu com um sorriso fraco, mas travesso. A força das crianças alimentava a sua, e a luz dele voltava a brilhar estável. Ele pensou em Katherine, em quanto gostaria de vê-la de novo, e ficou ainda mais forte. Passara milhares de anos preso dentro daquele monstro. Sobreviveria a qualquer coisa que ele quisesse fazer.

Enfurecido com o sorrisinho provocador de Noiteluz, Breu ergueu a mão como se fosse esmagá-lo. Sascha soltou um grito agudo, mas Noiteluz só abriu ainda mais o sorriso.

— Vou transformá-lo no meu príncipe Medonho — ameaçou Breu. — E sua amiga, Katherine, quando chegar, será minha princesa.

Noiteluz entendia bem o que Breu estava fazendo: tentava assustá-lo ameaçando Katherine. Ele sorriu ainda mais, de propósito.

Breu estendeu a mão longa e nodosa e, com lentidão agonizante, deixou os dedos pairarem a um centímetro da cabeça de Noiteluz.

— Agora *você* será *meu*. Você, que me manteve aprisionado por séculos. Dia após dia, ano após ano, eu sonhava com vingança... — Ele baixou a mão, mas, no instante em que agarrou Noiteluz, houve uma explosão brilhante de luz, que fez Breu cambalear para trás.

Ele segurou sua mão dolorida, e por um instante os dedos e a palma pareceram brilhar, depois ganharam cor de pele. O rosto de Breu era um misto perturbador de fúria e algo mais. Algo que as crianças nunca esperariam ver. Algo que parecia... tristeza.

Breu gritou. Cobriu a mão ferida com seu manto, puxou a espada com a outra, e apontou para uma cela pequena e apertada que ficava suspensa do teto. Um enxame de Medonhos pegou Noiteluz e jogou-o dentro da pequena jaula de chumbo.

— Seja meu hóspede nesta prisão de chumbo sólido, criada especialmente para você — disse Breu, a voz repentinamente assumindo um tom mais

animado.

Breu usou a ponta da espada para fechar a porta com toda força. A ponta então se modificou, afinando-se até virar uma chave. Ele trancou a porta, e a chave voltou a ser espada.

— A única forma de alguém abrir esta porta será me matando — disse ele com um sorriso de satisfação. — E quem dentre vocês é capaz disto?

Então ele deu uma risada tão maléfica que as crianças ficaram se sentindo desamparadas.

CAPÍTULO DEZOITO



Reviravolta Surpreendente com Recheio de Chocolate

COELHO E NORTE se entreolhavam, um avaliando o outro.

Norte tinha dúvidas sobre o lendário Homem-Coelho desde que Ombric o descrevera pela primeira vez. Achava que ele e Ombric eram os maiores herói e mago do mundo. A ideia deste *coelho* estar à altura deles — talvez até mais do que isso — não agradava nada o orgulhoso Nicolau São Norte. Mesmo assim daria uma chance ao Pooka.

— Você estava nos aguardando? — perguntou Norte, irônico.

— Sim e não. Estava e não estava. Talvez sim. Talvez não. Eu tinha, contudo, um pressentimento — respondeu o coelho. Ele abriu um de seus bolsos ovoides e tirou doces em forma de ovinhos. Os doces eram recobertos com uma variedade espantosa de finas ornamentações cristalizadas. — Por favor, peguem um chocolate. Faço os melhores do universo — disse o coelho.

Então tinha sido esse o cheiro que Katherine havia notado antes — chocolate —, mas era tão tentador que ela mal conseguia pensar em outra coisa. Não era apenas um cheirinho de doce comum; era uma névoa hipnotizante de potencialidades de sabor.

— Este tem recheio de caramelo feito com o leite de uma criatura bovina intergaláctica que vez por outra salta por sobre a Lua — disse o Pooka a Katherine, passando o doce sob o nariz dela. — E este, marshmallow feito com ovos batidos de pavões asiáticos! — Os olhos de Pascoal brilhavam. Seu focinho se mexeu e ele se curvou para a frente, estendendo dois chocolates.

Katherine hesitou — estava com muita fome. Em todo seu ímpeto, ela e Norte não haviam se lembrado de levar algo para comer. Então ela pegou um dos chocolates.

Antes que Norte pudesse intervir, o Pooka voltou-se para ele.

— Já o senhor iria preferir algo mais sombrio... mais selvagem. — Ele puxou um doce de dimensões impressionantes. — Este ovo é feito com folhas de cacau

que crescem no interior escuro das grandes cavernas de Calcutá, e contém um toque de menta das calotas polares de Marte. Também possui três moléculas de brotos de lava havaiana para dar um sabor extra.

Norte nunca havia sentido o cheiro de algo tão irresistível. Era quase tão tentador quanto as joias que a Alma da Floresta havia utilizado para atrair seu bando de foras da lei à floresta encantada. E tinha sido nessa ocasião que ela transformara seus homens em elfos de pedra, motivo pelo qual ele não tinha como não ficar um pouco desconfiado daquela oferta. Além disso, os ovos guerreiros do Pooka ainda apontavam flechas para eles.

— Você come primeiro — contrapôs Norte.

— Eu deveria — concordou o coelho. Então suspirou. — Mas não deveria. Não posso. Não vou. É uma longa história, carregada de tristeza.

Aquilo não fez o mínimo sentido para Norte. Mas ele não conseguia resistir ao ovo de chocolate — estava com mais fome até do que Katherine.

— Tudo bem, mas mande seus soldados recuarem — exigiu ele.

— Sim, claro. — Pascoal fez um aceno com a pata, então os ovos baixaram armas e começaram a recuar como se fossem um só. *Impressionante*, considerou Norte, *e extremamente peculiar*. Ele achava que o Pooka devia ser inofensivo, mas, mesmo assim, nunca se pode ter certeza absoluta.

Havia no ar um cheiro avassalador de chocolate, e Katherine não conseguiu mais resistir à tentação. Ela vinha esperando educadamente que Norte pegasse o chocolate antes de comer o seu, mas resolveu soltar o ovinho de caramelo na boca. Seu rosto foi tomado por uma expressão de êxtase. Seus olhos se fecharam.

Norte e Pascoal ficaram observando-a — Norte, por preocupação, Pascoal, ansioso para ouvir a reação dela. Katherine começou lentamente a se balançar de um lado para o outro como se estivesse sonhando. Estava enfeitiçada pela delícia do chocolate.

O Pooka não conseguia mais esperar.

— Você gostou? — perguntou ele, a contração de um único bigodinho entregando seu intenso interesse.

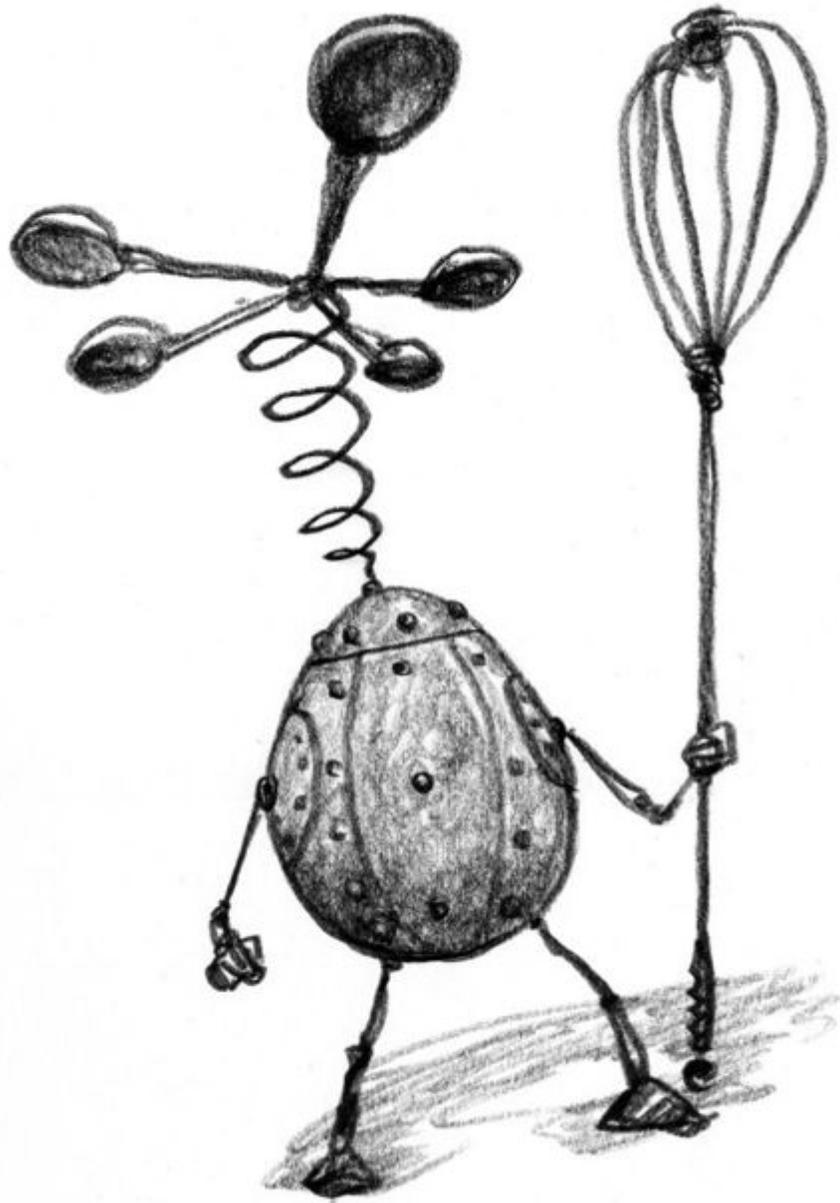
Katherine sorriu, sua boca ainda inundada pelo sabor mesmo após engolir o doce.

— O melhor chocolate que eu já comi e que achei que ia comer na vida! — respondeu ela, sonhadora.

— Perfeito! — disse o coelho, seus outros bigodinhos agora se mexendo junto ao focinho.

Então ele bateu seu cajado contra o chão, e a Terra se abriu sob eles. Katherine e Norte caíram para a frente, girando por um buraco que parecia se escavar enquanto desciam. Montinhos de rocha e areia passavam como um redemoinho por eles.

Quando pararam, o buraco acima se fechou e eles viram que a câmara em forma de ovo onde estavam levava a outra câmara em forma de ovo, e outra e outra e outra, e assim por diante. Havia uma fileira infinita de câmaras, que se estendia até onde a vista alcançava. Centenas de ovos vivos de diversos tamanhos, formatos e uniformes marchavam sobre perninhas da espessura de palitos, envolvidos em todo tipo de tarefa. Misturar chocolate. Fazer ovos doces. Decorar ovos. Pintar ovos. Polir ovos. Empacotar ovos. Tudo era muito, muito ovocêntrico.



Um ovo guerreiro chocolateiro

Katherine ficou observando tudo maravilhada, então espiou algo familiar em uma câmara à frente. Era a nave deles! De alguma forma, Pascoal também conseguira trazê-la para o subterrâneo. Ela suspirou de alívio: não tinha mais que se preocupar com o fato de Kailash ter ficado para trás. Ainda assim, queria que Kailash ficasse quietinha até ter certeza absoluta de que este estranho mundo subterrâneo era seguro.

— Venham — convidou-os Pascoal, fazendo gestos amplos. — Tenho muito a lhes mostrar. — Eles passaram por um vasto mostruário de todo tipo concebível de ovo. — Tenho ovos de todas as espécies — disse Pascoal, muito animado. — De dodôs, pterodáctilos, dinossauros, do Homem-Ovo da Quacklândia...

Numa das paredes, Norte e Katherine viram a imagem de um planeta verde e azul muito familiar, embora fosse ovoide e não redondo.

— É para ser a Terra? — perguntou Katherine.

Pascoal ficou observando a imagem com reverência.

— Sim, zilhões de anos atrás — respondeu ele. — Naquela época ela era ovoide. Infelizmente, ovais têm órbita instável. Se isso não fosse mudado, o planeta começaria a girar cada vez mais para perto do sol e acabaria sendo cozinhado como um ovo cozido.

Katherine olhou novamente para a imagem.

— Mas... como o planeta ficou redondo?

— Ah, eu consertei: uma beliscadinha aqui, uma puxadinha ali — disse o Pooka, como se fosse algo normal. — Na verdade foi triste. Ovais têm um formato tão interessante. Já os círculos... Ora, são tão ordinários, comuns, *tediosos*. — Então suspirou fundo, como se salvar o planeta fosse uma penosa tarefa doméstica. — Usei a terra que sobrou para fazer mais alguns continentes. Creio que a Austrália seja minha grande obra — disse ele. — Sou muito bom em escavar.

Katherine piscou.

— Você fez a *Austrália*?

— Logo depois de terminar as montanhas do Himalaia — respondeu ele. Seus bigodinhos deram uma repuxada. — Mas chega de geografia, tenho muitos e muitos ovos para lhes mostrar.

Ele girou sobre a pata traseira e se curvou na direção de Katherine.

— O ovo é o formato mais perfeito do universo, não acham?

— Achamos — disse Katherine, concordando com entusiasmo, percebendo que isso agradaria o coelho e que agradá-lo seria uma forma de fazer as coisas andarem mais rápido. — Mas, veja bem, estamos com pressa. Nossos amigos estão em perigo, e nosso mestre, Ombric Shalazar, crê que você pode nos ajudar. — Katherine lhe dirigiu um olhar de esperança.

— O mago da Atlântida — disse Pascoal, cujas orelhas agora se mexiam. — Tinha grandes esperanças quanto àquela cidade, mas aí ela sumiu. — Ele balançou a cabeça. — Fiz tudo que pude, mas... ah, os humanos.

Katherine não sabia bem como reagir àquilo, mas tinha que mantê-lo concentrado no assunto. Tentou fazer seu rosto expressar desgosto por ser uma simples humana, depois resolveu insistir.

— Pode nos ajudar a ir daqui ao centro da Terra?

A impaciência borbulhava dentro de Norte. A luz de sua espada piscava com frequência cada vez maior, o que significava que eles deviam estar muito próximos da relíquia.

— Diabos, Homem-Coelho! Precisamos de sua ajuda! Precisamos da Relíquia Lunar e precisamos seguir em frente. Vai nos ajudar ou não? — exigiu.

Pascoal fungou.

— Não sou nem coelho nem homem. Sou um Pooka. Meu nome é Coelhoberto. Coelhoberto Pascoal, para ser mais exato.

Ele inclinou-se para a frente e perguntou a Katherine:

— Que outros chocolates gostaria de provar, garotinha humana?

Norte nunca apreciara ser ignorado, e estava prestes a perder a paciência e explodir, então Katherine foi rápida antes que ele pudesse dizer algo, tentando permanecer educada.

— Não é fácil escolher — disse ela, como se estivesse confusa.

O Pooka ficou olhando para Katherine. Ela tinha que fazer algo para que ele gostasse deles. Então começou a lamber o resto de chocolate que havia em seus dedos.

Pascoal a observava de perto.

— Você gostou mesmo do meu chocolate — disse ele. Mas então assumiu um olhar melancólico. — Ah, se o chocolate não... — e deteve-se.

— Não o quê? — incentivou-o Katherine.

Pascoal fechou os olhos e respirou fundo.

— Ai de mim — disse, suspirando. — Chocolate faz mal para os Pookas.

Ora, que interessante, pensou Norte. O Pooka está cercado por sua maior tentação. E olhou de maneira inquisitiva para Pascoal.

— De que forma? — perguntou ele.

Pascoal lançou-lhe um olhar.

— Ele me deixa mais parecido com vocês. Ilógico. Apressado. Sempre tentando salvar o dia. — Então balançou a cabeça, como se desgostoso consigo mesmo.

Norte começou a desaprovar o tom do coelho, mas Pascoal lhes dera as costas e agora abria a porta de um armário cheio de cima a baixo com prateleiras de ovos de chocolate. O mostruário era deslumbrante.

Katherine o deteve.

— Você foi muito generoso — disse ela. — Mas ficaríamos extremamente gratos se nos deixasse pegar emprestada a relíquia... e nos ajudasse a chegar ao centro da Terra. Por favor.

— Ah, não, não, não — disse o Pooka, puxando uma bandeja de confeitos. — Minha especialidade é o chocolate. Eu não me envolvo em questões humanas. Não mais.

— Não é verdade! — disse Norte. — Você impediu que Ombric alterasse a história quando *ele* voltou no tempo. Duas vezes!

— É verdade. Mas mudar o passado não é algo que se permita a criatura viva alguma, seja Homem, Fera, Planta ou Ovo. Venho observando este tal de Ombric desde que era garotinho. Ele não acredita muito em regras.

— Pois é — concordou Norte. — Principalmente as estúpidas.

O coelho pareceu não gostar dos modos de Norte.

Katherine astutamente mudou de assunto.

— Você sabe o que Breu fez com a Era de Ouro. Não quer impedir que ele faça ainda mais estragos?

Pascoal deu de ombros.

— Humanos vêm. Humanos vão. Deixam muitas relíquias. Estou no planeta há mais tempo que os humanos, e ainda estarei aqui tempos depois de eles desaparecerem.

— Que disparate! — disse Norte. — Então não vai nos ajudar?

— Meu caro amigo, eu não disse que não ia ajudar vocês — respondeu Pascoal. — Só não estou *interessado* em ajudá-los.

Norte e Katherine não sabiam o que responder.

CAPÍTULO DEZENOVE



Noiteluz Está se Apagando

EM PROFUNDEZAS MAIS DISTANTES do que qualquer humano já havia se aventurado, as crianças de Papoff Noelen estavam suspensas em jaulas de metal no centro da Terra. As jaulas, que pairavam a alguns metros do chão, haviam sido feitas havia pouco especialmente para elas. As estranhas formas torvelinhantes de chumbo derretido moldado às pressas ao redor delas eram cheias de respiradouros e aberturas para que as crianças pelo menos pudessem ver o que havia do lado de fora. À sua volta, havia uma grande agitação. Inúmeros Medonhos construía e moldavam diversas armaduras, escudos e armas de chumbo. As crianças ouviam os gritos frenéticos de Breu, dando ordens, e com frequência voltavam o olhar para a prisão de Noiteluz tentando recobrar a confiança. Só de saber que ele estava por perto já ajudava, pois era o único consolo que tinham.

Diferente das jaulas das crianças, a prisão de Noiteluz era feita de chumbo sólido. Não havia janela, não havia ranhura, não havia nem um furinho. E a porta era tão bem selada que luz alguma conseguia entrar.

Noiteluz ficava deitado no chão da jaula. Não se mexia. Seus olhos estavam fechados. Sua luz ficava mais fraca a cada minuto. O chumbo parecia estar sugando todo o seu brilho. Mas Noiteluz não estava só.

Alguma coisa remexeu-se sob sua casaca. E, por um instante, Noiteluz brilhou.

CAPÍTULO VINTE



No Qual Encontramos Algumas Marcas Misteriosas

EM PAPOFF NOELEN, OMBRIC lenta e cuidadosamente libertava outra variedade de prisioneiros: os moradores do vilarejo capturados pelo feitiço de submissão de Breu. Assombrava-o ver seu amado vilarejo, o foco de sua longa e radiante vida, congelado em um instante de terror e luta. Começou por Petrov, o urso e a Alma da Floresta, pois eles precisariam organizar a defesa caso os Medonhos planejassem um novo ataque.

Enquanto eles batiam os pés no chão, rugiam e recobravam os sentidos, Ombric lhes dava a terrível notícia sobre a captura das crianças. O desespero pairou sobre eles como uma mortalha — haviam fracassado em protegê-las de Breu. Ombric instou para que eles não se culpassem.

— Até mesmo eu já fui pego por Breu com tal feitiço — explicou ele. Com pressa, ele contou que Breu estava mantendo as crianças reféns e que a biblioteca era o resgate que exigia. Nenhum deles sabia onde os livros estavam, então Ombric foi libertar as corujas e as outras criaturas da Troncuda. Pareciam ser os que tinham mais chances de ajudá-lo a resolver o mistério.

Para cada criatura libertada do feitiço de Breu, Ombric fazia as mesmas perguntas:

— O que aconteceu com os livros da minha biblioteca? Onde estão?

E todas as vezes recebia a mesma resposta. Ninguém sabia. Mas o raio lunar havia lhe contado um detalhe importante: Suas prateleiras já estavam vazias quando Breu entrou destruindo a biblioteca.

Antes de partir, Katherine havia recolhido com cuidado todos os pedaços do punhal de diamante de Noiteluz e os guardara numa caixa. Era nesta caixa que o raio lunar descansava. O pobre camaradinha parecia confortável entre os cacos de diamante que haviam se tornado seu lar, e Ombric se perguntava se algum dia o punhal teria conserto. Ele era a manifestação física do espírito do Homem da Lua e da coragem de Noiteluz, forjado durante a última grande batalha da Era de

Ouro. Mas agora Ombric sabia que o punhal não poderia ser usado para ferir alguém ou algo bom. Por isso ele se partira quando Breu tentara usá-lo para matar Noiteluz.

Quando todas as criaturas na Troncuda já tinham sido libertadas e estavam se alongando para recuperar os movimentos, Ombric saiu. Deixara os pais por último. Provavelmente haviam ficado inconscientes sob o feitiço de Breu, portanto teria que lhes contar que suas crianças haviam sido raptadas.

Parecia que os pais haviam acabado de chegar à Troncuda quando Breu os enfeitiçara, pois era lá que estavam, a maioria caída de lado ou de costas, na posição em que estavam quando o Rei dos Pesadelos os transformara em brinquedos. Seus rostos de porcelana expressavam temor e alarme, com exceção apenas do Velho William.

Ombric libertou-o primeiro. Velho William contorceu os lábios repetidas vezes para eles começarem a se mexer. Então, assim que conseguiu falar, o pai de todos os Williams contou a Ombric sua história:

— Não sou um espadachim, mas lutei com todas as minhas forças. Usamos bombas de pó estelar contra ele, mas de nada adiantaram. Seu manto e espada sugavam toda luz! Ele tomou de assalto a Troncuda, gabando-se de que seria um mago mais poderoso do que você.

A voz do Velho William falhou de desespero.

— Verei meus Williams de novo? — perguntou.

— Sim — prometeu Ombric.

Velho William acompanhou Ombric de pai em pai, transformando-os de minúsculas versões de porcelana em seres humanos vivos novamente. E Ombric lhes disse que precisariam ter coragem, pois seus filhos haviam sido tomados como reféns.

Ele olhou nos olhos de cada um dos pais, vendo suas feições aflitas e desejando que pudesse aliviar seus fardos.

— Nicolau São Norte e Katherine estão a caminho do centro da Terra neste exato momento — disse a eles. — Darei o melhor de mim para encontrar os livros que Breu cobiça, e, quando eu conseguir, eles farão a troca. Só que preciso saber onde estão os livros.

Mas todos os pais garantiram a Ombric que as crianças vinham fazendo suas lições na biblioteca até o momento em que os Medonhos de Breu começaram a infiltrar-se na floresta encantada.

— E mesmo assim todos os livros sumiram *antes* de Breu chegar até eles — matutou Ombric, alisando a barba.

A Alma da Floresta pairava sobre ele.

— O que ele fez conosco, fez com prazer — disse ela. — Estava orgulhoso de si, apreciando o que havia realizado. — Ela começou a chorar de frustração e raiva, e suas lágrimas se endureceram, transformando-se em esmeraldas e pérolas que caíam inutilmente pelo chão, lembrando-a mais uma vez que seus tesouros não eram o que Breu buscava.

Ombric ficava cada vez mais confuso, e, assim que todo ser vivo de Papoff Noelen havia se recuperado, ele voltou à biblioteca destruída para investigar com mais atenção. As corujas se lembravam de muito pouco. Haviam visto um clarão assim que Noiteluz entrara. Ele fizera algo parecido com um escudo de proteção em volta das crianças. Então o feitiço de Breu começou a fazer efeito sobre as corujas, e tudo ficou escuro. Ombric encarou aquela pequena informação como uma pista. Recolheu um dos minúsculos pedaços de papel jogados pelo chão e observou-o com atenção dos dois lados. Ergueu-o em direção à luz e notou estranhas marquinhos numa ponta. Pegou outro pedaço, depois outro. Todos tinham as mesmas formas picotadas em uma beirada.

Ombric sentou-se em sua poltrona, fechou os olhos e tentou lembrar onde havia visto marquinhos similares. De repente lhe ocorreu.

— São dentes! — exclamou. — São marcas de dentes!

CAPÍTULO VINTE E UM



Um Oportástico Interlúdio



“SÓ NÃO ESTOU INTERESSADO” de Coelhoberto ainda pairava no ar.

O focinho do Pooka mexeu-se e, com um giro veloz de seu cajado, ele sumiu. Katherine e Norte estavam sozinhos.

— Acho que você o deixou bravo — disse Katherine.

— Quem precisa dele? — declarou Norte. — Nós mesmos encontraremos a relíquia. Talvez ela nos ajude a sair daqui e chegar ao centro da Terra. — Deixou que a espada os guiasse. A lâmina os conduziu de uma câmara ovoide a outra.

As primeiras câmaras eram similares àquela na qual eles haviam estado — equipada para produção de confeitos. Uma cheirava curiosamente a canela e outra a algo doce tão poderoso e tentador que eles tiveram que se esforçar para não parar e ficar inalando a perfeição em transe eterno.

Mas na câmara seguinte eles se viram num curioso museu dos ovos. Eram prateleiras e prateleiras de ovos cravejados de joias, preparados primorosamente.

Norte soltou um assobio.

— Conheço um czar russo que pagaria uma fortuna por alguns destes — disse em tom avaliador enquanto a espada lhe impelia a mais uma câmara.

A sala seguinte também era uma espécie de museu, mas agora de ovos naturais. Uma casca amarela e laranja irregular, com a etiqueta MONSTRO MARINHO, ficava ao lado de um ovo verde pintado de um DRAGÃO MESOPOTÂMIO. Fileiras e fileiras de cascas de ovo tomavam as paredes, indo desde o enorme ovo do polvo gigante (todo branco e maior que a cabeça de Norte) aos pequeninos ovos de um beija-flor (menores que a unha do polegar de Katherine). Havia ovos de galinha e ovos de ganso, ovos de pato e ovos de cisne, e até mesmo os minúsculos ovos amarelos e luminosos de uma lagarta lunar, que mal chegavam ao tamanho de uma ponta de agulha. Eram tantos tamanhos, cores, padrões e pintinhas que Katherine tinha achado que esses ovos pareciam

mais belos que os esculpidos em ouro e joias. Então Norte soltou um longo assobio.

Katherine correu até a sala seguinte.

Lá dentro havia um único ovo. Ele ficava num pedestal de prata reluzente. O ovo parecia ser feito do mesmo metal misterioso que a espada de Norte e era coberto de entalhes esplendidamente trabalhados de sóis, luas e estrelas. No centro havia uma Lua crescente que brilhava com a mesma intensidade que a esfera da espada mágica. O ovo e a espada, aliás, pareciam estar tentando se encontrar.

— É isto! — berrou Norte, triunfante. — É a relíquia!

Ele correu, esticando-se para pegar o ovo. Mas, antes de conseguir tocá-lo, foi lançado pelo salão. Deu de cara com uma parede e caiu com a cabeça latejando.

Quando recobrou o foco, Pascoal estava de pé à sua frente.

— Menino levado — disse.

Norte saltou e pôs-se de pé, esfregando a nuca.

— Foi você que fez isso? — gritou.

Pascoal mais uma vez ficou tão imóvel que nem parecia estar respirando. Então seu focinho se mexeu.

Katherine sentiu que uma luta estava por vir. Os Ovos guerreiros pareciam pressentir o mesmo. Uma multidão deles trotou até a câmara sobre suas perninhas, os arcos mais uma vez a postos. Katherine correu para ficar entre Norte e o Pooka.

— Este ovo não lhe pertence — disse o coelho a Norte com toda firmeza.

Norte rangeu os dentes para não soltar um berro.

— Não vá arrancar os bigodes, Homem-Coelho — disse ele. — Duvido que saiba do poder e da importância deste seu precioso ovo! Que ele foi criado por *pessoas*, não por coelhos nem Pookas, mas humanos de uma era mais grandiosa do que você possa imaginar. E que foi feito para propósitos de bem e honra e bravura, não para ser usado como bugiganga inútil que satisfaz os caprichos mesquinhos de sua preciosa coleção!

Ficou claro que os argumentos de Norte tiveram efeito poderoso sobre Pascoal. O coelho chegou mais perto. Então ficou empertigado, duro, enquanto seu focinho e bigode se mexiam. Mexiam e paravam. As repuxadas ficaram tão

rápidas e borradas quanto as asas de um beija-flor em voo. Então o Pooka falou com toda calma e firmeza:

— Conheço muito bem tanto os poderes quanto as origens deste ovo, Sr. Norte. Auxiliei, aliás, em sua confecção. — Ele fez uma breve pausa, deixando que Norte absorvesse a informação. E empertigou-se, acrescentando: — No interior de sua casca curva fica a luz mais pura de toda a criação. Luz do princípio dos tempos. É a luz que todos os Pookas juraram cuidar e proteger. Mas não se pode confiá-la aos homens, às *pessoas*. Tentamos uma vez, durante a Era de Ouro.

— Muito bem! Então *you* tem que nos ajudar a deter Breu — pressionou Norte. — Foi *ele* que matou a Era de Ouro! Ele é uma criatura abjeta! Um monstro...

— Porém — interrompeu-o Pascoal —, antes foi um *homem*.

Norte não estava preparado para uma réplica veloz, mas o Pooka mesmo assim ergueu a mão e prosseguiu:

— Pookas eram os coletores desta luz. Nós a levamos a mundos que acreditávamos estarem preparados para seu poder. Pensávamos que o povo da Era de Ouro era o mais promissor, e eles souberam utilizá-la de forma correta. Mas então veio Breu. Ele destruiu tudo. É por causa dele que sou o último de minha espécie. Vim para cá na esperança de uma nova Era de Ouro. — Fitou Norte nos olhos. — É por isso que czar Lunar, o pai do Homem da Lua, enviou esta "reliquia", como você diz, para mim. E desde que ela está em minha posse, já tentei repetidas vezes ajudar o mundo dos humanos. Inventei a maioria das árvores, das flores, da grama. A primavera. As piadas. As férias de verão. As férias de inverno. O chocolate. Mas parece que nada disso ajudou a mudar as coisas. Os humanos ainda se comportam mal e nunca aprendem a apreciar a luz. — Um olhar que só poderia ser descrito como desamparado cruzou o rosto do Pooka, e sua voz ficou mais solene. — Não se pode confiar no homem.

— Tudo que você inventou, tudo, estará perdido se Breu conseguir o que quer — argumentou Norte. — Ele vai sugar *toda* a luz do mundo. Você vai deixar isso acontecer?

Pascoal pareceu estar refletindo sobre aquilo.

— Breu e os Medonhos nem mesmo gostam de chocolate *ou ovos!* — acrescentou Katherine. Não sabia se isso era verdade, mas soava bem.

Pascoal ficou perturbadíssimo com aquele comentário. E intrigado. Os ovos guerreiros pareciam não saber o que fazer. Baixaram as armas alguns poucos centímetros. Enfim, o coelho falou:

— Mas que seres malignos! Não gostam de chocolate? Não gostam de... — arfou, interrompendo o que dizia — ...ovos? Ora, por favor parem já de falar... Vocês humanos usam tantas, tantas palavras. E tão poucas sobre ovos. Isso me cansa.

Pascoal tirou a relíquia de seu pedestal reluzente e a ergueu.

— Retornarei em aproximadamente uma hora e sete minutos, segundo o tempo humano... com seus amigos.

— Estou pronto — disse Norte. — Vamos.

— Ah, não, não, não — disse Pascoal. — Trabalho sozinho.

CAPÍTULO VINTE E DOIS



Um Mistério Leva a Outro

— **M**ARCAS DE DENTES! — DISSE Ombric mais uma vez. — Mas dentes de quem? — Sua barba se enroscava enquanto ele pensava.

Sua exclamação ecoou por todo o vilarejo. As criaturas da floresta, tomadas pela fúria incontida após tanto tempo presas como brinquedos, uniram-se a Ombric para ajudá-lo a encontrar pistas. Libélulas e mariposas voaram por cada centímetro da floresta. Aranhas e formigas rastejaram por cada cantinho da Troncuda. Passarinhos e esquilos conferiram a copa das árvores.

Os pais também se uniram à busca, passando um pente fino em cada casa e quintal, revirando colchões e hortas.

Ombric examinou os pedacinhos de papel mordiscados ao microscópio.

— Quem comeria meus livros? Noiteluz teve parte nisto, tenho certeza, mas o que... — perguntava-se.

Pressionou os dedos contra as têmporas. Não queria admitir, mas sua última jornada no tempo o havia deixado esgotado. O longo e lento processo de libertar todo o vilarejo do feitiço de Breu só contribuíra para seu cansaço. Pela primeira vez em sua longa vida, Ombric sentia-se não um velho, mas um ancião. Mas não pôde se deixar levar muito tempo por aquela sensação estranha — as crianças precisavam dele, fosse ou não idoso. Então deixou sua fadiga de lado e examinou mais uma vez os restos de papel.

O Sr. Qwerty nunca permitiria que...

Ombric parou no meio da frase. Suas sobrancelhas, barba, bigode, cabelo, sapatos e até mesmo cílios começaram a se enroscar.

— SR. QWERTY! — gritou Ombric, dando um salto. — SR. QWERTY!! SR. QWEEEEERTY!!! — Ele não via a lagarta lunar desde que retornara ao vilarejo! E agora sabia o motivo. — O Sr. Qwerty comeu meus livros! Para que não chegassem às mãos de Breu!

Vamos começar do princípio. Lembrou-se do que as corujas haviam dito: viram um clarão logo antes de tudo ficar escuro. Ombric abriu a caixa onde descansava o raio lunar e perguntou:

— Noiteluz estava segurando algo quando Breu o levou?

O raio lunar, sentindo a animação de Ombric, ficou também mais forte e brilhou: *Sim.*

— Era branco? Um pouco alongado? Mais ou menos do tamanho da minha mão?

O raio lunar pulsou duas vezes.

— É isto! — disse Ombric, recostando-se com um olhar de compreensão. — O Sr. Qwerty comeu os livros! E então se envolveu em um casulo! O clarão de Noiteluz protegeu as crianças e deu tempo ao Sr. Qwerty para devorar os livros. Aquele camaradinha sempre teve fome de conhecimento, mas isto é *épico!* — Ombric estava quase às gargalhadas. — Noiteluz levou o Sr. Qwerty! Ainda está com ele. A biblioteca está no estômago do Sr. Qwerty.

O velho mago alisou sua barba, que ainda se retorcia.

— Bem debaixo do nariz de Breu...

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

0 0 Grasnar do 0 estino

NUNCA SABEREMOS QUE DISCUSSÃO furiosa se seguiria à insistência de Pascoal de ir ao centro da Terra sem Norte e Katherine, pois, nos segundos de tensão após a declaração do Pooka, Kailash veio bamboleando câmara adentro e grasnou alto.

Os três voltaram-se para a gansinha — Norte com leve irritação, Katherine um pouco preocupada e Pascoal totalmente fascinado.

— É um dos Grandes Gansos da Neve do Himalaia? — perguntou o coelho, seu focinho não apenas se remexendo, mas parecendo dar giros de assombro.

— Sim. O nome dela é Kailash — respondeu-lhe Katherine, ainda hesitante, um pouco incomodada com a mudança de interesse do coelho. — Ela acha que sou mãe dela. Eu estava lá quando ela saiu do ovo.

O Pooka inspirou fundo.

— Conte-me tudo — insistiu. — O ovo era dos mais maravilhosos que há?

Norte resistiu a todos os impulsos para não chacoalhar a criatura estranha e orelhuda até colocar algum juízo em sua cabeça. O tempo estava se esgotando, e o coelho queria falar sobre ovos! Mas o lado mais tranquilo de Norte percebeu uma oportunidade.

— Conte a ele do maldito ovo — disse, fazendo sinal para Katherine apressar-se.

Katherine pôs o braço em volta do pescoço esguio de Kailash.

— Bom, o ovo dela era grande e prateado, com espirais de saliências do tamanho de pedrinhas que resplandeciam como diamantes e opalas — disse ela.

— Exatamente como imaginei! Venha — disse Pascoal, apontando para seu museu de ovos. Uma das prateleiras tinha um espaço vazio com a inscrição GRANDE GANSO DA NEVE DO HIMALAIA. — É o único ovo que não tenho. Minha coleção está incompleta. — Ficou olhando para Katherine. — É prateado, então?

— Azul e prata — complementou Katherine.

O Pooka mal conseguia se conter.

— Kailash ficaria muito grata a quem fizesse o que pedimos — disse Katherine.

O Pooka estava quase tremendo. Após um longo instante, sua reserva anterior pareceu voltar. Seu focinho se mexeu. Então ele falou:

— Meu exército já está reunido. Estou de prontidão. Espero o mesmo de vocês. Qualquer amigo dos Grandes Gansos da Neve é meu amigo também. Venham por aqui. Vamos pelo túnel número mil setecentos e vinte e oito. — Ele fez uma pausa dramática, então acrescentou com um floreio: — Direto para o centro da Terra!

— Finalmente — resmungou Norte, colocando a mão sobre a empunhadura da espada mágica. A arma começou a brilhar. A relíquia ovoide de Pascoal também.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO



No Qual Faz-se uma Terrível Descoberta e Há uma Ponta de Esperança

PARA GRANDE ALÍVIO DAS crianças, Breu e seus Medonhos haviam sumido em outra câmara.

A câmara onde ficavam era tão ampla e alta quanto a Troncuda. Mas não se parecia em nada com ela. Era um lugar escuro e agitado. Se a Troncuda era um baú de maravilhas, o covil de Breu no centro da Terra era como a mítica caixa de Pandora: recheada de trevas e perdição. As crianças haviam conseguido, lenta e silenciosamente, serpentear-se para fora das aberturas de suas gaiolas e descer. Meia dúzia de túneis saía da câmara, mas William Alto e Petter já os haviam explorado e relatado que todos estavam sob a guarda dos Medonhos. Não que isso importasse. As crianças não tentariam escapar sem Noiteluz.

Fog, Petter e Sascha ficaram de sentinela enquanto William Alto passava as mãos pela porta da cela de Noiteluz, à procura de uma maçaneta, um buraco de fechadura, qualquer coisa que os ajudasse a libertar o amigo. Mas não havia nada, nem mesmo uma rachadura. Qualquer que fosse a magia negra que Breu havia utilizado ao remover sua espada da tranca, tinha deixado a porta mais lisa que gelo recém-formado no lago de patinação de Papoff Noelen.

William Alto bateu com força para que Noiteluz soubesse que ele estava lá, então posicionou o ouvido contra a jaula.

— Ele ouviu você? — perguntou Sascha, também colocando o ouvido contra o metal. — Bateu de volta?

William Alto fez que não.

— Acho que não, mas é difícil ouvir alguma coisa com tanta bateção.

A bateção era o barulho incessante — tinidos, marteladas, golpes — que vinha da câmara ao lado. E que vez por outra era complementado pela risada estrondosa do Rei dos Pesadelos.

— O que você acha que Breu está fazendo? — sussurrou Petter.

— Vamos descobrir — sussurrou William Alto de volta.

Eles arrastaram-se sorrateiros até a entrada da câmara seguinte e espiaram escondidos atrás da parede, fora da linha de visão dos guardas Medonhos.

O que viram fez seus olhos arregalarem-se. Centenas de Medonhos trabalhavam furiosamente sob as ordens de Breu. Alguns desbastavam as paredes de chumbo, deixando o salão maior e jogando as lascas de chumbo num balde. Outros Medonhos derretiam baldes de chumbo sobre uma sinistra lava azul. Quando o chumbo derretia e virava um líquido pegajoso, despejavam a mistura em moldes.

William Alto assistia àquilo inquieto — havia algo de diferente nos Medonhos. Pareciam mais sólidos, menos espectrais que os outros. Um deles testava o chumbo no molde com uma haste fina. Já estava sólido, e o Medonho puxou o que parecia ser um pesado colete e o entregou à criatura ao seu lado. Eles o passaram de um para o outro, por toda a fileira, até o colete chegar ao Medonho que parecia normal. Ou pelo menos o que William Alto e os outros haviam passado a achar normal. A criatura colocou o objeto sobre seu corpo espectral. Então também assumiu o aspecto mais sólido dos outros e se esquivou para a luz.

— Estão produzindo armaduras — falou William Alto sem fôlego.

Petter continuou observando.

— Que os revestem por completo.

— Agora eles poderão sair à luz do sol! — sussurrou William Alto, esforçando-se para que o temor não transparecesse na voz.

Então eles viram fileiras de espadas e lanças que eram formadas pelo mesmo líquido grosso.

— Igual à espada de Breu! — sibilou Petter.

Eles voltaram rápido aos outros e relataram o que haviam visto.

As crianças menores ficaram apenas olhando após ouvirem as alarmantes notícias. O menor William escondeu sua cabeça sob o braço de Fog.

Sascha inspirou fundo para que sua voz se mantivesse firme, então disse:

— Gostaria muito que Ombric e os outros se apressassem.

William Alto fez força para não parecer amedrontado, mas estava.

— Agora os Medonhos estarão fortes demais para eles, com estas armas e armaduras — disse baixinho.

Petter ficou muito sério.

— E se eles conseguirem a biblioteca de Ombric, Breu vai conhecer toda a magia que existe! — disse. — Será impossível detê-lo.

— Mas não devemos ter medo — acrescentou, tentando se convencer tanto quanto os outros. — Isso só deixa Breu mais forte.

As crianças sabiam que ele tinha razão. Mas estava ficando difícil manter a coragem.

Se pelo menos conseguissem ouvir a conversa que acontecia dentro da minúscula e apertada jaula de Noiteluz... Ele ouvia a voz abafada do Sr. Qwerty. O casulo remexia-se e contorcia-se sob sua casaca.

— A mudança está prestes a acontecer — disse a valorosa lagartinha. — E não há como impedi-la.

E Noiteluz brilhou.

CAPÍTULO VINTE E CINCO



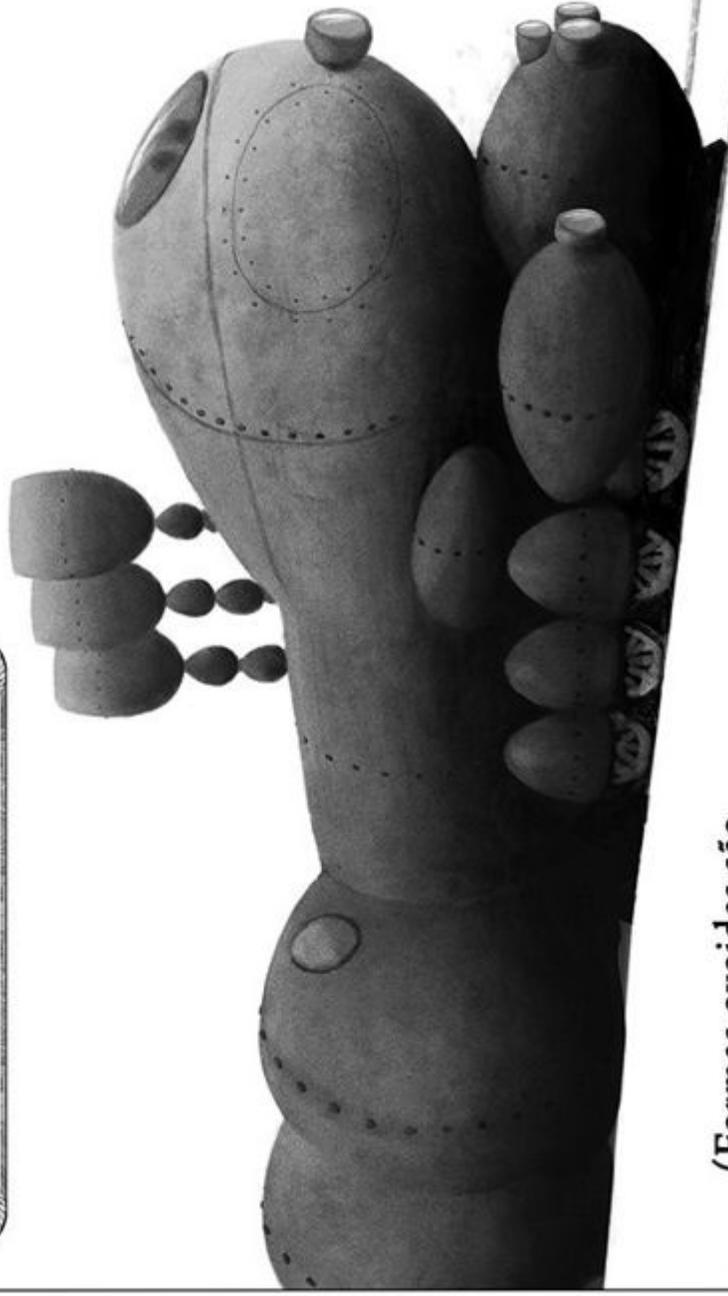
A Ovoarmada

SE SÃO SETE AS Maravilhas do Mundo Conhecido, o túnel de Coelhoberto que levava até o centro da Terra seria a primeira do mundo *desconhecido*. Tinha o desenho de um ovo de pé e parecia estender-se infinitamente. Norte ficou intrigado pela maneira silenciosa como o trem do Pooka viajava. Apesar da notável velocidade, o veículo mal fazia som, apenas um estalido quase inaudível. Teria que perguntar ao Pooka como conseguia aquilo... até o seu djinni mecânico rangia e zunia.

E embora Katherine estivesse cada vez mais preocupada com Noiteluz e seus amigos, não podia deixar de notar a atraente estranheza do transporte de Pascoal. Os vagões da ferrovia que os levavam cada vez mais fundo no subterrâneo obviamente eram ovoides, assim como toda maçaneta, dobradiça, porta, janela, luminária e componente mecânico. Era ainda mais opulento que a torre voadora dos Lamas.

Além disso, os vagões imediatamente atrás do dela comportavam um imponente exército de ovos guerreiros de armadura que empunhava um sortimento impressionante de armamentos. Os ovos menores eram do tamanho de um ovo de galinha comum. Havia também pelotões de ovos que eram quase do tamanho de uma boa maleta e ainda um número surpreendente de ovos imensos — de mais de três metros de altura. Katherine queria muito saber de onde teriam vindo *esses* ovos!

o o-o-trem para o centro da Terra



(Formas ovoides são surpreendentemente versáteis em batalhas e viagens.)

Norte, por outro lado, estava tendo dificuldade para levar os ovos guerreiros a sério. *São ovos!*, pensava consigo. *OVOS!* Mas tentou não revelar suas dúvidas e em vez disso questionou seu anfitrião num tom que pelo menos sugeria delicadeza:

— Belos ovos, Pascoal, mas será que sabem lutar?

O Pooka observou-o tranquilamente, sem deixar nem o focinho se mexer.

— Era o que os gregos pensavam em Troia — respondeu ele, em tom de enfado. — Agora, por que construíram aquele cavalo desengonçado em vez de um ovo, como sugeri, nunca vou entender.

Katherine, sentindo que outra discussão estava se armando, achou melhor interromper.

— Estamos chegando? — perguntou.

— Na nossa velocidade atual, estaremos lá em exatamente trinta e sete estalidos — respondeu Pascoal.

Estalidos? Norte e Katherine ficaram curiosos, mas decidiram não perguntar nada por enquanto. As respostas de Pascoal quase sempre deixavam-nos sentindo-se, bem... eles não sabiam bem o quê. Aturdidos? Confusos? Perplexos? Condenados?

Enquanto isso, Pascoal observava os dois humanos. Estava preocupado com eles. *Mas por quê?* Eram um homem jovem e cabeça dura, tão determinado em sua ousadia, e uma garotinha, preocupada com os amigos. Até a adorável gansa chilreava diante do perigo à frente. Tanta confusão, tanta revolta!

Ainda assim, ele tinha que admitir que havia certa satisfação em trabalhar com outros, mesmo que fossem humanos. Nunca iria admitir isto em alto e bom som, é claro, mas o Pooka havia passado muito, muito tempo só. Ter aquelas outras criaturas por perto representava uma mudança de ritmo. A menina tinha um excelente gosto para chocolates. E não se podia negar a emoção. Afinal o que era aquilo se não uma aventura?

As reflexões de Pascoal foram interrompidas por um tinido insistente — a princípio distante, mas cada vez mais alto e mais próximo à medida que o trem avançava.

— Estamos quase lá — disse aos outros.

Katherine já previa isso, pois sentia o odor úmido e sulfuroso dos Medonhos. Segurou seu punhal com mais força.

Ao mesmo tempo, a espada de Norte e o cajado de Pascoal começaram a brilhar. Aparentemente, o perigo estava logo ali.



Uma forma extraordinária de viajar.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

0 Centro Apodrecido

PASCOAL DEU ORDENS PARA o trem parar, o que aconteceu de forma tão suave quanto um pato descendo num lago. Ele, Norte e Katherine dirigiram-se à locomotiva para ver melhor o que lhes aguardava à frente. Ovos técnicos ainda alimentavam a caldeira ovoide da máquina em desaceleração com pedaços de carvão em forma de ovos.

— Eles ocorrem naturalmente — explicou Pascoal antes que Katherine pudesse perguntar. — É do carvão ovoide que vêm os diamantes.

Katherine apreciou o fato curioso, mas Norte considerou a informação fora de hora.

— Ovos! — esbravejou. — Você fala sobre ovos o tempo todo!

Pascoal ficou ofendido.

— Não falo, *não*.

— Fala sim.

— NÃO FALO, NÃO!

— Fala. Sim.

— Não!

— Sim!

Katherine suspirou. Lá estavam a criatura mais antiga e sábia da Terra e o maior mago-guerreiro daquela era agindo como uma dupla de pirralhos. Ela vinha esperando que algo assim acontecesse entre os dois. Eles estavam se coçando por uma briga desde o momento em que se conheceram! Verdade seja dita, ela esperava algo mais maduro de ambos. *Adultos, magos e Pookas! Será que são todos tão bobos?*, perguntou-se.

Enquanto os “nãos” e “sims” seguiam sem cessar, Katherine tomou uma decisão: ignorar os dois. Voltou-se para Kailash e disse a ela para ir para a parte de trás do trem e ficar em silêncio. A gansinha grasnou um pouco triste, mas Katherine insistiu. Enquanto Kailash bamboleava para voltar aos vagões de

passageiro, Katherine desceu da locomotiva e saiu a caminhar pelo túnel. A luz era fraca. As paredes do túnel ficavam menos lisas e bem-feitas. As lanternas ovóides que haviam sido afixadas ao teto por toda extensão da passagem agora apareciam com frequência cada vez menor.

Seguindo adiante, ela mal conseguia distinguir onde terminavam os trilhos. A luz da lanterna à frente — a última que via — era mais enevoadada do que as outras. Seu brilho tomava rumos estranhos. Katherine parou, tentando entender por que isso acontecia.

O tinido sinistro que haviam ouvido antes começou a ficar cada vez mais alto; ela podia sentir as reverberações. Mas ela seguiu em frente até estar sob a lanterna e seu estranho brilho. A luz parecia estar sendo soprada pelo vento.

Ela acompanhou o brilho evanescente, que se espiralava cada vez mais ao longe. Mas em direção a quê? Deu mais alguns passos à frente, seguindo a luz. E, a cada passo, o túnel ficava mais amplo e mais alto — imenso, na verdade. E então, para sua grande surpresa, acabou. Simplesmente acabou. Uma vastidão cinzenta se assomava em frente a ela, um muro gigante que a impedia de seguir adiante. Mas a luz não foi detida; Katherine via que o raio nebuloso da luz da lanterna estava na verdade fluindo por este muro de rocha densa, escura e de aparência metálica.

Foi quando ela compreendeu. Estava no centro da Terra.

Aproximou-se com cautela do muro, com o punhal em prontidão. Ocorreu-lhe que a arma talvez não tivesse utilidade contra um *muro*, mas talvez a defendesse do que havia do outro lado dele. Então manteve seu punhal erguido e ficou ouvindo atentamente.

Os sons que vinham de lá eram profundos e ameaçadores, como o ronco do trovão de uma tempestade vindoura. Ela ouviu o que achou serem... risadas. Risadas? Seria possível? Então percebeu que eram risadas de Breu. Sentiu um calafrio na alma.

Katherine colocou a mão no bolso do casaco e puxou o medalhão que havia recebido de Ombric. Olhou a imagem da filha de Breu. Mais uma vez sentiu aquela estranha tristeza. Havia perdido o pai antes mesmo de conhecê-lo, e mesmo assim sentia sua falta todos os dias. O tempo que haviam passado juntos fora tão curto, mas o laço ainda existia. Sabia que nunca ia diminuir, nem acabar.

Estudou a figura daquela menininha de tanto tempo atrás e perguntou-se: *Será que este medalhão é uma arma mais poderosa contra Breu do que qualquer punhal?*

Então uma mudança na luz da lanterna chamou sua atenção. A luz estava se modificando — espiralava-se, descia e se dividia em vários filamentos, espalhando-se como uma teia que fazia um arco atrás da menina. Katherine virou-se. Estava cercada por mais ou menos uma dúzia de Medonhos. Os raios da luz da lanterna abasteciam diretamente as armaduras de chumbo de seus inimigos.

— NORTE! — Katherine conseguiu berrar antes de eles levarem-na para aquele lugar terrível atrás do muro.

CAPÍTULO VINTE E SETE



⓪ Poder do Pooka Interior

— **⓪** EMBRE-SE — DIZIA NORTE, furioso, olhando para Pascoal. — Breu é *meu*.

— O focinho do Pooka se mexeu.

Então ouviram o grito de Katherine.

Norte não esperou pela reação de Pascoal. Girou sobre os calcanhares e partiu, sua espada à frente como se não pudesse aguardar nem mais um segundo para o combate. Um grupo de Medonhos lançou-se contra ele. De relance percebeu que eram Medonhos mais poderosos do que qualquer outro que já vira. Estavam mais densos e, embora sua espada brilhasse com mais força que o normal, a luz parecia ser sugada pelos próprios seres sombrios. Norte ficou assustado. Mas a empunhadura da espada envolveu bem a sua mão, o que lhe deu coragem — ele literalmente sentiu-se mais forte, mais rápido. Norte começou a golpear os predadores à medida que se jogavam sobre ele.

Ele esperava que os Medonhos sumissem a qualquer toque, mas não foi o que aconteceu. Em vez disso, ouvia o tinir de metal contra metal quando atingia os Medonhos e percebeu que eles usavam armadura, como os antigos cavaleiros, embora fossem deformados, emaranhados, temíveis.

E armados.

Mas como?, pensava Norte enquanto atacava veementemente, mal conseguindo impedir as espadas pesadas dos Medonhos de fazê-lo em pedaços quando se lançavam sobre ele como grandes morcegos assassinos. Mudavam de direção em pleno ar para retomar o ataque. Norte desejava ser ainda mais forte e mais rápido, e a espada respondia.

Quando os Medonhos mergulharam mais uma vez, Norte os retalhou com precisão tão ligeira quanto brutal. As armaduras foram cortadas ao meio, e os Medonhos se esvaneceram até virar nada. As armaduras vazias caíam no chão do túnel como pedaços de um caixão partido.

Norte agarrou sua espada e se preparou para o próximo ataque. Mas não houve nenhum. Naquela tensa quietude ele teve tempo para um único e terrível pensamento: *O que teria acontecido com Katherine?*

A espada pareceu responder, pois, de sua empunhadura, surgiu um pequeno espelho oval. De início Norte viu apenas seu rosto e Pascoal e seu exército correndo do trem atrás dele. Então o espelho mostrou outra imagem — de início embaçada, mas aos poucos mais precisa. Era Katherine, cercada por Medonhos. Então passou ao rosto de Breu, olhando para ela. A imagem esvaneceu e o espelho ficou escuro, sem nenhum reflexo.

Norte agarrou sua espada com tanta força que começou a tremer. *A culpa é minha*, pensou. Havia baixado a guarda. Deixara-se distrair pelo... quê? Por um coelho confeitoiro!

Pascoal surgiu por trás de Norte. Pookas tinham uma habilidade incomum de perceber o que os outros pensam e sentem. Sabia que Norte o considerava uma criatura tola. Até mesmo ridícula. Mas isso não o incomodava.

Ele também sentia a ira e a determinação de Norte, a necessidade que tinha de ajudar sua jovem amiga. O coelho passara séculos mantendo distância das sensações tumultuosas das coisas vivas, mas sabia que agora tinha que reagir como nos velhos tempos.

Pôs a pata no ombro de Norte da forma mais amigável que um Pooka era capaz. Então deu um suspiro profundo.

— Meu camarada — disse a Norte —, isso será mais difícil do que imaginei. Vou ter que tomar medidas drásticas. — Colocou a mão dentro da túnica e puxou três ovos de chocolate.

— Isso não é hora para doces — retrucou Norte, frustrado.

— Talvez não para você — disse o coelho, então lançou os três chocolates para a boca. O Exército Ovo suspirou quase em uníssono perfeito. Nunca algum deles havia visto Pascoal comer um chocolate. Haviam ouvido apenas rumores do que acontecia quando os Pookas comiam aquela substância.

Ouviu-se um estrondo curioso. Norte virou-se para encarar Pascoal. O coelho parecia crescer diante de seus olhos, ficando imenso, então descomunal, como o guerreiro de uma mitologia ainda não escrita.

Pascoal ergueu seu cajado com ponta de ovo sobre a cabeça e soltou um grito que fez o túnel tremer como um terremoto. A Ovoarmada fez o mesmo. O som era diferente de tudo que Norte já havia ouvido.

Foi a primeira vez em mil anos que o mundo ouviu o grito de guerra pookano.

E até Nicolau São Norte se impressionou.

CAPÍTULO VINTE E OITO



Começa a Batalha

BREU QUASE NÃO TEVE tempo para saborear a captura de Katherine. Sabia que, se a menina estava lá, Norte e Ombric deviam estar por perto — e a biblioteca mágica próxima de suas mãos! Mas, instantes após os Medonhos levarem a menina até ele, Breu ouviu aquele som extraordinário, sobrenatural.

Era a única das criaturas vivas que já havia ouvido aquele grito de guerra. Era um som que esperava nunca mais ouvir. Lembrava-se dele da época em que destruíra a Irmandade Pookana. Tinha sido a única batalha da Era de Ouro que quase havia perdido.

— Eles têm um Pooka! — sibilou, alarmado.

Sabia que devia agir o mais rápido possível.

— Aprontem-se! — berrou para seu Exército Medonho. — Que comece a batalha!

Os Medonhos reuniram-se com rapidez invejável. Com suas armaduras, e de armas erguidas, eram uma potência que ninguém desejaria encarar.

Breu pegou Katherine pelo colarinho e arrastou-a consigo.

— Venha, sua duende — resmungou. — Não tenho tempo para lidar com você no momento.

Ele correu de câmara em câmara, berrando ordens, garantindo que seu exército das trevas estivesse pronto e preparado, o tempo todo levando Katherine pendurada em seu flanco como um saco. Ela assistiu a cada movimento das tropas medonhas, o que não era algo fácil, pois ficava sendo jogada de um lado para o outro, e Breu a segurava com força pelo pescoço. Mas conseguiu ver a armadilha que Breu planejava. Os Medonhos deixariam Norte e Pascoal chegarem no centro oco da Terra, então poderiam cercá-los e dominá-los.

Sua mente corria atrás de uma solução. Enquanto Breu planejava destruir seus amigos, ela pensava na melhor maneira de detê-lo.

O grito de guerra pookano ficou mais alto e mais próximo. Era óbvio que a Ovoarmada atravessara o muro de chumbo que cercava o covil de Breu.

O tempo era curto. Katherine tinha poucas opções, e nenhuma funcionava a seu favor. Mas então, quando Breu já estava a caminho de mais uma câmara, ela viu as jaulas de metal onde ficavam as crianças. Seus amigos!

Todos haviam voltado às jaulas para evitar que Breu descobrisse, mas William Alto e os outros também a viram. Gritaram e passaram as mãos pelos respiradouros para acenar. Ela tentou gritar em resposta, mas Breu repentinamente a passou para a outra mão. Ao fazê-lo, ela notou, apenas por um instante, que sua mão parecia diferente... transformada... quase humana. Então ouviu uma porta de metal se abrindo, e foi jogada numa sala pequena. A porta bateu depois que ela caiu lá dentro. Katherine ficou imersa na mais absoluta escuridão.

E, embora ele não soubesse, Breu a havia colocado justamente no lugar onde Katherine mais queria estar.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

A VOZ

OMBRIC VINHA SE PREPARANDO energicamente para sua viagem ao centro da Terra. Desde o momento em que entendeu o que acontecera com sua biblioteca e o papel do Sr. Qwerty naquele desaparecimento, trabalhara sem cessar para criar uma reprodução perfeita dela. Cada um dos livros, cada uma das histórias, todos os cálculos, tabelas, mapas, misturas, plantas, planos e feitiços foram duplicados e colocados em seu lugar. O vilarejo inteiro estava envolvido na tarefa, encadernando os textos que Ombric ditara a suas corujas (que eram peritas em escrever e desenhar com as duas garras ao mesmo tempo). Felizmente, Ombric podia contar com sua memória inigualável para recitar todo seu tesouro do conhecimento.

Quando o último volume foi costurado e encadernado, Ombric recuou um passo para poder observar tudo. Parecia que a biblioteca nunca havia sido tocada; parecia perfeita. Mas era tudo uma enganação. Havia erros cuidadosamente posicionados em cada mínima informação. Graças à memória perfeita de Ombric, ele sabia exatamente onde fazer uma alteração aqui, uma troca ali. Seguido ao pé da letra, nenhum feitiço daquela falsa reprodução funcionaria.

Ombric não tinha ideia da forma em que estava a biblioteca real desde que o Sr. Qwerty bravamente a devorara. O mago ficou impressionado com a sagaz estratégia do Sr. Qwerty e de Noiteluz, mas tinha que se certificar de que Breu não colocaria as mãos na biblioteca real — a falsa teria que enganar o vilão.

Fora uma tarefa extremamente cansativa, e ele ainda tinha que encontrar energias para se projetar astralmente junto à sua imensa biblioteca até o centro da Terra.

Sentou-se em sua cadeira predileta, pensando em seu arquivo de conhecimentos. Lembrando-se de que era tão satisfatório quanto também era um pouco amargo. Sentiu-se como se houvesse revivido todo o arco de sua vida.

Lembrou-se de quando aprendeu cada uma das magias: onde estava, quem estava com ele no momento. Percebeu que havia alcançado uma vida rica, selvagem, intensa. Vivera da forma que imaginara. Havia visto e conhecido mais maravilhas do que quase qualquer outro mortal. Então sentiu-se satisfeito, ainda que cansado. Precisava apenas descansar a mente por um tempo.

Ombric recostou-se e puxou a barba, as corujas a observá-lo com preocupação. Nunca haviam visto o mestre tão cansado, tão frágil.

A respiração de Ombric ficou serena e ritmada, e aos poucos ele caiu em sono profundo.

Sonhou com a época em que era uma criança na cidade da Atlântida. Houve um dia em sua infância que sempre o intrigara — o dia de sua primeira magia. E agora parecia estar revivendo-o. Não era muito mais jovem que o mais jovem dos Williams, e vinha ouvindo em segredo as lições de crianças mais velhas; tinha adquirido conhecimento que ainda não devia ter. Aprendera o segredo de como fazer um sonho desperto tornar-se realidade.

O jovem Ombric estava num campo aberto e começou a recitar o feitiço. Era um encanto complicado e que exigia grande concentração, mas ele era um garoto com talento. Fez toda força para manter o foco, até sua mente estar livre de toda distração. Entoou as palavras lenta e pensativamente. Ombric sempre sonhara acordado em poder voar. E após minutos ele começou a ser levado para o alto, de início apenas roçando o topo da grama verde e alta do campo, depois mais alto, enfim chegando ao céu. Voou em volta de nuvens, pairando e espiralando-se como um fantástico pássaro.

Mas estava voando rápido e alto demais. Sua mente jovem se exauriu. Não conseguia mais manter o feitiço, e começou a cair. O medo tomou conta de sua mente quando despencou rumo ao chão. Ele sabia que devia deixar de ter medo e focar-se no feitiço, mas seu coração estava disparado e o pânico o envolveu.

Começou a despencar sem controle, girando e girando em velocidade nauseante. Tudo virou um borrão, a situação era aterrorizante. Estava caindo tão rápido que começou a desmaiar.

E ficou feliz. Ele não suportava sentir um terror tão grande, e não queria encarar o instante que estava chegando — o momento em que se chocaria contra o chão e deixaria de existir. Quando começou a perder a consciência, sentiu uma

estranha tranquilidade. A aceitação do que viria a acontecer. Então ouviu uma voz sussurrar: “Acredito. Acredito. Acredito.” Era uma voz agradável. Uma voz que não reconhecia, mas que, mesmo assim, lhe soava familiar. E ele não sentiu mais medo. Então, quando tudo ficou escuro, ele soube — *soube* — que tudo ia ficar bem.

E ficou. Pouco depois, abriu seus olhos de criança. Estava no mesmo campo verdejante. Não estava ferido. Nenhum arranhão, nenhum machucado. Apenas os cabelos ruivos desgrenhados. Ombric nunca soube como havia sobrevivido ou quem lhe dissera as palavras mágicas. Mas naquele dia ele aprendeu o poder do medo, e que o medo era um inimigo que devia ser dominado sempre.

Então a lembrança terminou, mas o sonho prosseguiu...

Ombric agora se via no mesmo campo de sua infância. Não era mais um garoto, e sim muito idoso. Estava deitado na grama verde e macia. O dia estava fresco, confortável. Sentia uma brisa suave, e o céu ao alto estava repleto de nuvens brancas que passavam por ali como galeões gigantes. *Estou tão cansado. Talvez fique aqui para sempre, pensou. É tão tranquilo.*

Mas agora ouvia as palavras de novo, ecoando de muito longe. Desta vez a voz era diferente.

Era a voz de uma garotinha. Ele procurou se sentar rápido e, ao fazê-lo, viu Katherine de pé ao seu lado. Então Norte apareceu ao lado dela. Os dois o chamavam para juntar-se a eles.

Eles falavam, mas Ombric não conseguia ouvir. Conseguia apenas ouvir a misteriosa voz de muito tempo atrás: “Acredito. Acredito. Acredito.”

Então, de repente, ele acordou. Olhou ao redor de sua biblioteca, estupefato. Ainda podia ouvir a voz, mas lá só havia as corujas.

E pela segunda vez ele sentiu as mentes de Katherine e Norte tentando alcançar a sua. Os pensamentos deles e o seu haviam se conectado. Ele sentia — não, ele sabia — que corriam grande perigo e que devia agir naquele instante.

Pegou a caixa que continha o raio lunar de Noiteluz e as lascas do punhal de diamante. Então agitou seu cajado sobre as novas pilhas de livros. Sentiu-se forte de novo. Jovem de novo. Como o Ombric de outrora. Poderia projetar-se ao

centro da Terra? Em um instante! E os livros? Com certeza! Seus amigos precisavam dele! A paz que sentira no sonho que viesse depois.

Mas aquela voz do passado... a voz que o salvara naquele dia fatídico, em que aprendera a glória e o terror da magia. Agora lhe soava bastante familiar.

De quem — ou *do quê* — seria aquela voz?

CAPÍTULO TRINTA

No Qual Tudo se Interliga Graças a um Antigo Truque Telepático cuja Origem é Surpreendente

NORTE FICOU DESLUMBRADO. Pascoal era um louco, ou coelho, ou sei lá... um dervixe! Um demônio! Um rolo compressor! Não havia maneira de descrever os feitos eletrizantes do Pooka. Ele havia pegado a relíquia e a prendera na ponta de seu cajado, então a apontara para o muro de chumbo que bloqueava o caminho deles. Este chumbo antigo podia nunca ter visto a luz do sol, das estrelas ou qualquer outra luz que não de lava, mas agora via. A luz contida na relíquia disparava de mil minúsculos furos que se abriam na sua superfície. Esta luz *não* seria bloqueada nem consumida; era a luz que poderia remover o chumbo de forma tão suave quanto tirar a cera de um pergaminho.

Ainda assim, Norte sentia-se desconfiado — estava *fácil demais*. Os Medonhos continuavam a recuar sem opor grande resistência. Estavam entrando cada vez mais fundo no centro da Terra, e o relevo ondulado, peculiar, de chumbo e lava era difícil de identificar e de lembrar. Norte gabava-se de seu incrível senso de direção, mas agora não conseguia saber qual era o caminho para a saída, e seus instintos de guerreiro lhe diziam que estava sendo conduzido a uma emboscada.

Foi exatamente naquele momento que surgiu uma espécie de tinir nos seus ouvidos, uma sensação que bloqueava os ruídos da batalha à sua volta. Olhou para Pascoal e percebeu que o Pooka ouvia o mesmo.

A espada mágica também sentia. O espelho emergiu de sua empunhadura, e Norte pôde ver o rosto de Katherine. Os lábios dela não se mexiam, mas ele ouvia sua voz.

— Não temos tempo para eu lhe contar tudo. Temos que chamar Ombric para cá agora! — disse ela. — Ele precisa de nós, e nós dele. Breu armou uma armadilha para você.

Mas como vamos chamar Ombric?, perguntou-se Norte. Então lembrou-se de quando estavam em Papoff Noelen, quando sentiu suas mentes se unirem como se fossem uma. Sabia que precisava concentrar-se para fazer as mentes se mesclarem mais uma vez. Apesar do combate que se seguia a seu redor, ele fechou os olhos e tudo ficou em silêncio, com exceção de sua voz e da de Katherine: *Acredito... Acredito... Acredito*. Então ouviu a voz de Pascoal juntar-se às deles! Norte se surpreendeu. Tinham um novo aliado, um novo amigo.

Mas então Norte viu Ombric no espelho da espada. O mago estava deitado num gramado. Parecia triste, velho, como se estivesse prestes a morrer. Aquilo deixou Norte assustado, e ele pôde ver que Katherine e Pascoal sentiram o mesmo. Então eles o chamaram, as mentes unidas:

— Acredite, acredite, acredite. Você é necessário!

O espelho ficou mais claro, e Ombric não estava mais visível. Norte ouviu Katherine dizer:

— Tenha cuidado. Espere por Ombric. Espere por mim. — Então o espelho escureceu de novo.

Norte voltou-se para Pascoal, que sorria.

— Fazia séculos que eu não executava o elo mental pookano. Não tinha noção que você e a menina sabiam como fazer.

— E nem nós — confessou Norte.

— Tanto melhor — respondeu o Pooka. E saiu a saltitar, como um guerreiro-coelho-búfalo.

Norte não teve outra opção a não ser acompanhá-lo.

CAPÍTULO TRINTA E UM

A Louca Disputa

NORTE, PASCOAL E OS ovos guerreiros seguiram em sua investida nas profundezas do covil de Breu. Agora ciente da armadilha em que entravam, Pascoal deixou pequenos grupos de soldados (ou melhor, ovos) para ajudar a sinalizar a saída e para soar o alarme caso fossem cair em uma emboscada.

Mas os Medonhos continuaram a recuar, agora sem luta.

— Algo certamente está para acontecer, Pascoal — disse Norte.

— Eu diria que Breu está fazendo uma mudança tática de planos — concordou o Pooka.

— Vamos dividir o exército? — perguntou Norte.

— Um de nós vai em frente para investigar enquanto o outro cuida da retaguarda? — sugeriu Pascoal.

— Você leu minha mente — disse Norte, brincando.

— Sim — respondeu o Pooka —, mas só quando acho necessário.

Norte não sabia se Pascoal estava ou não brincando, mas, antes que pudesse perguntar, o coelho descomunal lhe deu um empurrãozinho amigável.

— Pois vá em frente, meu amigo; você queria Breu para si.

Norte olhou para o coelho enquanto liderava metade dos ovos rumo ao coração do esconderijo de Breu.

— Venha num pulo se ouvir alguma coisa — gritou por sobre o ombro.

O Pooka decidira deixar Norte ter a última palavra. Não se importava com as piadas de coelho às suas custas. Fazia pelo menos setecentos anos que ninguém lhe vinha com gracinhas. Quase se esquecera do prazer peculiar de brincar e ser alvo de brincadeiras, e de como os humanos usavam o humor para não demonstrar o medo.

E havia muito a temer naquele lugar.

Com lanças, espadas e clavas de prontidão, Norte comandou uma formação concisa de ovos a avançar com cautela. As tropas de Medonhos continuavam

recuando, suas armaduras barulhentas a enviar ondas de ecos apreensivos pelo túnel. Estava escuro — apenas o reluzir azul dos fluxos de lava plúmbea fazia alguma luz.

Então Norte ouviu o Rei dos Pesadelos berrar:

— Aproximem-se!

A espada de Norte automaticamente apertou-se na sua mão, mas seu brilho permaneceu fraco — Norte entendeu que ela estava fazendo de tudo para evitar que ele virasse alvo fácil naquele crepúsculo.

Chegaram então a uma ampla câmara. Grandes colunas de chumbo espiraladas davam um formato mais ou menos circular ao salão. As colunas alargavam-se no alto, quando se mesclavam no que se podia chamar de teto.

Atrás das colunas de chumbo, Norte via apenas Medonhos com armaduras pesadas. Eram um vasto exército, tão ameaçador quanto cinzento, que cercava por completo a câmara e parecia ansioso para atacar.

No centro do salão, Breu parecia triunfante em meio a todos os livros da biblioteca de Ombric. Estavam distribuídos aleatoriamente em pilhas gigantes sobre o chão irregular da câmara. Norte via *A História da Levitação Durante a Refeição*, *Mistérios das Chaves Desaparecidas* e os amados livros de Ombric sobre a Atlântida. *O que será que o velho está tramando?*, perguntou-se Norte. Breu fitou cada livro, voraz, então pegou um deles e começou a esquadrihar o conteúdo. Sorriu para si mesmo, depois ergueu o olhar para Norte, fitando-o com ódio e satisfação.

Norte retribuiu o olhar de Breu, e com o canto do olho viu as crianças de Papoff Noelen amontoadas em jaulas suspensas em vigas de chumbo.

Não se via Ombric em parte alguma, portanto Norte soube esperar o momento certo e aguardar até que o mago fizesse sua jogada. Norte percebeu que Breu aguardava que ele dissesse algo — explicasse a chegada dos livros ou exigisse a libertação das crianças.

Mas Norte continuou firme e tranquilo, como fazem apenas os guerreiros mais experientes. Deixe o *vilão* fazer o primeiro lance.

— Por que mandar um ladrão para fazer o serviço de um Pooka? — perguntou Breu, zombeteiro.

Norte não disse uma palavra; apenas aproximou-se, os ovos a seu lado. Ergueu a espada como se para atacar.

— De onde roubou *esta*? — questionou-o Breu, com curiosidade repentina. — É a espada de um rei, não de um criminoso cossaco.

Norte permaneceu em silêncio. A espada mágica brilhava. Breu, contudo, não pegou sua própria arma, mas, em vez disso, estendeu um dos livros de Ombric.

— Relaxe, fora da lei. Tenho o que pedi. Os livros estão aqui. — Breu voltou-se para um Medonho. — Liberte as crianças — ordenou.

O Medonho destrancou as jaulas suspensas, e as crianças pularam para fora. Tentaram ir correndo até Norte, mas o Medonho desembainhou sua espada e postou-a na frente delas, bloqueando o caminho.

Apontando para a jaula sólida de chumbo, William Alto gritou:

— Katherine e Noiteluz estão lá!

Norte deu um mínimo passo à frente, mas continuou sem dizer nada. Sua espada brilhou ainda mais.

— Não há por que atacar — disse Breu com voz apaziguante. — Aqui estão os livros. Negócio é negócio. Podemos tomar nossos caminhos e lutar outro dia. Que tal?

Norte observou-o com desconfiança. *Será que não teriam mesmo que lutar?*

— Porém... — prosseguiu Breu — ...preciso ter certeza de que os livros são o que aparentam. — E começou a ler um feitiço.

Norte sabia que o encanto era dirigido a ele. O que Breu faria? Transformaria Norte em fungo, em escravo, em general medonho? Preparou-se para atacar, mas a espada o deteve! Fez força, mas ela não cedia.

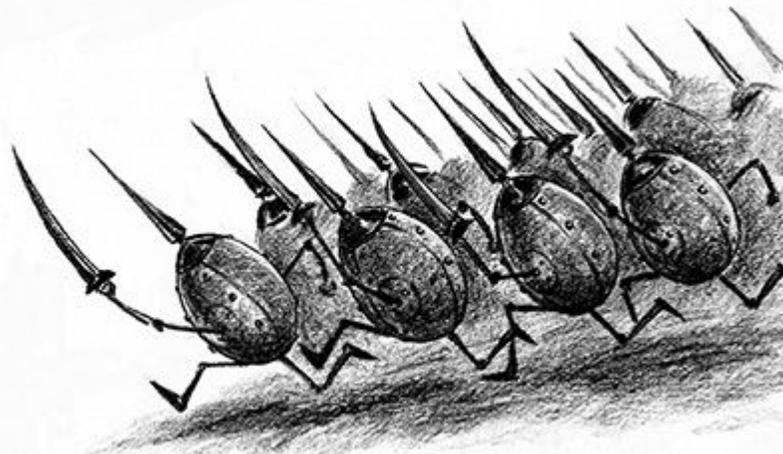
Então se lembrou do que Yaloo, o Yeti, havia lhe dito:

— Talvez a arma esteja lutando *por* você.

A espada deve saber de algo, concluiu Norte.

Breu, por outro lado, ficava mais irritado. Algo evidentemente não estava saindo como planejava.

Breu repetiu o feitiço do livro lentamente, com cuidado, como se testasse cada sílaba.



Então Norte compreendeu: o feitiço era inútil; os livros haviam sido sabotados!

Breu tentou mais um feitiço. Depois outro. Apanhou os livros com feitiços de submissão e leu as palavras que conhecia de cor.

— São todos falsos! — berrou. — FALSOS!

Norte preparou-se para atacar. Podia sentir o levante do Pooka e de suas tropas vindo de trás. Breu jogou o livro no chão e desembainhou a espada.

O salão explodiu em caos.

Os Medonhos avançaram sobre Norte. O choque ensurdecador de dois exércitos decididos a destruir um ao outro tomou a câmara. Então o grito de guerra pookano soou mais alto que a balbúrdia — Pascoal havia chegado, seu cajado com a relíquia emitindo raios de luz que ziguezagueavam pela sala, engolindo os Medonhos.

O salão estava em fúria com lanças, espadas, clavas, flechas e armaduras. Norte estava impressionado. Os ovos guerreiros eram combatentes incrivelmente ágeis. Conseguiram rolar, saltar e atacar à velocidade de um raio, e era muito difícil penetrar suas armaduras. Suas armas eram recheadas com a antiga luz da relíquia ovo e mais do que bastavam para dar conta dos Medonhos.

Norte manteve seu olhar fixo em Breu, que ia na direção das crianças. A espada dele emitia um brilho rubro; era hora de atacar. Investiu contra as densas aglomerações de Medonhos e ovos guerreiros, derrubando com facilidade cada inimigo que se colocava em seu caminho.

Breu abria sua capa. Ela fez uma onda e começou a cercar as crianças. Norte subiu as pilhas de livros à sua frente como se fossem uma escada, então saltou do topo, espada a postos, voando na direção de Breu. A capa do vilão ondulava em torno das crianças como um par de gigantescas garras. Antes que Breu pudesse fechá-la, porém, Norte caiu entre eles: vilão e ladrão face a face, espadas a postos.

Norte disse à espada:

— Faça o que for necessário. — Com dois hábeis golpes, ele partiu a capa dos dois lados de Breu. As crianças estavam livres! Mas, naquele instante de vitória, Norte baixou a guarda e Breu atacou com tudo.

Norte cambaleou para trás, sem fôlego. O cabo do sabre de Breu projetava-se de seu flanco; a ponta saía das costas de seu casaco. Ele fora atingido.

As crianças berraram. Breu deu um largo sorriso. Puxou a espada de volta. Mas Norte não cairia. Segurou com força sua espada mágica e ela respondeu, brilhando intensamente.

Foi então que ocorreram os milagres.

A jaula de Noiteluz explodiu, abriu-se e transbordou de luz. A câmara inteira se iluminou. Os Medonhos, cobertos por suas armaduras, ficaram quase cegos. Breu puxou o capuz de sua capa para a frente, para proteger seu rosto do brilho intenso.

Norte atacou de novo. Apesar dos ferimentos, apesar da dor lancinante, sentia um poder fantástico passar da espada mágica para ele. Era quase como se a espada conseguisse se lembrar de Breu e estivesse ansiosa para derrotá-lo. Em fúria indescritível, Norte investiu com tudo contra o Rei dos Pesadelos.

Mas Breu havia ficado mais forte desde o último encontro deles, e, mesmo com o poder da espada mágica, Norte era incapaz de vencê-lo. Os ferimentos dificultavam seus movimentos; ele se sentia enfraquecido. Então viu o djinni, descartado num canto. Sem Breu lá dentro, talvez ele ainda desse atenção às suas ordens.

— Djinni! — gritou Norte. — Ataque-o! — O djinni imediatamente enrijeceu-se e correu na direção de Norte. Pegou duas espadas que tinham caído em meio à batalha. Estaria vindo para ajudar ou para atrapalhar?

O djinni atacou Breu! *Agora temos uma chance*, pensou Norte, aliviado.

Quando ergueu o olhar mais uma vez, ficou estupefato ao ver Ombric lá também, lançando-se contra Breu com seu cajado e atingindo-o com mais golpes do que Norte esperaria de um velho mago. Então Pascoal entrou literalmente voando no salão, as orelhas a rodopiar com tanta velocidade que o faziam pairar como um helicóptero. Com a relíquia na ponta de sua lança, ele investiu contra Breu como um cavaleiro em combate.

Mas Breu estava preparado. Gritou para seus Medonhos e eles começaram a mesclar-se a ele. Breu cresceu, ficou mais alto e mais forte, as armaduras dos outros acrescentando camadas e camadas à dele. Agora Breu era realmente um monstro, tanto em tamanho quanto em espírito.



A vibração do Pooka interior

As crianças amontoaram-se num canto. Viam o que estava acontecendo — mesmo sem os livros de feitiços de Ombric, Breu parecia invencível. O medo invadiu seus corações.

Então, da jaula de chumbo saiu outro raio de luz e uma risada perfeita cortou os sons da batalha como uma flecha.

A risada de Noiteluz!

Noiteluz voou direto contra Breu, com Katherine em suas costas. Seu cajado estava firme, o punhal de diamante consertado e mirando o coração do Rei dos Pesadelos.

Norte viu os dois de relance enquanto riscavam o céu rumo a Breu. *Sensacional*, pensou. *O menino vai dar cabo dele.*

Mas Noiteluz deteve-se antes de chegar, pairando a centímetros da espada de Breu.

O que ele está fazendo?!, pensou Norte, parando em meio a um golpe.

— No coração, garoto! — gritou. — Ataque o coração!

Mas Noiteluz permaneceu estático. Breu, contudo, não. Lançou-se brutalmente contra Noiteluz. O garoto espectral aparou seu golpe, e o punhal de diamante estilhaçou a espada de Breu. Agora Norte e os outros podiam partir para o ataque final.

Mas antes que pudessem atacar, Katherine ergueu e mão e mostrou algo para Breu. Não era uma arma. Não, era algo que ela queria que ele visse. *O que ela tem na mão?*, Norte fazia força para enxergar. O medalhão! Com a imagem da filha de Breu!

Por um instante, pareceu que o tempo havia parado.

Breu olhou para o medalhão, seu rosto contorcido e monstruoso. Seu olhar não se desviou da imagem. Então seu rosto começou a se transformar, a raiva e a fúria diminuindo, substituídas por um olhar pesaroso, angustiado, de uma tristeza insuportável. Norte e os outros mantiveram-se parados, sem poder acreditar no que viam. O Rei dos Pesadelos não parecia mais horripilante, e sim horrorizado. Esticou a mão ferida — a que ele usara para tentar transformar Noiteluz em Medonho, a mão que agora tinha aparência humana. Puxou o medalhão de Katherine, e por um instante ela sentiu a mão dele. O toque não era de uma criatura das trevas. Era o toque de um pai que perdera a filha. Breu

soltou um longo e assombrado grito que veio das profundezas de seja lá qual fosse a alma que ainda tinha.

Olhou para a imagem por mais um instante e desvaneceu, sumindo por inteiro. O Exército Medonho desapareceu com ele.

E a batalha chegou ao fim.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS



Norte Ferido

PAIROU UMA LONGA E repentina calmaria na câmara. Lá estavam eles, enfim juntos, os heróis da batalha no centro da Terra. Um grupo tão fantástico quanto improvável: o garoto espectral, a menina, o cossaco, o antigo mago, o djinni de metal, o imenso Homem-Coelho e um exército de ovos guerreiros. As crianças correram para a companhia reconfortante de seus amigos e defensores. Mas Norte estremeceu quando o menor dos Williams subiu aos seus braços. Colocou a mão em seu ferimento, então largou sua espada e caiu sobre um dos joelhos.

Ombric e Katherine correram para o seu lado.

— Como está esse ferimento, rapaz? — perguntou Ombric, agachando-se para ficar mais perto. Norte não conseguiu responder. Ao deitarem-no, seu rosto ficou pálido, desprovido de cor. A espada caiu ao seu lado. Parecia enfraquecida, escura. Katherine pegou a mão dele. Estava gelada. Norte olhou para ela, que começou a chorar.

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS



A Transformação da Lagarta

ERA UMA LINDA TARDE na floresta encantada que circundava Papoff Noelen. As crianças do vilarejo brincavam de sua nova brincadeira favorita, que se chamava “Batalha no Centro da Terra”. As pesadas árvores à beira do pequeno bosque haviam dobrado seus galhos de uma forma que se assemelhava às colunas de chumbo do covil de Breu. William-Quase-O-Mais-Novo fazia o papel de Ombric, William Alto era Pascoal, Fog era o djinni e Petter era Noiteluz. O urso era Breu, o que funcionava muito bem, pois ele era enorme e muito bom em lutar com as crianças na dose certa de selvageria para deixar tudo divertido. Além disso, era difícil feri-lo por acidente.

Um grupo de esquilos fingia ser as crianças, vestidos com roupinhas iguais às que eles haviam utilizado durante a batalha. Os pássaros da floresta eram os Medonhos e um grupo de ovos guerreiros de verdade (presente de Pascoal) fazia o papel deles mesmos.

William-O-Caçula sempre quis ser Norte; ele o adorava, e foi ele quem por último o abraçara antes de Norte vir ao chão.

Petter berrou para Katherine juntar-se a eles, para interpretar a si mesma, mas ela não respondeu. Ela raramente entrava neste jogo — afinal, havia vivido aquilo, por isso não precisava interpretar. A irmã de Petter, Sascha, assumiu o lugar dela com prazer.

Katherine estava nos galhos mais altos da Troncuda. Ela havia construído uma pequena casa na árvore, improvisada, num dos cantos mais altos. Subia lá com frequência. Era onde podia ficar a sós para pensar e recordar.

Ela passava o tempo criando histórias sobre o que havia visto. Às vezes até escrevia pequenas rimas de suas aventuras. Um ovo havia caído de um muro na câmara de Breu durante a batalha. Ela tinha certeza de que ia se quebrar, mas a armadura o protegera. Se ao menos se pudesse dizer o mesmo de Norte. Ele havia se ferido. E ninguém achava que ele poderia se recuperar por completo.

Hoje ela estava combinando essas duas histórias em uma rima, fazendo desenhos de um grande ovo que se estilhaçara e não podia ser remontado. Às vezes ela inventava histórias diferentes do que havia acontecido, mas tinham a ver com como ela se sentia ou como ela gostaria que tivessem sido. Para ela, isso era uma nova forma de pensar, que adorava — e de que precisava. Essas histórias haviam se tornado uma misteriosa e nova força, uma forma de cura e de compreensão das maravilhas e tristezas de sua louca nova vida.

Na verdade, ela nunca ficava totalmente sozinha na casa na árvore. Kailash ia até lá voando e tirava um cochilo tranquilo enquanto Katherine escrevia, seu longo pescoço envolvendo a menina enquanto ela ficava encostada em seu corpo macio de penas.

E tinha ainda mais uma companhia: o Sr. Qwerty. Ou pelo menos o que ele havia se tornado.

Quando Noiteluz dissera ao Sr. Qwerty para comer a biblioteca a fim de protegê-la de Breu — sim, tinha sido ideia de Noiteluz —, algo excepcional aconteceu. Os feitiços e magias contidos nas milhares de páginas haviam transformado a lagarta lunar. Em seu casulo ele havia mudado, mas não para tornar-se borboleta. Em vez disso, transformou-se em algo que o mundo nunca havia visto. Tinha asas, muitas asas, mas feitas de papel — havia se tornado uma espécie de livro vivo! Suas páginas estavam todas em branco. Era nessas páginas que Katherine escrevia sua história.

Katherine podia ouvir os amigos brincando na floresta. Eles também estavam construindo uma história, a história daquela imensa e terrível batalha. Que sempre mudava, a cada encenação. Às vezes quem interpretava Pascoal entrava tarde demais, ou o urso fugia cedo demais, ou os esquilos resolviam participar da batalha e fugir das “jaulas” antes da hora. Mas uma parte era sempre a mesma: aquela em que Norte caía. Por algum motivo, parecia ser importante interpretar essa parte exatamente como havia acontecido.

Enquanto estava em sua casa na árvore, Katherine ouviu os amigos preparando-se para a última batalha do jogo. Parou de escrever para ouvir.

Na floresta, William-O-Caçula havia caído ao chão, o graveto, que fazia as vezes de espada, bem ao seu lado. Sascha, Fog, Petter e os outros ficavam à sua

volta enquanto ele parecia morrer. Então ele esticava a mão para pegar a espada mágica.

De repente, uma voz ressoou das árvores à beira da clareira.

— Não! Não! Não! — berrou Nicolau São Norte. E caminhou a passos largos na direção deles. — Não foi assim que aconteceu! Primeiro Pascoal me deu o chocolate mágico.

Norte veio até eles forte e animado. Carregava consigo um grande saco por cima do ombro.

— O chocolate mágico me salvou, aí peguei a espada e ela voltou a brilhar — Norte lembrou.

— Mas nossa espada de graveto não brilha de verdade — explicou o mais novo dos Williams.

— Bom, estas sim — respondeu Norte alegremente, virando o saco no chão. Espadas, cajados e relíquias de brinquedo, assim como fantasias, esparramaram-se pelo chão. — Fiz tudo hoje de manhã. Bem, o djinni ajudou um pouquinho.

As crianças ficaram encantadas com os presentes. Pegaram as fantasias e os armamentos e prepararam-se para dar sequência ao jogo.

Katherine desceu voando com Kailash. Ela queria ver como os amigos iriam interpretar o restante dos fatos agora que tinham acessórios.

Pascoal saiu de repente do chão; Ombric estava com ele. Os dois haviam se tornado colaboradores próximos desde a batalha, uma vez que Ombric descobrira que fora Pascoal quem o salvara no dia muito distante em que ele havia treinado sua primeira magia. Eles trocaram feitiços e histórias disso e daquilo. O mago sentia grande afinidade pelo Homem-Coelho — a única criatura viva mais velha e mais sábia do que ele. Estar ao lado desta criatura maravilhosa fazia Ombric sentir-se jovem, quase um estudante outra vez.

Os dois pararam por um instante e assistiram o desenrolar da brincadeira das crianças.

— Então como exatamente o chocolate o transforma, Pascoal? — perguntou Ombric ao novo amigo.

— Meu caro colega — respondeu o coelho —, não tenho muita certeza. Há mistérios que não precisam de solução. Importa entender por que os arco-íris aparecem?

— Acredito que sim — respondeu Ombric.

O coelho quase gargalhou.

— Ah, os humanos.

E das árvores acima, um espírito audaz e gentil os observava. Noiteluz, o que menos falava, mas que talvez mais sabia, pensava apenas no bem-estar que sentia. Estava entre verdadeiros amigos. O raio lunar, de volta ao punhal de diamante, sentia-se igualmente contente. O punhal agora estava maior. Continha as lágrimas que Noiteluz havia recolhido das crianças quando elas foram sequestradas. Ele usara as lágrimas para remendar o punhal partido. Noiteluz sempre soube que tirar as tristezas daqueles que você ama acaba tornando-o mais forte.

Ao lembrar-se daquilo, ele começou a brilhar um pouco mais forte. Katherine sentia seu olhar. Virou-se e olhou para cima. Não conseguia vê-lo — ele estava escondido —, mas sabia que estava por lá. O poder da amizade era realmente mágico. A felicidade que Noiteluz sentia espalhava-se para todos eles. Haviam feito o que os bons amigos devem fazer: salvar uns aos outros. Mesmo que tivessem de passar por perigos ou atribulações no futuro, dali em diante o laço entre eles seria inquebrável. Eles eram unos de mente e coração.

E aquele coração iria bater para sempre. Além do tempo e do vento e das histórias ainda a se contar.

Agradecimentos

Hip-Hip-Hurras para:

Elizabeth Blake-Linn, Caitlyn Dlouhy, Trish Farnsworth-Smith, Jeannie Ng e
Lauren Rille, e com estima especial para Laurie Calkhoven —
Guardiãs deste Livro, todas elas.

W.J.





Título original
THE GUARDIANS
E. ASTER BUNNYMUND
AND THE WARRIOR EGGS
AT THE EARTH'S CORE!

Este livro é uma obra de ficção. Referências a fatos históricos, pessoas reais ou locais foram usados de forma fictícia. Outros nomes, personagens, lugares, e incidentes são produtos da imaginação do autor, e qualquer semelhança com acontecimentos reais, localidade ou pessoas, vivas ou não, é mera coincidência.

Copyright © 2012 by William Joyce
*Rise of the Guardians*TM& © 2012 Dream Works Animation, LLC.

Todos os direitos reservados.

“Breu”, ou “Pitch” – design do personagem e elementos relacionados, usados com autorização.

Todos os direitos reservados

Todos os direitos reservados, incluindo o de reprodução no todo ou em parte sob qualquer forma.

Copyright da edição brasileira © 2013 by Editora Rocco Ltda.

Edição brasileira publicada mediante acordo com Atheneum Books For Young Readers, um selo da Simon & Schuster Children's Publishing Division.

Design do livro: Lauren Rille

Texto para este livro definido em Adobe Jenson Pro.

As ilustrações deste livro são apresentadas em uma combinação de grafite, carvão e mídia digital. Todos os direitos reservados.

Direitos desta edição reservados à
EDITORA ROCCO LTDA.
Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar
20030-021 – Rio de Janeiro – RJ

Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br / www.rocco.com.br

Preparação de originais
VIVIANE DINIZ

Produção do arquivo ePub
ROCCO DIGITAL

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

J79c

Joyce, William, 1957-

Coelhoberto Pascoal e os ovos guerreiros no centro da Terra! [recurso eletrônico] / texto e ilustrações William Joyce ; tradução Érico Assis. - Rio de Janeiro : Rocco Digital, 2013.

recurso digital : il. (Os guardiões ; 2)

Tradução de: E. Aster Bunnymund and The Warrior Eggs at The Earth's Core!

ISBN 978-85-8122-297-4 (recurso eletrônico)

1. Ficção infantojuvenil americana 2. Histórias de aventuras - Ficção. 3. Livros eletrônicos. I. Joyce, William. II. Título.

13-05291

CDD: 028.5

CDU: 087.5

O texto deste livro obedece às normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

o autor

William Joyce passou a maior parte de sua vida tentando decifrar os registros perdidos e quase destruídos das origens do Homem da Lua, do Nicolau São Norte, do Coelhooberto Pascoal e de todos os outros Guardiões da Infância. Estes registros foram encontrados no rancho da família Joyce, na saída de Abilene, Texas, em 1965. Atualmente, ele dedica seu tempo ilustrando livros e filmes. Pelos livros, levou três prêmios Emmy; pelo filme *Os fantásticos livros voadores de Modesto Máximo*, também lançado em livro pela Rocco Jovens Leitores, recebeu o Oscar© de Melhor Curta-metragem de Animação; também desenvolveu conceitos de personagens para filmes infantis de animação como *Toy Story* e *Vida de inseto*. Escreveu o roteiro e desenvolveu a concepção visual do filme *A origem dos guardiões*, cujos personagens foram inspirados na série de livros *Os Guardiões da Infância*. Joyce mora em Shreveport, Louisiana.

Você pode visitá-lo em:
www.moonbotstudios.com

Não perca a primeira aventura dos
Guardiões!

